

HILDA MARA LOPES ARAUJO
RONALDO MATOS ALBANO
GABRIEL DE OLIVEIRA LIMA
GEISA CAVALCANTE CASTELO BRANCO
GLÓRIA MARIA SANTOS MELÃO
PEDRO VICTOR GÓIS MACIEL
ORGS.

Contação de história para crianças

UM CAMINHO LÚDICO DE MÚLTIPLAS POSSIBILIDADES

HILDA MARA LOPES ARAUJO
RONALDO MATOS ALBANO
GEISA CAVALCANTE CASTELO BRANCO
GABRIEL DE OLIVEIRA LIMA
GLÓRIA MARIA SANTOS MELÃO
PEDRO VICTOR GÓIS MACIEL
ORGS.

Contação de história para crianças

UM CAMINHO LÚDICO DE MÚLTIPLAS POSSIBILIDADES



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ

Reitor

Gildásio Guedes Fernandes

Vice - Reitor

Viriato Campelo

Superintendente de Comunicação Social

Samantha Viana Castelo Branco Rocha Carvalho

Diretor da EDUFPI

Cleber de Deus Pereira da Silva

EDUFPI - Conselho Editorial

Cleber de Deus Pereira da Silva (Presidente)

Cleber Ranieri Ribas de Almeida

Gustavo Fortes Said

Nelson Juliano Cardoso Matos

Nelson Nery Costa

Viriato Campelo

Wilson Seraine da Silva Filho

Formatação

Francisco Renato Lima

Pedro Victor Góis Maciel

Geisa Cavalcante Castelo Branco

Capa

Maysa Figueredo Rocha



FICHA CATALOGRÁFICA
Universidade Federal do Piauí
Biblioteca Comunitária Jornalista Carlos Castello Branco
Divisão de Representação da Informação

C759

Contação de história para crianças : um caminho lúdico de múltiplas possibilidades / organizadores, Hilda Mara Lopes Araujo ... [et. al.].

– Teresina : EDUFPI, 2023.

130 p.

ISBN: 978-65-5904-231-9

1. Contação de história. 2. Lúdico. 3. Infância. I. Araujo, Hilda Mara Lopes.

CDD 372

Bibliotecária: Francisca das Chagas Dias Leite - CRB3/1004

Editora da Universidade Federal do Piauí – EDUFPI

Campus Universitário Ministro Petrônio Portella

CEP: 64049-550 - Bairro Ininga - Teresina - PI – Brasil





Programa de Educação Tutorial PET/Pedagogia - UFPI
Pró – Reitora de Extensão e Cultura
Deborah Dettmam Matos

Presidente do CLAA/PET
Germana Assunção Trindade

Tutora do PET/Pedagogia - UFPI
Hilda Mara Lopes Araujo

Projeto de Extensão
Uma Viagem ao Mundo do “Faz de Conta”: contar histórias como uma proposta de intervenção socioeducativa a partir do imaginário infantil

Coordenadora: Hilda Mara Lopes Araujo
Coordenador Adjunto: Ronaldo Matos Albano

Petianos

Alice Alves Machado
Ana Carolina Alves Ferreira
Armennia Vitória Araújo Santos
Daiana Cristina Dias Santos
Francisca Marília Silva Mendes
Gabriel De Oliveira Lima
Geisa Cavalcante Castelo Branco
Glória Maria Santos Melão
Hítalo Silva Próspero
Jose Renato Sales da Silva
Kédhyma Cabral França
Maycon Gabriel Lima Silva
Maysa Figueredo Rocha
Pedro Victor Góis Maciel
Ranaísa Braga da Silva
Ronni Cássio da Silva Araújo
Talita De Sousa Rodrigues

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO | 13

CONTAÇÃO DE HISTÓRIA E LETRAMENTO LITERÁRIO: UMA PROPOSTA A PARTIR DA OBRA “O CASO DA LAGARTA QUE TOMOU CHÁ DE SUMIÇO”, DE MILTON FILHO | 18

Dalila Castelliano de Vasconcelos
Aline Maria da Silva Gabriel
Fabiana Ramos

A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS ATRAVÉS DA SONORIZAÇÃO E DA HISTÓRIA CANTADA: RELATOS DE EXPERIÊNCIA | 27

Gabriel Nunes Lopes Ferreira
Emanuele Alves de Sousa
Gabriel de Oliveira Lima
Ivenilde da Silva Lopes Cronemberger
Jéssica Martins de Sousa
Liliane de Oliveira Amorim

A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: DA SUPERAÇÃO DO PRECONCEITO AO RESPEITO À DIVERSIDADE | 37

Maria Lemos da Costa
Alice Alves Machado
Cláudia Maria Pinto Diniz
Elenice Maria de Souza Ferreira
Francelena dos Santos
Suyanne Cunha Bittencourt

“A CORRIDA DE GAEL”: A PRODUÇÃO DE ANIMAÇÕES EM VÍDEO PARA CONTAR HISTÓRIAS DE INCLUSÃO DE PESSOAS COM TEA | 48

Fábio Soares da Costa
Gabrielle Felix de Alencar
Ana Beatriz Nascimento Melo
Márcia Eduarda da Silva Alves

“JOÃO E O PÉ DE GRATIDÃO”: ENTRE SINAIS E IMAGENS NA PERSPECTIVA DA INCLUSÃO | 60

Francisca das Chagas Cardoso do Nascimento Santos
Francisca Marília Silva Mendes
Josete Craveiro de Araújo
Lidiana Moraes Soares
Tarciane Maria Moraes de Araújo
Armennia Vitoria Araújo Santos

O ORIGAMI NA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS: UMA RELAÇÃO COM OS CAMPOS DE EXPERIÊNCIA DA BNCC PARA A EDUCAÇÃO INFANTIL | 69

Wirla Risany Lima Carvalho
Maria José Almeida Mascarenhas
Lahélia Mariano da Silva
Ligeovânia de Moura Andrade
Antonia Tayana Clemente Viana
Tâmia Letícia Hashiguchi

A HISTÓRIA NO LIVRO COMO FERRAMENTA PARA A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE INFANTIL EM SALA DE AULA | 82

Maria do Socorro Leal Lopes
Glória Maria Santos Melão
Iara Maria da Luz Santos
Sandra Maria de Sousa
Sammia Thaynnara Santos da Cunha

CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS PARA CRIANÇAS: RELATO DE EXPERIÊNCIA DO USO DAS TÉCNICAS VARAL DE HISTÓRIAS, DEDOCHE E FANTOCHE | 93

Ronaldo Albano Matos
Hilda Mara Lopes Araujo
Amanda Vieira de Sousa
Francisco Goncalves de Oliveira Junior
Maysa Figueredo Rocha
Talita de Sousa Rodrigues

PRODUÇÕES EM VÍDEO PUBLICADAS NA PLATAFORMA *YOUTUBE* SOBRE AS TÉCNICAS DE VARAL DE HISTÓRIAS, FANTOCHE E DEDOCHE | 104

Hilda Mara Lopes Araujo
Ronaldo Matos Albano
Andreza Bernardes Candeira da Silva
Juliana Maria Teixeira Rodrigues
Maysa Figueredo Rocha
Micaele Silva Nunes
Letícia Danielle Assunção Morais

LEITURA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: POSSIBILIDADES CRIADAS COM O USO DO TAPETE DE HISTÓRIAS | 116

Maria de Nazareth Fernandes Martins
Joana D'arck Borges Leal
Maria Aparecida da Silva Barros
Gabriela de Matos Soares
Maysa Figueredo Rocha

PERFIL CIENTÍFICO DOS ORGANIZADORES E AUTORES | 128

APRESENTAÇÃO

A contação de histórias se caracteriza como uma prática cultural que perpassa inúmeras gerações e permite a transmissão dos costumes e aspectos importantes de cada sociedade e suas especificidades em um dado momento histórico. Dessa forma, interagir com o outro por meio da contação de histórias, possibilita um amplo universo de apropriação do conhecimento, formal e informal, como um caminho lúdico e alternativo, sobretudo, se pensarmos na utilização desse instrumento no contexto da criança. Esses contextos podem ser os mais variados – a família, a escola, os espaços não escolares dos quais a criança faz parte – e, se utilizada da forma adequada, a contação permitirá significativos reflexos positivos no processo de desenvolvimento infantil, bem como no seu processo de aprendizagem.

Nessa perspectiva, o presente livro, intitulado: *Contação de histórias para crianças: um caminho lúdico de múltiplas possibilidades*, traz um apanhado de reflexões acerca dessa temática, em termos de propor, fundamentar e exemplificar práticas de contação de histórias que se constituíram a partir das experiências formativas e práticas do Projeto de Extensão: *Uma viagem no mundo do “faz de conta”*: contar histórias como intervenção socioeducativa a partir do imaginário infantil, desenvolvido pelo Programa de Educação Tutorial (PET) - Pedagogia da Universidade Federal do Piauí (UFPI), ao longo do ano de 2021.

O referido Projeto, no referido ano, ainda devido às restrições impostas pela pandemia da Covid-19, se desenvolveu no formato totalmente *online*, priorizando estudos e elaboração de materiais didáticos de contação de histórias com diferentes técnicas, por meio do Curso de Formação para os participantes do Projeto, a saber: estudantes da UFPI e professores da rede estadual de educação do Piauí, especificamente de escolas nas cidades de Luís Correia, Teresina e José de Freitas. O referido Curso, se estruturou em distintos módulos, a partir das diferentes abordagens sobre a temática da contação por professores-ministrantes da própria UFPI, como também, professores convidados de outras Instituições de Ensino Superior (IES). O resultado desse processo, ao longo da execução do Projeto no referido ano, se apresenta, portanto, numa sequência de capítulos que tratam de diferentes especificidades sobre a contação de histórias e suas múltiplas possibilidades de aplicação no universo infantil.

O primeiro capítulo, intitulado: *Contação de história e letramento literário: uma proposta a partir da obra “O caso da lagarta que tomou chá de sumiço”, de Milton Filho*, evidencia que o acesso à Literatura Infantil, enquanto arte, através da contação de histórias com uma mediação de qualidade, possibilita que a criança construa uma fruição estética,

promovendo assim, uma formação leitora. Assim, objetivou-se apresentar uma proposta metodológica voltada para o Ensino Fundamental, com vistas de explorar a temática da metamorfose, a partir do livro “O caso da lagarta que tomou chá de sumiço” de Milton Filho, de maneira a contribuir para a experiência estética de qualidade das crianças leitoras. Dessa forma, por meio de uma medição com perguntas que incentivam e instigam as crianças a se motivarem durante a contação de histórias, de forma que estas se introduzam na leitura, leiam e interpretem o texto, é possível contribuir para o desenvolvimento cognitivo, linguístico, bem como para a construção da subjetividade das mesmas.

O segundo capítulo: *A contação de histórias através da sonorização e da história cantada: relatos de experiência*, aborda as vivências das autoras em relação ao uso das técnicas da sonorização de histórias e da história cantada, por meio das experiências de participantes e de professores da Educação Básica no Projeto, revelando a importância da proposta de tais técnicas, em uma perspectiva da contação pelo meio virtual, bem como ressaltam a necessidade de discussões acerca da música na formação de pedagogos(as), além da importância do diálogo das artes em geral com a contação de histórias para a atuação dos professores em diferentes níveis, modalidades e contextos formativos.

O terceiro capítulo: *A contação de histórias na Educação Infantil: da superação do preconceito ao respeito à diversidade*, foi resultado das experiências educativas de professoras do município de Luís Correia (PI), que discutiram as perspectivas teóricas e metodológicas da contação de história na Educação Infantil e analisaram tais vivências durante a contação de história, fazendo uso de técnicas que enriquecem e ampliam as aprendizagens no momento lúdico. A contação mostrou-se uma estratégia importante no que se refere à superação do preconceito, pois o recurso “avental de histórias” cumpriu com a possibilidade de encantamento para as crianças, enfocando o que se pretendia alcançar com a história, em se tratando do respeito à diversidade, uma vez que o recurso desperta a curiosidade das crianças, possibilita a reflexão e a aquisição de novos conhecimentos, ao tempo que as crianças fazem questionamentos no decorrer ou ao final da história. Diante disso, destacam que a contação de histórias possibilita, por meio do lúdico, uma visão acerca dos assuntos sociais que permeiam a sociedade, a partir do momento em que trabalham questões como o preconceito, por exemplo, que, muitas vezes, inicia na escola, podendo assim, ser superado dentro dela, utilizando o entretenimento e a ludicidade.

O quarto capítulo: *“A corrida de Gael”*: *a produção de animações em vídeo para contar histórias de inclusão de pessoas com TEA*, apresenta uma reflexão acerca da construção de políticas de inclusão social e educacional, ao longo da produção e apresentação da história

“A Corrida de Gael” na forma de vídeo-animação, bem como objetivou reconhecer a contação de histórias como ferramenta para estimular na criança o gosto pela leitura, aliando-se com ações socioeducativas, que podem ser realizadas em espaços escolares e não escolares. O autista tem seu próprio modo de agir – suas particularidades, e, por conta disso, as pessoas tendem a não o incluir socialmente. Diante desse contexto conceitual e atual das relações que as pessoas com TEA têm com o ambiente escolar, percebemos que um dos recursos que podem favorecer a inclusão do autista nesses espaços educacionais é a contação de histórias, seja ela realizada por meio da mediação de um adulto ou por iniciativa própria do aluno, já que a literatura tem o poder de propiciar a descoberta de novos mundos, através da imaginação, desenvolvendo assim, a cognição e a leitura, além de viabilizar a possibilidade de se colocar no lugar do outro, fator importante no processo de desenvolvimento do educando.

O quinto capítulo: *“João e o pé de gratidão”*: *entre sinais e imagens na perspectiva da inclusão*, evidencia a importância da contação de histórias para crianças surdas, através da literatura e uso da língua de sinais. O texto aborda a história “João e o Pé de Gratidão”, a qual foi dramatizada e interpretada em Libras, resultando na gravação de um vídeo apresentado na plataforma *Youtube*, mediando, por meio desses instrumentais, o desenvolvimento e a inclusão dessas crianças, possibilitando assim, um fácil acesso ao conteúdo produzido e uma fácil divulgação para as crianças através da internet.

O sexto capítulo, intitulado: *O origami na contação de histórias: uma relação com os campos de experiência da BNCC para a Educação Infantil*, se propõe a relacionar o origami como ferramenta pedagógica desenvolvida na contação de histórias aos preceitos da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (BRASIL, 2018), no tocante à Educação Infantil. Os objetivos consistiram em discorrer sobre o que a BNCC apresenta para a Educação Infantil, com enfoque nos direitos de aprendizagem e desenvolvimento, além de discutir os campos de experiência idealizados para esta. Como resultado, o estudo apresentou ser possível o desenvolvimento de conhecimentos relacionados a cada campo de experiência a demais conhecimentos relacionados aos eixos temáticos e às outras áreas de conhecimento durante a infância, como, por exemplo, a Matemática. Por fim, foi possível afirmar que no desenvolvimento da Educação Infantil, a utilização da técnica do origami, junto à contação de histórias, é uma estratégia de ensino efetiva e eficiente.

O sétimo capítulo: *A história no livro como ferramenta para a construção da identidade infantil em sala de aula*, demonstra a possibilidade de desenvolvimento, através da contação de histórias, da consciência da pluralidade de características étnico-raciais existentes na sociedade, bem como o respeito pelas diferenças e a valorização da individualidade.

Especificamente, objetivou-se identificar preconceitos e o uso de expressões discriminatórias em sala de aula, através do faz-de-conta e da imaginação, contando a história *A Cor de Coraline*, de Alexandre Rampazo. A investigação demonstrou que a contação de histórias é um aliado na promoção da alfabetização e do letramento, e também um apoio para o trabalho em questões de grande importância para a sociedade, tais como: as étnico-raciais, contribuindo para a construção da identidade das crianças na Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental.

O oitavo capítulo, denominado: *Contação de histórias para crianças: relato de experiência do uso das técnicas varal de histórias, dedochê e fantochê*, relata a experiência sobre as técnicas varal de histórias, dedochê e fantochê, ressaltando a importância do desenvolvimento infantil articulado com a contação de histórias para crianças, e ainda, como a contação afeta a criança no âmbito da criação e da imaginação, ressaltando como o planejamento se revela crucial para um bom desenvolvimento do ato de contar histórias fazendo uso dessas técnicas.

O nono capítulo: *Produções em vídeo publicadas na plataforma Youtube sobre as técnicas de varal de histórias, fantochê e dedochê*, expõe o resultado de um levantamento sobre a produção de vídeos acerca das técnicas do varal de histórias, dedochê e fantochê, disponibilizados na plataforma virtual *YouTube*, articulados com o contexto da contação de histórias, possibilitando concluir que os vídeos pesquisados na referida plataforma, se mostraram significativos para o ensino, trazendo diferentes possibilidades de uso das técnicas e a ampliação dos conhecimentos acerca da contação de histórias através dessas três técnicas.

O décimo capítulo: *Leitura na Educação Infantil: possibilidades criadas com o uso do tapete de histórias*, discute as aprendizagens produzidas na apresentação da técnica tapete de histórias como possibilidade de realizar leitura para crianças da Educação Infantil, envolvendo o processo criativo e as significações mediadas pelo adulto para gerar o desenvolvimento infantil, imerso em elementos culturais por meio de versos do hino do Piauí, dando ênfase ao valor da cultura na construção social da criança desde bem pequena. O texto reflete que mediante a criação de modelos de atividade pedagógica, com a intervenção do adulto, como par mais experiente, é capaz de gerar situações em que a criança imagina, fantasia, fala, aprecia e interage, bem como destaca o lugar da contação de histórias no desenvolvimento da criança.

Reforçamos que este *E-book* descreve aspectos importantes acerca da contação de histórias e seu papel socioeducativo na Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental, proporcionando aprendizados que influenciam na construção do ser e do fazer docente. Ao ler esta obra, você leitor terá a chance de obter contato com práticas docentes

capazes de despertar o interesse da criança pela leitura, bem como estimular, desde cedo, o seu senso crítico e estético no processo de criação e imaginação. Assim, desejamos uma boa leitura, inspiração e provocação na busca e na compreensão do desenvolvimento do imaginário infantil, a partir da contação de histórias.

Findamos esta apresentação, destacando que a referida obra foi produzida pelo PET/Pedagogia - UFPI, Programa que recebe o apoio do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE), autarquia federal responsável pela execução de políticas educacionais do Ministério da Educação (MEC) e, em âmbito interno, somos apoiados pelo Centro de Ciências da Educação (CCE) e Pró-Reitoria de Extensão e Cultura (PREXC/UFPI). A todos esses órgãos e sujeitos que os representam, declaramos nossos agradecimentos!

PET/Pedagogia - UFP

CONTAÇÃO DE HISTÓRIA E LETRAMENTO LITERÁRIO: UMA PROPOSTA A PARTIR DA OBRA “O CASO DA LAGARTA QUE TOMOU CHÁ DE SUMIÇO”, DE MILTON FILHO

Dalila Castelliano de Vasconcelos
Aline Maria da Silva Gabriel
Fabiana Ramos

Introdução

A experiência das crianças no momento da contação de história pode mudar a partir da obra escolhida pelo contador. Há muitas obras que contemplam a mesma temática, porém, tais temáticas podem ser abordadas de formas muito diferentes, isto é, podem, de acordo com Aguiar *et al.* (2001), enveredar por duas vertentes, tanto pela vertente pedagogizante quanto pela vertente emancipatória. No presente trabalho, vamos discutir sobre o tema da metamorfose da lagarta, que é um tema muito abordado quanto se trata do universo infantil. Com esse mesmo tema tem-se obras, como: *Risoleta a Borboleta*, de Málus; *A primavera da borboleta*, de Ruth Rocha; *A lagarta e a borboleta*, de Lu Cândido; *Uma lagarta muito Comilona*, de Eric Carle; dentre tantas outras, mas nem todas, como dito antes, seguem um viés emancipatório. A título de exemplo, segundo Baptista, Petrovitch e Amaral (2021), *Risoleta, a Borboleta*, de Málus, contém um caráter didático pautado no ensino do processo de transformação da lagarta em borboleta, de modo que não contribui para a fruição estética do leitor.

Assim, a proposta metodológica a ser apresentada, voltada para o 3º ano dos anos iniciais do Ensino Fundamental, tem como objetivo explorar a temática da metamorfose, mas de uma maneira que contribua para uma experiência estética de qualidade, a partir do livro: “O caso da lagarta que tomou chá de sumiço”, de Milton Filho. Diante disso, cabe ressaltar que a metodologia seguida está baseada no modelo de sequência básica de letramento, de Cosson (2006), contemplando quatro passos essenciais, a saber: motivação, introdução, leitura e interpretação e nas contribuições do *Programa de Leitura Compartilhada de Histórias* (MOTA ROCHA; FIGUEIREDO, 2018).

Com vistas a alcançar o referido objetivo, o presente texto está estruturado em quatro seções. Na primeira, a presente seção, é apresentado o objetivo da proposta; na segunda, que trata-se da fundamentação teórica, é abordado acerca da Literatura Infantil, as características das obras infantis, suas concepções, a qualidade do livro infantil e a apresentação do autor e

ilustrador da obra literária trabalhada; na terceira, tem-se a metodologia, na qual são apresentados os passos a serem seguidos na proposta de letramento literário, a partir do momento de contação de histórias; e, na quarta, são apresentadas as considerações finais.

Fundamentação teórica

A Literatura Infantil, enquanto um gênero literário, possui algumas características singulares, pois segundo Aguiar *et al.* (2001), como arte, as obras literárias para crianças possuem características estéticas que envolvem a literatura como um todo. Em primeiro lugar, pode-se destacar o seu público-alvo, sendo seu direcionamento voltado especificamente para as crianças, mesmo que, por muitas vezes, possa não parecer e encante muitos adultos. Em segundo, suas temáticas voltadas para o universo infantil, a partir de uma ótica subjetiva, sendo, de acordo com Azevedo (1999), assunto da Literatura Infantil a paixão, a busca pelo autoconhecimento e pela identidade, a relativização da verdade, viagens no tempo, renovações, o mágico etc. Desse modo, os temas da Literatura Infantil são atemporais, pois atravessam as barreiras do tempo. Em terceiro, e último lugar, destaca-se sua vinculação com a arte e sua linguagem poética, assim como a utilização da ficção para encantar e motivar esteticamente seus leitores (AZEVEDO, 1999).

Na história recente da Literatura Infantil há duas concepções que se contrapõem. A primeira, concepção pedagogizante, que está muito presente, principalmente nas escolas de Educação Infantil, vê os livros infantis enquanto veículos para ensinar comportamentos e atitudes, além de propagar ideologias (AGUIAR *et al.*, 2001). Em contrapartida, a segunda, concepção emancipatória, vê a Literatura Infantil enquanto veículo da arte, visando o divertimento e o prazer, prezando assim, pela fruição estética e a formação leitora (AZEVEDO, 1999). Infelizmente, segundo Zilberman (2012), a Literatura Infantil é até hoje usada para fins pedagógicos, não sendo aceita como arte, o que causa grandes prejuízos à criança. Porém, a autora afirma que, a literatura quando encarada enquanto arte “[...] sintetiza, por meio dos recursos da ficção, uma realidade, que tem amplos pontos de contato com o que o leitor vive cotidianamente” (2012, p. 22).

À vista disso, se faz necessário que o educador, enquanto mediador, saiba escolher um bom livro, um livro que propicie essa fruição estética e que amplie as experiências da criança. Para isso, Zilberman (2012) argumenta que, a escolha dos livros literários para crianças deve estar relacionada à qualidade estética. Desse modo, é imprescindível que esse mediador da

leitura para as crianças saiba quais livros são de qualidade. Nessa direção, Baptista, Petrovitch e Amaral (2021) discorrem acerca da qualidade dos livros infantis. De acordo com as autoras, obras de qualidade são aquelas que proporcionam a ampliação das experiências do leitor, promovem a fruição estética, fomentam a imaginação e contribuem para a formação de subjetividades. Segundo Paiva (2016), tais obras podem ser analisadas por meio de três aspectos: a qualidade textual, diz respeito a elementos narrativos, verbal e imagético; a qualidade temática, se refere aos temas abordados e; o projeto gráfico, este referente a relação entre texto e imagem.

Sendo assim, percebe-se que a contação de histórias é um instrumento relevante para o letramento literário que, de acordo com Hospinal (2019), se refere as funções sociais da leitura e da escrita, pois a contação de histórias, de acordo com Silva, França e Menezes (2021), favorece o desenvolvimento do imaginário, da criatividade e propicia a apropriação da literatura, a partir do momento que constrói sentidos. Ressalta-se, pois, de acordo com Grazioli e Debus (2017), que o repertório do educador, a valorização do teor literário das obras, que carrega em si uma concepção emancipatória, prezando pela fruição estética, são elementos fundamentais nesse processo.

Sobre o autor e o ilustrador

O autor de livros infantis Milton Célio de Oliveira Filho, também professor de Língua Portuguesa e advogado, conhecido por suas invenções de jogos de tabuleiro, brinquedos e por suas obras de mistério, além de “O caso da lagarta que tomou chá de sumiço”, traz títulos, como: *O caso do pote quebrado*, *O caso das Bananas*, *O caso do favo de mel*, entre outros, publicados pela editora Brinque-Book. Consolidou sua carreira como escritor de livros infantis por sua escrita poética e seus finais inusitados nas obras. Dessa forma, o autor conta o selo “Altamente Recomendável” e com a seleção pelo “Programa Nacional Biblioteca da Escola”, da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil.¹

O ilustrador e escritor de livros infantis André Neves, integrante da Série Autores Brasileiros, além de ter suas obras circulando por diversos países, durante sua carreira já ganhou diversos prêmios importantes, como: Prêmio Jabuti (CBL), Prêmio da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ), Prêmio Açorianos, Concourse Lucca Comics

¹ Informações retiradas do site: <http://globolivros.globo.com/autores/milton-celio-de-oliveira-filho>.

Games, Premio Speciale (Itália) e XV Prêmio Internacional de Livro Ilustrado Infantil e Juvenil pela Conacultura (México). Dessa forma, o ilustrador contempla a obra “O caso da lagarta que tomou chá de sumiço” com seus traços característicos, enriquecendo as ilustrações de forma a ampliar as experiências do leitor mirim.

METODOLOGIA

Explorando a leitura do livro: ‘O caso da lagarta que tomou chá de sumiço’

Leitura do livro:

OLIVEIRA FILHO, Milton Célio de. **O caso da lagarta que tomou chá de sumiço**. Ilustrações de André Neves. São Paulo: Brinque-Book, 2007.

A obra intitulada “O caso da lagarta que tomou chá de sumiço”, do autor Milton Célio de Oliveira Filho, ilustrada por André Neves e publicada pela Brinque-Book, traz um curioso caso na floresta que aconteceu com a Dona Lagarta. Ela havia sumido. Preocupada, a sua amiga Joanhina logo contacta a Dona Coruja, a melhor investigadora da região, para resolver o misterioso caso da Lagarta.

Essa obra de Milton Filho aborda a temática, assim como tantas outras citadas anteriormente, da metamorfose da lagarta, porém de uma forma totalmente diferente, lúdica, divertida e prazerosa. O suspense e o mistério atraem a criança e a convida a pensar em soluções e explicações para o ocorrido.

Assim, antes de apresentar o livro e dar entrada na leitura da história o mediador, em uma roda de conversa, pode explorar o título “O caso da lagarta que tomou chá de sumiço” com perguntas do tipo: Vocês já ouviram ou conhecem a expressão ‘chá de sumiço’? Vocês gostam de chá? O que vocês acham que acontece quando uma pessoa toma esse chá? É um chá de verdade (no sentido literal)? Alguém que vocês gostam já desapareceu, isto é, tomou ‘chá de sumiço’? Todas essas perguntas podem ser respondidas pelas crianças oralmente, permitindo que conversem sobre suas experiências.

Em seguida, o mediador pode apresentar e introduzir a obra, mas, antes de ler a história, se faz necessário que a capa, o autor, o ilustrador e a editora sejam apresentados e explorados. Percebe-se então, que, nesse momento, o mediador tem a possibilidade de explorar as condições de produção, que segundo Machado e Cristovão (2006), se refere ao emissor, papel

social, público-alvo e meio de circulação, sendo a explicitação da mesma de suma importância para que a criança compreenda e se aproxime do gênero literário lido. Nesse momento, o mediador também pode trabalhar com conhecimentos prévios, levantamento de hipóteses e inferências, para assim, ir permitindo que as crianças iniciem o processo de construção de sentido (MOTA ROCHA; FIGUEIREDO, 2018).

Para explorar esses elementos citados anteriormente, associando à exploração do título feita anteriormente, o mediador pode indagar questões, como: Vocês conhecem esse bichinho da imagem? Vocês já viram esse bichinho por aí? Por que vocês acham que ele está dentro dessa xícara? Onde ele vive? O que ele come? A imagem tem relação com o título “O caso da lagarta que tomou chá de sumiço”? O que ele está fazendo na imagem? O que vocês acham que vai acontecer com ele? Vocês já leram algum livro que conta uma história com esse mesmo bichinho? De quem? Quem escreveu e ilustrou este livro? Vocês já leram algum livro de Milton Célio de Oliveira Filho? E do ilustrador André Neves? Já leram algum livro publicado pela Brinque-Book? Vocês gostam de ler ou ouvir histórias? Para que vocês acham que um livro serve? Para quem esse livro foi escrito: crianças, adolescentes ou adultos? Onde vocês encontram esses livros?

A partir dessas perguntas é possível, segundo Mota Rocha e Figueiredo (2018), construir um contexto emocional e afetivo no qual a criança aprecie a estética do livro, construa curiosidades sobre o livro e sobre seu conteúdo.

Tais processos foram verificados por Pillotto *et al.* (2021) que, a partir de uma pesquisa empírica, afirmam que a contação de história favorece o sentido de autoria e escuta e oportuniza vínculos afetivos que apresentam a experiência estética como mobilizadora de processos cognitivos e sensíveis.

Em consonância com esse argumento, Alves e Ramos (2014, p. 145) afirmam que:

O jogo dialógico entre professor, leitor e texto assume um papel fundamental na formação do gosto das crianças pela leitura e na sua formação como leitoras, afinal, o prazer de ler, a produção de sentidos e a ampliação do universo cultural é fruto de ações relevantes e planejadas.

O próximo passo, após a exploração da capa, do autor, do ilustrador e da editora, é a leitura da história, porém não pode ser uma leitura rápida e desatenta, se faz necessário uma leitura atenciosa, que possibilite o leitor debruçar-se sobre cada página e cada ilustração, atentando assim, tanto para o texto verbal quanto para o texto não verbal. Sobre o momento da leitura, Mota Rocha e Figueiredo (2018) argumentam que deve ser feita com boa entonação e

fluência, para que assim, chame o interesse da criança. Além disso, as autoras afirmam que o mediador deve fazer comentários em momentos necessários, encorajando-as a observar as ilustrações e a relação entre texto e imagem.

Destarte, no momento da leitura, o mediador pode, à medida que manuseia o livro, fazer perguntas do tipo: No início da história (p. 6-7), a Joanhinha, amiga da Lagarta, foi procurar a Dona coruja porque sua amiga ‘sumiu do mapa’, o que quer dizer essa expressão? Por que vocês acham que a Joanhinha procurou a Dona Coruja? Vocês sabem o que a coruja representa? Qual a expressão corporal da Dona Coruja (p. 7-8)? Por que vocês acham que ela está assim? Vocês conhecem algum bicho que ‘sem parar de ciscar, bica o que vê pela frente’? Que bicho seria esse? Para qual suspeito a dica leva (p. 9-10)? Com que cara a Dona Coruja está? Por que vocês acham que a Joanhinha acusou a galinha? O que ela come? Quem vem primeiro: o ovo ou a galinha? Que bicho é esse que fia a todo tempo? Com que bicho a Dona Coruja quer dar de cara (p.10-11)? Vocês sabem o que quer dizer ‘labuta’? Que bicho tem muitas pernas (p. 12-13)? Que bicho é tão preguiçoso (p. 14-15)? Vocês sabem o que é umbaúba? Vocês conhecem a expressão ‘lavar roupa suja’? Que bicho, às vezes, cai no prato de sopa ou de comida (p. 16-17)? Que bicho tem ferrão e produz mel (p. 18-19)? O que a abelha quis dizer com ‘minha vida é um livro aberto’? Que bicho entra em buracos na terra (p. 20-21)? Observem a coruja, por que ela está assim? O tatu parece suspeito? Vocês conhecem a expressão ‘bode expiatório’? Que bicho muda de cor todo tempo (p. 22-23)? Que bicho tem um bico grande (p. 24-25)? Vocês sabem os tipos de gravata? O que aconteceu com a Lagarta? Como a Lagarta conseguiu asas (p. 26-27)? Vocês sabem por que a Lagarta vira borboleta (p. 28-29)? Como é o nome de onde ela fica (p. 30-31)?

Logo após esse momento, o mediador tem a possibilidade de explorar a estrutura da narrativa (começo, meio e fim), por meio de um reconto coletivo. Acerca dessa possibilidade, Mota Rocha e Figueiredo (2018) dissertam que o reconto é um processo (meta)cognitivo e que por meio do mesmo a criança se relaciona com conhecimentos prévios, imagens mentais e respostas afetivas etc. Assim, a partir das falas (reconto oral) dos leitores criança, é possível identificar se compreenderam as três etapas básicas da narrativa, sendo elas: cenário ou início, complicação ou meio e resolução ou fim (MOTA ROCHA; FIGUEIREDO, 2018). Ademais, pensando no trabalho articulado entre leitura e escrita, este a partir de gêneros textuais, visto que possibilitam que o sujeito faça uso da língua em diferentes situações no dia a dia (VARGAS; MAGALHÃES, 2011), o mediador pode propor uma atividade que contemple a narrativa lida, tal qual, pedir que os alunos, depois do reconto oral, escrevam acerca da estrutura da narrativa.

Assim, por meio do registro escrito será possível que o docente tenha uma maior compreensão de como cada aluno está interpretando a história e sua estrutura. Outra possibilidade de atividade é solicitar que os alunos escrevam um conto de mistério/suspense com começo, meio e fim, pois de acordo com Cafiero (2010), isso sistematiza os gêneros a serem trabalhados em cada série, e nisso, o gênero conto é um dos mais adequados para se explorar no 3º ano. Por fim, ainda em uma roda de conversa o mediador pode fazer uma apreciação do texto lido e perguntar o que as crianças acharam da história, pois posicionar-se sobre um texto lido é uma forma de estar e agir no mundo e de relacionar-se com o outro (MARCUSCHI, 2008 *apud* MOTA ROCHA; FIGUEIREDO, 2018).

E, para além dessas atividades, o lúdico também pode ser explorado por meio de jogos ou brincadeiras que se relacionem com a narrativa. O mediador, assim, pode propor “O jogo do mistério”, que aconteceria da seguinte forma: o mediador deve anunciar o mistério e a turma deve receber um cartão secreto com um personagem (do mundo animal), sendo que em cada cartão terá um enigma, conteúdo também, uma expressão popular, que dará pistas sobre quem é o próximo personagem suspeito, de forma que os alunos serão divididos em: 1 vítima, 1 culpado e vários suspeitos. Cada rodada deve ser um mistério diferente.

A título de exemplo, pode-se propor:

Rodada 1 - Mistério: <i>O caso do leite derramado!</i> (vítima - o gato)	
Vítima	Caros amigos, venho pedir ajuda, pois nesta madrugada derramaram meu leite e quero pegar o culpado! Sinto que pode ter sido aquele rabugento! Pois vive por aí balançando o rabo e não larga o osso, desconfio do... (aqui os alunos devem apontar o próximo suspeito).
Cachorro	Ora! Caro amigo, isso não é verdade! E nem adianta chorar pelo leite derramado. Em minha defesa fico contente com muita facilidade e um ossinho é bom demais da conta, mas se não me falhe a memória ontem vi por aqui um bicho muito estranho, ele ama comer bananas, e uma bananinha com leite faria uma boa vitamina! Também fiquei sabendo que esse camarada vive pulando de galho em galho. Talvez tenha sido o... (aqui os alunos devem apontar o próximo suspeito).
Macaco	Rá-rá nem gosto de tal bebida! Bom mesmo, e isso quem me disse foi o meu amigo tamanduá, é uma formiga, pois faz um bem danado para a vista! Agora, vou deixar de macaquices e lhe dá uma dica que será mamão com açúcar, logo você vai saber, quem você está procurando não perde tempo, estava apressado para ver o décimo terceiro filho nascer, é branquinho como a neve, mas deveria ser laranja de tanta cenoura de come! Estou falando é do ...
Coelho	Macacos me mordam!

As perguntas, dessa maneira, devem ser pensadas de modo que incriminem algum animal e deem a possibilidade dos alunos conhecerem ditados e outras expressões populares que fazem parte de seu cotidiano, até que se chegue no verdadeiro culpado. Seguindo essa dinâmica, o mistério só será desvendado se os alunos acertarem o próximo animal suspeito.

Para enriquecer o momento ainda mais, é possível propor uma brincadeira que envolva adivinhações. Assim, o mediador pode propor o “jogo das adivinhas”, no qual a turma será dividida em dois grupos e cada grupo tentará acertar as adivinhas do grupo oponente. Esse jogo pode ter adivinhas, como: “O que é o que é: o queijo que mais sente dor?” “O que é o que é: quanto mais seca, mais molhado fica?”, “O que é o que é: cai em pé e corre deitada?”, “O que é o que é: quando estamos em pé eles ficam deitados e quando estamos deitados eles ficam em pé?”, “O que é o que é: entra na água, mas não se molha?” Entre tantas outras. Entretanto, cabe ressaltar que, esse momento, deve ser de diversão e não de competição, um momento que propicie ludicidade, criatividade e prazer.

Considerações finais

Ao pensar o momento de contação de história na formação leitora dos sujeitos criança, o mediador, seja ele um professor (a) ou um adulto responsável, ao escolher um livro de Literatura Infantil deve sempre prezar por obras que conversem com as experiências infantis, que possibilite divertimento e prazer, contribuindo assim, para a fruição estética. Além de contribuir para o desenvolvimento cognitivo e linguístico, a leitura, pensada a partir do letramento literário, contribui para a ampliação de seu contato com os textos literários e para a construção de subjetividades e de identidades, possibilitando que a criança se veja enquanto sujeito singular, que pode atuar criticamente no mundo.

Referências

AGUIAR, Vera Teixeira de *et al.* **Era uma vez... na escola**: formando educadores para formar leitores. Belo Horizonte: Formato Editorial, 2001.

ALVES, Maria de Fátima; RAMOS, Fabiana. Literatura Infantil e letramento literário nos anos iniciais do Ensino Fundamental. **SocioPoética**, Campina Grande (PB), v. 1, n. 13, p. 129-153, 2014.

AZEVEDO, Ricardo. Livros didáticos e livros de literatura: chega de confusão!. **Ponto de vista**, v. 5, n. 25, jan./fev., 1999.

BAPTISTA, Mônica Correia; PETROVITCH, Camila; AMARAL, Mariana Pereira Lara do. Livros de literatura para a primeira infância: a questão da qualidade. **Revista Electrónica leer, Escribir y Descubrir**, v. 1, n. 8, p. 10-23, 2021. Disponível em: <https://digitalcommons.fiu.edu/led/vol1/iss8/2/>. Acesso em: 15 jun. 2022.

CAFIERO, Delaine. Letramento e leitura: formando leitores críticos. *In*: RANGEL, Egon de Oliveira; ROJO, Roxane Helena Rodrigues (Coords.). **Língua Portuguesa: Ensino Fundamental**. Brasília: Ministério da Educação; Secretaria de Educação Básica, 2010. p. 85-106.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2006.

GRAZIOLI, Fabiano Tadeu; DEBUS, Eliane Santana Dias. A leitura literária na Educação Infantil: espaços, tempos e acervos. *Textura: Revista de Educação e Letras, Canoas (RS)*, v. 19, n. 39, p. 134-152, jan./abr., 2017. Disponível em: <http://www.periodicos.ulbra.br/index.php/txra/article/view/1758>. Acesso em: 11 nov. 2021.

HOSPINAL, David. Fundação Roberto Marinho. **Futura**, 2019. Disponível em: <https://www.futura.org.br/trilhas/alfabetizacao-e-letramento-qual-a-diferenca/>. Acesso em: 11 nov. 2021.

MACHADO, Ana Rachel; CRISTOVÃO, Vera Lúcia Lopes. A construção de modelos didáticos de gênero para o ensino de gêneros. **Linguagem em (Dis)curso - LemD**, Tubarão, v. 6, n. 3, p. 547-573, set./dez., 2006. Disponível em: http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/pdf/construcao_modelos_didaticos_generos.pdf. Acesso em: 21 jun. 2022.

MOTA ROCHA, Sílvia Roberta da; FIGUEIREDO, Rita Vieira de. **Comunidade e crianças lêem histórias na escola: promovendo a alfabetização e o letramento na escola pública**. Natal-RN: Terceirize Editora, 2018.

OLIVEIRA FILHO, Milton Célio de. **O caso da lagarta que tomou chá de sumiço**. Ilustrações de André Neves. São Paulo: Brinque-Book, 2007.

PAIVA, Aparecida. Livros infantis: critérios de seleção - as contribuições do PNBE. *In*: BRASIL. **Livros Infantis: acervos, espaços e mediações**. Brasília, 2016. p. 13-49.

PILLOTTO, Sílvia Sell Duarte *et al.* Contação de história e infâncias: as narrativas (re)inventam-se. **Linhas Críticas**, Brasília, v. 27, p. 01-19, 2021.

SILVA, Marluce Iraneide da; FRANÇA, Aurênia Pereira de; MENEZES, Aureliana Maria de Carvalho. Contação de Histórias: Relevância no Processo Ensino/Aprendizagem na Educação Infantil. **Revista de psicologia**, [S.l.], v. 15, n. 58, p. 687-697, 2021. Disponível em: <https://idonline.emnuvens.com.br/id/article/view/3355>. Acesso em: 26 out. 2022.

VARGAS, Suzana Lima; MAGALHÃES, Luciane Manera. O gênero Tirinhas: uma proposta de sequência didática. **Educação em foco**, Juiz de Fora, v. 16, n. 1, p. 119-143, mar./ago., 2011.

ZILBERMAN, Regina. **A Literatura Infantil na escola**. São Paulo: Global, 2012.

A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS ATRAVÉS DA SONORIZAÇÃO E DA HISTÓRIA CANTADA: RELATOS DE EXPERIÊNCIA

Gabriel Nunes Lopes Ferreira - gabrielnlf@ufpi.edu.br
Emanuele Alves de Sousa - emanuelealves.alves@hotmail.com
Gabriel de Oliveira Lima - gabriel.o.lima24@gmail.com
Ivenilde da Silva Lopes Cronemberger - kliviahartamos@gmail.com
Jéssica Martins de Sousa - jessicamartins@ufpi.edu.br
Liliane de Oliveira Amorim - lili.amorim0803@gmail.com

Introdução

A contação de histórias é uma prática educativa bem antiga, utilizada de diferentes formas e em diversos contextos. Dentro da universidade, ela pode ser de grande relevância para a formação de professores, principalmente pelo seu caráter interdisciplinar e transdisciplinar.

Na Universidade Federal do Piauí (UFPI), a contação de histórias surge como Projeto de Extensão através de uma iniciativa do Programa (PET) do curso de Licenciatura em Pedagogia. O Programa surgiu em 1979, implementado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), chamado de Programa Especial de Treinamento. Adiante, em 1999, a Secretaria de Educação Superior (SESu) do Ministério da Educação (MEC), ficou encarregada de gerir o Programa. Posteriormente, em 23 de setembro de 2005, foi instituído oficialmente a Lei 11.180, adquirindo um caráter institucional, objetivando a formação mais ampla e de qualidade dos acadêmicos, mediante uma aprendizagem sob orientação de um(a) professor(a) tutor(a) e concessão de bolsas para os discentes e tutores do Programa (BRASIL, 2005).

O referido Programa objetiva estimular a melhoria do ensino de graduação por meio do desenvolvimento de novas práticas e experiências pedagógicas no âmbito dos cursos de graduação, bem como desenvolver ações que procurem integrar o ensino, a pesquisa e a extensão, propiciando o bolsista a disseminar novas ideias e práticas em conjunto com os alunos do curso, conforme expressa o manual de orientação do PET (BRASIL, 2006).

A partir do exposto, o presente estudo pretende relatar as experiências vivenciadas em um projeto de extensão organizado pelo PET/Pedagogia abordando, especificamente, a sonorização de histórias e a história cantada. Trata-se de duas técnicas muito utilizadas por contadores e contadoras de histórias e que, no projeto teve, além de uma formação específica, estudantes que apresentaram histórias utilizando essas técnicas.

Isto posto, o Projeto intitulado: “Uma viagem no mundo do “faz de conta”: contar histórias como intervenção socioeducativa a partir do imaginário infantil”, constitui uma

continuação do conjunto de atividades desenvolvidas no ano de 2020. Destaca-se que no ano de 2021, parte considerável das atividades planejadas não ocorreram em decorrência da pandemia da Covid-19, considerando que eram atividades organizadas para o meio presencial.

Nesse contexto, apresenta-se ao pedagogo a necessidade de capacitação para atuar nesse cenário, o que requer um processo formativo, cujo sentido passa pela implicação de seres humanos a um contexto social e cultural, no qual suas existências se realizam em relação e interdependência com o outro, consigo e com o mundo. Esse processo de formar-se envolve uma composição ética, estética, política e cultural, desenvolvendo-se em circunstâncias que não são sempre lineares, harmônicas, mas comportam dilemas, contradições, ambivalências e brechas (MACEDO, 2010; ARAÚJO, 2011).

O Projeto Contação de Histórias

O Projeto denominado: “Uma viagem no mundo do “faz de conta”: contar histórias como intervenção socioeducativa a partir do imaginário infantil”, continuou no ano de 2021, de forma remota, tendo em vista a pandemia de Covid-19, que causou uma emergência de saúde pública de caráter internacional. Em razão disso, o PET/Pedagogia - UFPI desenvolveu o curso de “Formação de professores em contação de histórias na Educação Infantil e anos iniciais do Ensino Fundamental”, organizados por meio de módulos teóricos e práticos no decorrer do ano de 2021.

Diante desse contexto, o Projeto tem como objetivo geral reconhecer a contação de histórias como ferramenta para estimular na criança o gosto pela leitura, aliando-se com ações socioeducativas, que serão realizadas em espaços escolares e não escolares. A base para essa realização foram os campos de experiência da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (BRASIL, 2018), bem como o desenvolvimento subjetivo infantil e as relações desse processo com a aprendizagem da criança. No que tange aos espaços escolares, ressaltamos a relação desse objetivo com o processo formativo dos educadores da Educação Infantil e das séries iniciais do Ensino Fundamental. Tal fato, justifica-se por se considerar que a educação está posta em um novo cenário de transição, modificando as bases curriculares dos sistemas de ensino das redes escolares e dos Estados, bem como, a formulação das propostas pedagógicas das instituições de ensino, tanto público quanto particular.

É sabido que a arte de contar histórias sempre esteve intrinsecamente ligada à vida dos seres humanos, pois, desde os primórdios da humanidade, estamos acostumados a ouvir

histórias de nossos antepassados. Histórias contadas, muitas vezes, pela família, construindo a nossa forma de vida, costumes e cultura, sendo esta considerada uma das primeiras formas de aprendizagem (ABRAMOVICH, 1989). A contação de história pode auxiliar no desenvolvimento social, cognitivo e afetivo da criança, sendo utilizada como mecanismo didático no ensino do professor, pois favorecendo a aprendizagem. Nesse sentido, o Projeto em questão compreende a criança como ator social (FERREIRA, 2004; MÜLLER; CARVALHO, 2009), objetivando reconhecer a contação de histórias como ferramenta para estimular na criança o gosto pela leitura, aliando-se com ações socioeducativas realizadas em espaços escolares e não escolares.

Portanto, o curso de formação de professores constituiu-se em treze módulos. O primeiro teve como temática principal: “Formação e prática docente na Educação Infantil”, ministrado pelas professoras: Hilda Mara Lopes Araújo, Maria do Socorro Leal Lopes, Francisca das Chagas Cardoso do Nascimento Santos e Maria Lemos da Costa. O segundo módulo foi apresentado pelo professor Ronaldo Matos Albano, e teve como tema: “A contação de histórias no contexto da Educação Infantil: reflexões teórico-práticas na pesquisa científica”, visando mostrar a articulação que o Projeto de extensão promove ao articular as dimensões com o ensino e com a pesquisa, sobretudo, enfatizando a possibilidade de se desenvolver pesquisas sobre a temática da contação de histórias. O presente estudo teve relação com o terceiro módulo, apresentando o papel da música na contação de histórias e sua função na sociedade, ministrado pelo professor Gabriel Nunes Lopes Ferreira.

O quarto módulo se dividiu em dois encontros com os temas: “Sonorização na Contação de Histórias” e as diversas possibilidades que a sonorização de histórias oferece. Já no segundo encontro desse quarto módulo, a temática voltou-se para a técnica da História Cantada, ambos ministrados pela professora Liliane Amorim. No quinto módulo foi desenvolvida a temática: “O papel do brinquedo no processo ensino aprendizagem na Educação Infantil: considerações a partir de Vigotski” e foi mediado pela professora Eliana de Sousa Alencar Marques.

O sexto módulo abordou a temática: “Educação Infantil e o desenvolvimento da criança: reflexões sobre o ensino da leitura na escola”, sob a condução da professora Maria Nazareth Fernandes Martins, que trouxe reflexões acerca da importância da leitura na infância e como essa prática influencia e contribui positivamente para a formação das crianças, por conseguinte, deu ênfase a respeito de como vem ocorrendo a leitura por parte das crianças nas escolas e os desafios enfrentados pelas mesmas e pelos professores durante a prática da leitura.

Aliado com os objetivos do Projeto, o curso de formação trouxe no sétimo módulo o tema: “Uso das Tecnologias na Contação de História”, ministrado pelos bolsistas do

PET/Pedagogia, sob a orientação do professor Fábio Soares (UFPI) recapitulando, de forma expositiva aos novos alunos sobre o projeto “Contação de Histórias” do ano de 2020, apresentando as produções realizadas durante as oficinas de tecnologias, enfatizando a importância das tecnologias para educação e também, acerca da formação de bons leitores e escritores com embasamento teórico em Dos Santos (2021).

Por conseguinte, a voz é o instrumento de trabalho do professor e este fornece uma demanda vocal intensa, além da possibilidade de usar a voz ao fazer diferentes sons e entonações ao longo da contação de histórias. Diante disso, o oitavo módulo foi marcado pela presença da fonoaudióloga Sara Rayane Brito dos Santos, a qual trouxe um momento importante sobre informações a respeito da voz.

O encontro posterior, módulo nove, contou com a parceria do Núcleo de Estudos sobre Formação, Avaliação, Gestão e Currículo (NUFAGEC/UFPI), com a sua coordenadora, professora Neide Guedes Cavalcante e a professora Liamara Mendes de Sousa. Na ocasião, foram repassadas informações sobre publicação no evento organizado pelo referido Núcleo de Estudo, mencionando os objetivos do evento, palestras centrais, eixos temáticos e as mesas redondas que acontecerão ao longo do evento, prosseguindo com as dúvidas dos participantes sobre a ABNT e as apresentações em Comunicação Oral e Resumo Expandido/Pôster.

O décimo módulo fez a socialização de práticas desenvolvidas através da contação de histórias por professoras da Educação Básica do município de Luís Correia (PI). Já o módulo onze apresentou as experiências dos professores do município de Teresina (PI) e do município de José de Freitas (PI). O objetivo de ambos os módulos foi trazer as experiências vivenciadas pelos participantes com atividades que envolviam a contação de histórias, a fim de inspirar e enriquecer os professores cursistas que se encontram na sala de aula e que desejam inovação, criatividade e ampliação de conhecimentos.

No módulo doze, o grupo PET organizou uma apresentação que orientou os participantes para a parte prática, com a formação dos grupos, bem como a escolha das técnicas e recursos a serem utilizados. Por fim, o módulo treze, ministrado pela professora Janaina Gomes abordou a “Literatura infantil”, por meio do qual, a professora explicou sobre o universo literário e de onde surgiu o fascínio pela contação de histórias, além da importância da contação de histórias na Educação Infantil e o uso das técnicas utilizadas pelos professores.

Assim, como resultado de um longo caminho de encontros *on-line* e de trocas de saberes, o encerramento do Projeto Contação de Histórias ocorreu nos dias 18 (dezoito) e 23 (vinte e três) de novembro. O encerramento foi resultado de Oficina ministrada pela Profa. Fernanda Silva (nome social de Antônio Fernando Araújo Silva) no período de 09.03.2021 a

30.11.2021, sob o título: Rádio PET-PEDAGOGIA, Quadro: cantar e encantar. A oficina possibilitou aos petianos conhecimentos e treinos quanto ao uso simulado de um programa de rádio, culminando nas apresentações do encerramento do Projeto. O primeiro encontro foi realizado via *YouTube*, encenando um programa de rádio, de modo a apresentar, de forma lúdica, as atividades elaboradas pelos participantes do Projeto. Já no segundo, ocorreu um encontro voltado para a avaliação de todo o desenvolvimento do Projeto pela plataforma *Google Meet*.

Possibilidade na sonorização de histórias e história cantada

O som e a música estão presentes em nosso dia a dia desde a formação uterina e nós estamos cercados por eles a todo momento. Os sons do útero materno, o barulho dos órgãos internos da mãe e, até mesmo, o palpitar do coração são apreciados a partir da 20ª semana de gestação. Após o nascimento, “vivemos várias experiências sonoras em nossas ações sociais e culturais” (COSTTA, 2012, p. 09). É nesse meio familiar, social e cultural onde acontecem as primeiras experiências de contação de história.

Trazendo para o nosso projeto de contação de história, percebemos como essas experiências familiares, sociais e culturais são significativas na hora de construir, sonorizar e cantar uma história no ambiente educacional. Além disso, partindo de nossas vivências sonoro-musicais e passando por todas as etapas de construção da história contada, podemos entender mais sobre a sonorização de histórias através da sonoplastia de filmes, por exemplo.

Sonoplastia é o processo de criar, captar e manipular sons, a fim de produzir efeitos sonoros para vídeos, filmes, teatro, rádio e outros. É a técnica de reconstituição artificial de efeitos acústicos que acompanham uma determinada ação. Consiste, basicamente, em criar sons naturais por meio de objetos e materiais, a fim de produzir efeitos semelhantes ao de animais, movimentos de ação (andar ou saltar), manuseamento de objetos (armas, por exemplo), elementos da natureza (água, terra, vento ou fogo), entre outros. Esta prática, no mundo do cinema, é conhecida como Foley.

A sonoplastia na contação de história ajuda a estimular a imaginação. O contador desse tipo de história opera todos os efeitos sonoros, planejando as sensações que a música ou o som passarão para o espectador. Assim, sonorizar uma história é tornar sonoro um enredo ou determinadas partes dele, enriquecendo com ferramentas de áudio disponíveis na internet ou materiais específicos de musicalização infantil disponíveis nas livrarias, instrumentos

musicais, objetos sonoros e materiais alternativos a disposição do contador. Nesse sentido, percebemos que em tempos de confinamento, podemos usar os materiais que temos a disposição em nossa casa, de forma lúdica, imaginativa e criativa, levando em consideração os parâmetros sonoros e os elementos musicais, objetivando fazer com que os sons fiquem mais próximos possíveis do som real da fonte sonora da história.

A outra ferramenta utilizada na sonorização e para cantar histórias é a voz. Esse instrumento musical, que já veio embutido em todas as pessoas, é uma das ferramentas mais importantes na execução desse projeto, sendo utilizada não só para cantar as cantigas populares que encantam as crianças, mas também, para soar os sons do corpo (bocejo, assobios, riso e choro, por exemplo).

Ao discursar sobre a história cantada, podemos pensar, como ponto de partida, a apreciação de musicais e, até mesmo, as óperas como fontes de inspiração na hora de cantar a nossa história. Outras possibilidades estão relacionadas com o repertório folclórico brasileiro, que possui várias opções que se encaixam em muitas ideias retiradas da literatura infantil para a contação de história.

Além das cantigas populares, o contador também pode usar trechos de músicas do seu repertório pessoal para dar sentido a determinadas partes do enredo, sendo acompanhadas ou não, por instrumentos musicais harmônicos e melódicos (violão, ukulele, teclado), percussão (chocalhos, tambor, pandeiro, pandeirola) e, até mesmo, materiais alternativos (por exemplo, uma bacia de plástico, como tambor; um molho de chaves, como guizos; duas colheres de pau, como clavas), também construídos com reutilização de materiais (chocalhos de garrafa pet, tambor de lata, oceandrum com caixa de papelão).

O contador também pode usar esses mesmos elementos sonoros de acompanhamento como sonoplastia, de acordo com a necessidade de sua história, dentro do planejamento e de sua construção. Afinal, dentro desse universo sonoro musical de contação de história, podemos circular entre várias criações, mesclando sons e canto, história cantada com sonorizada usando a criatividade e a liberdade de criar dentro do objetivo que se deseja alcançar na construção da história.

Relato de experiência

O Projeto Contação de Histórias que aconteceu durante o ano de 2021, por iniciativa do PET/Pedagogia no contexto da UFPI, teve suas atividades desenvolvidas no formato remoto, através de produção de histórias cantadas em forma de vídeos.

Em tempos de educação remota e busca por alternativas metodológicas que auxiliem o ensino de maneira lúdica, essa atividade rendeu comentários bastante positivos. Durante nossas vivências, podemos perceber que, a partir do lúdico, conseguimos ajudar as crianças a se desenvolverem através da contação de histórias e brincadeiras, contribuindo para que o seu desenvolvimento seja integral.

A escolha da técnica sonorização de histórias/história cantada se deu pelo fato de a música ser uma ferramenta importante como formadora de cidadãos mais sensíveis e capazes de perceber melhor o mundo, a fim de expressarem-se por meio de diversas linguagens. Conforme Brito (2010, p. 91):

[...] a música é importante no viver, como uma das formas de relação que estabelecemos conosco, com o outro, com o ambiente. Somos seres musicais, dentre outras características que nos constituem, e o jogo expressivo que estabelecemos com sons e silêncios, no tempo/espço, agência, dimensões que por si só são muito significativas.

Após todos os encontros teóricos do projeto, chegou o momento de finalizar as atividades através da produção de um vídeo com uma história fazendo uso das técnicas de sonorização e história cantada, previamente abordadas, de forma expressiva e sonora, onde pudéssemos fazer uso de recursos acessíveis no trabalho com a contação de histórias.

A temática do primeiro grupo foi 'inclusão', com o objetivo de instigar a criança a compreender que ser diferente não é errado e que todos somos iguais, independente das escolhas e realidade de cada um. Nesse sentido, para o momento de contação apresentamos a história "Tudo bem ser diferente", de Todd Parr, uma história cantada adaptada, reescrita e gravada especialmente para o projeto.

O segundo grupo apresentou a história Gabriel, um menino curioso, uma história autoral, escrita e gravada especialmente para o projeto. A produção e a socialização desse material audiovisual envolveram olhares, respiração, gestos, suspense e muitas emoções geradas pela narração. Semelhante como afirma Girardello (2007, p. 04) "a professora que senta junto às crianças para contar uma história está se dispondo a uma interação que vai além do plano verbal". Objetivamos desenvolver a imaginação, a criatividade, a linguagem, a leitura e as ações empáticas com os personagens com registros de história sonorizada, a partir da temática de preservação do meio ambiente para crianças pequenas, abordando questões, como

desequilíbrio ecológico, animais em extinção, poluição, prevenção, amizade, dentre outros, objetivando o desenvolvimento da consciência ambiental. Assim, por meio da contação de história, os educandos foram oportunizados a dar sentidos e significados a diferentes situações da vida cotidiana.

Apesar da experiência do curso em um contexto pandêmico e de forma remota, que nos cercearam do contato corpo a corpo com professores e crianças, público-alvo da proposta, aprendemos muito sobre a prática da sonorização e história cantada e, mais ainda, da capacidade que o professor tem de ser multifacetado, tendo em vista a dinâmica de ensino-aprendizagem estar acontecendo de forma remota. Mesmo em meio às dificuldades encontradas, advindas dos percalços do ensino remoto, logramos êxito nas atividades desenvolvidas.

Importante ressaltar que nesse período pandêmico e graças ao avanço tecnológico, temos compreendido novos rumos para a educação e, conseqüentemente, novos desafios para os profissionais e futuros profissionais da educação, e, conforme afirma Gregio (2004, p. 02) “as novas tecnologias trazem consigo muitas facilidades, mas também introduzem novas exigências e competências no paradigma educacional, impondo adaptações”. Assim, por meio do acesso tecnológico, tivemos oportunidade de participar de diversas atividades, inclusive de produzir materiais que podem ser utilizados em variados contextos.

A função de um contador de histórias contempla a capacidade de transformar informações em conhecimento significativo, desenvolvendo com maestria a viabilização da aprendizagem e propiciando a formação de pessoas autônomas, participativas e críticas.

Na busca por conhecimento, muitos são os desafios que educadores enfrentam para cumprir sua missão educacional e permitem-se crescer na posição de aprendizes, em permanente construção, com oportunidade para compreender, problematizar e refletir sobre o desenvolvimento de ações educativas: “[...] mais do que ensinar, trata-se de fazer aprender [...], concentrando-se na criação, na gestão e na regulação das situações de aprendizagem” (PERRENOUD, 2000, p. 19).

Dentre tantos conhecimentos adquiridos no decorrer do curso, compreendemos que a prática pedagógica deve ser inovadora, com desenvolvimento de conhecimentos necessários à formação de uma identidade profissional e pessoal docente afinada com as exigências e as expectativas sociais para a educação de nossos tempos.

Esperamos assim, que a sonorização de histórias e histórias cantadas sejam práticas recorrentes na educação de crianças no âmbito educativo, proporcionando desenvolvimento cognitivo, físico e socioemocional.

Considerações finais

A partir de todo o exposto, percebemos que a educação em espaço escolar e não escolar vem confirmando que a pedagoga e o pedagogo necessitam vivenciar experiências além da sala de aula, de modo a se inserir nesse novo âmbito de atuação com uma visão redefinida, partindo para outros ambientes de formação profissional.

Dessa forma, a Pedagogia abrange uma variedade de espaços, pois o processo educativo efetivado ocorre em todos os momentos da vida humana, em uma diversidade de atividades sociais, políticas, econômicas, religiosas e escolares. Em vista disso, o pedagogo, como profissional da educação, busca introduzir uma cultura que propicie a reflexão e a solidariedade, de modo que sua metodologia não se restrinja às técnicas e às estratégias, mas, a uma construção intencional de conhecimentos e de interação em qualquer ambiente em que há relações humanas, dispondo de um arsenal de métodos e de teorias que, ao serem unidas, permitam em sua aplicabilidade, uma intervenção eficiente que considere as particularidades de cada contexto formativo experienciados pelos envolvidos no projeto.

Referências

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil**: gostosuras e bobices. São Paulo: Scipione, 1989.

ARAÚJO, Hilda Mara Lopes. **Processo identitário profissional**: as experiências formativas de licenciandos do curso de Física – UFPI. 2011. 186 f. Tese (Doutorado em Educação) – Centro de Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Rio Grande do Norte, 2011.

BRASIL. Presidência da República. Nº 11.180 de 23 de setembro de 2005. **Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos**. Brasília, DF, 2005. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=332-leisetembro2005&category_slug=pets-programa-de-educacaotutorial&Itemid=30192. Acesso em: 10 mar. 2022.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Superior. **Manual de Orientações Básicas -Programa de Educação Tutorial**. Brasília, 2006. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/pet/232-programas-e-aco-es-1921564125/pet-programade-educacao-tutorial-645721518/12228-manual-de-orientacoes-pet>. Acesso em: 10 mar. 2022.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Educação é a Base: Educação

Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio. Brasília: MEC/CONSED/UNDIME, 2018.

BRITO, Teca Alencar de. Ferramentas com brinquedos: a caixa da música. **Revista da ABEM**, Porto Alegre, v. 24, p. 89-93, set., 2010.

COSTTA, Silvio. **Educação sonora e musical**: oficina de sons. São Paulo: Paulinas, 2012.

DOS SANTOS, Alessandra Ferreira. **Leitura Infantil e formação do leitor na Educação Infantil Child Reading And Reader Training In Child Education**. Revista Amazon Live Journal, v. 3, n. 1, p. 1-05, 2021.

FERREIRA, Manuela. **A gente gosta é de brincar com os outros meninos**: relações sociais entre crianças num jardim de infância. Portugal: Afrontamento, 2004.

GIRARDELLO, Gilka. **Voz, presença e imaginação**: a narração de histórias e as crianças pequenas. Campinas: Papirus, 2007.

GREGIO, Bernadete Maria Andreazza. A informática na educação: as representações sociais e o grande desafio do professor frente ao novo paradigma educacional. **Colabor@, –Revista Digital da CVA-RICESU**, v. 2, n. 6, mar., 2004.

MACEDO, Roberto Sidnei. **Compreender/mediar a formação**: o fundante da educação. Brasília: Liber Livro, 2010.

MÜLLER, Fernanda; CARVALHO, Ana Maria Almeida. **Teoria e prática na pesquisa com crianças**: diálogos com William Corsaro. São Paulo: Cortez, 2009.

PERRENOUD, Philippe. Construindo Competências - Entrevista concedida à seção Fala Mestre. **Revista Nova Escola**, São Paulo: Editora Abril, edição 135, p 19-21, set., 2000.

ROCHA, D. O. S.; DEUSDARÁ, Bruno. **Análise de conteúdo e Análise do discurso**: o linguístico e seu entorno. DELTA. Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada, São Paulo, v. 22, n.1, p. 29-52, 2006.

A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: DA SUPERAÇÃO DO PRECONCEITO AO RESPEITO À DIVERSIDADE

Maria Lemos da Costa - marialc08@yahoo.com.br
Alice Alves Machado - alvesalvesmachado@gmail.com
Cláudia Maria Pinto Diniz - cmariadiniz@hotmail.com
Elenice Maria de Souza Ferreira - nicesferreira13@gmail.com
Francelena dos Santos - francelenasantos@gmail.com
Suyanne Cunha Bittencourt - suyannebittencourt@gmail.com

Introdução

Discutir sobre a contação de história na Educação Infantil constitui uma temática relevante, em virtude da importância da aprendizagem por meio das interações e das brincadeiras como eixo norteador da prática do professor (BRASIL, 2009). Sendo o eixo central dessa etapa da educação, as brincadeiras e as interações, na contação de história é possível trabalhar diversas temáticas, dentre elas, aqui trazemos reflexões sobre o preconceito e o respeito à diversidade, e buscamos compreender de que forma a escola, com a Contação de História pode contribuir para a promoção do respeito para todos.

Este estudo é resultado de experiências vivenciadas e desenvolvidas durante a participação no projeto: “Contação de histórias: uma viagem no mundo do faz de contas” desenvolvido pelo Programa de Educação Tutorial (PET), do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Piauí (UFPI), aliada às experiências de professoras do município de Luís Correia (PI), que atuam nessa etapa de ensino.

Para a escrita deste trabalho partimos da seguinte problemática: Como se desenvolve a contação de histórias na Educação Infantil para a trabalhar a temática do preconceito e o respeito à diversidade? A partir dessa problemática, elencamos os seguintes objetivos: discutir as perspectivas teóricas e metodológicas da contação de história na Educação Infantil e analisar as experiências vivenciadas durante a contação de história, fazendo uso de técnicas que enriquecem e ampliam as aprendizagens no momento da contação.

Para discutir essa temática, buscamos apoio teórico em: Abramovich (1997), Côrrea e Scalfi (2014), Ismael (2020), Pereira (2021), Scopel e Gomez (2006), entre outros, além das orientações dos documentos oficiais: Brasil (1996, 1998, 2009, 2010, 2017), que fundamentaram a temática desenvolvida no Projeto Contação de Histórias. É válido ressaltar que as experiências das professoras e a prática docente que revelam a importância da contação

de histórias para a formação de futuros leitores, do pensamento crítico e de saberes interdisciplinares.

O trabalho está estruturado inicialmente, com uma discussão acerca das perspectivas teóricas e metodológicas da contação de histórias na Educação Infantil no processo educacional das crianças como sujeitos sociais e culturais. Na sequência, apresentamos as contribuições da contação de histórias como estratégia metodológica para trabalhar o preconceito e o respeito à diversidade na busca de quebrar barreiras sociais e culturais; e, finalizando, compartilhamos as experiências vivenciadas com o uso do avental de histórias, recurso utilizado como técnica para contar histórias.

A contação de histórias na Educação Infantil: perspectivas teóricas e metodológicas

A Educação Infantil é a etapa inicial do processo educacional da criança. Nessa etapa, a criança deixa de fazer parte apenas do convívio familiar e passa a conviver em espaços escolares e em interação com seus pares. Nesse processo, ela vai ampliando suas aprendizagens e, assim, contribuindo para a construção de sua identidade. Os documentos oficiais (BRASIL 1996, 1998, 2009, 2017) que orientam sobre a prática docente na Educação Infantil trazem as especificidades que devem ser consideradas. Conforme as Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil (DCNEI), conforme Resolução CNE/CEB n. 5/2010 (BRASIL, 2010), as crianças devem ser compreendidas como:

[...] sujeito histórico e de direitos, que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura. (BRASIL, 2010, p. 12)

Dessa forma, a Educação Infantil se configura como etapa fundamental para que a criança tenha acesso a diferentes sujeitos (adultos e crianças) e se relacione com culturas diferentes daquelas que vivenciam em seu convívio familiar, possibilitando que se construa como sujeito social e produtora de cultura. É durante a contação de história, que a criança se torna e se reconhece com o sujeito histórico, compreende o que são direitos, possibilita interações com o eu e o outro, desenvolve a imaginação, a criatividade, ampliando a compreensão de mundo por meio da fantasia, da observação, da análise e da experimentação que criam condições de construir sentidos e significados das experiências que vivenciam.

A Educação Infantil deve garantir, em sua proposta, o conhecimento das contribuições histórico-culturais dos diferentes povos que compõem a sociedade brasileira, bem como promover o respeito à diversidade das crianças. Nessa perspectiva, é importante destacar o Art. 8º inciso IX da DCNEI, ao estabelecer que as propostas pedagógicas da Educação Infantil devem assegurar “[...] o reconhecimento, a valorização, o respeito e a interação das crianças com as histórias e as culturas africanas, afro-brasileiras, bem como o combate ao racismo e à discriminação” (BRASIL, 2009, p. 03). Com base nisso, compreendemos que essas proposições pedagógicas estão contempladas durante a contação de histórias.

Toda temática abordada na Educação Infantil precisa considerar os eixos: interações e brincadeiras (BRASIL, 2009), logo a abordagem de combate ao racismo e à discriminação deve ser trabalhada de forma lúdica, dentro do universo da criança, envolvendo conteúdos que tratem da identidade, das tradições culturais, entre outros, que valorizem a realidade da diversidade populacional. Assim, a contação de histórias se torna uma estratégia metodológica para auxiliar a prática do professor na abordagem dessas temáticas, uma vez que proporciona espaços de construção de respeito ao outro, de valorização das diferenças, da compreensão das singularidades e individualidades de cada sujeito em seu modo de ser e de estar na sociedade.

Nessa perspectiva, segundo Abramovich (1997, p. 24) “uma das atividades mais fundantes, mais significativas, mais abrangentes e suscitadas dentre tantas outras é a que decorre do ouvir uma boa história, quando bem contada”. Nesse sentido, entendemos que a contação de histórias pode contribuir para apresentar, na prática, possibilidades de ampliar a compreensão de uma sociedade em sua diversidade em vários aspectos para as crianças; e discutir, de forma lúdica, temáticas que envolvem valores, princípios, regras e normas que orientam a convivência no contexto social.

Mediante o exposto, optamos em desenvolver estratégias metodológicas com a contação de histórias, buscando promover junto às crianças condições de aprendizagem sobre o combate ao preconceito. As experiências aqui analisadas são resultantes das vivências durante a participação no Projeto Contação de Histórias e de atividades desenvolvidas na prática docente no município de Luís Correia (PI).

Sabendo que a contação de história faz parte do cotidiano de professores da Educação Infantil, e, tendo em vista que no período de ensino remoto fomos impulsionadas a pensar em como realizar atividades que possibilitasse a criança, mesmo distante, interagir com a contação de história, buscamos fazer uma discussão que propiciasse reflexões acerca da temática e de como esta possibilita aprendizagens nessa etapa.

Durante as atividades compartilhadas no desenvolvimento do projeto, fomos oportunizados, em cada módulo, a pensar sobre como podemos trabalhar em sala de aula diversas temáticas na Educação Infantil, e em como tais temáticas podem contribuir, de forma lúdica, para estimular o imaginário e a criatividade para a formação integral das crianças, sendo permeadas pelo cuidar e pelo educar. No percurso de realização do planejamento, o que envolveu a construção do material e, em seguida, a produção dos vídeos a serem apresentados na culminância do Projeto e, posteriormente, disponibilizados à comunidade escolar, compreendemos a importância das bases teóricas e de como elas possibilitam a análise dessa temática, bem como das estratégias que podemos fazer uso nas atividades em sala de aula.

Para discutir o preconceito e o respeito à diversidade é importante ressaltarmos as contribuições do Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RECNEI) (BRASIL, 1998), o qual orienta sobre a Educação Infantil e traz a concepção de criança sendo historicamente construída, mostrando o quanto ela é diferente no interior de uma mesma sociedade, apresenta diferenças conforme os contextos sociais, culturais e econômicos, o que evidencia a criança como um sujeito social e histórico. E, nas práticas com a contação de histórias, essas singularidades precisam estar presentes. Nesse sentido, o tópico seguinte discute essas perspectivas.

Preconceito x respeito à diversidade: a importância da contação de histórias na Educação Infantil

Sabemos que a escola – aliada a família – tem papel fundamental na formação e no desenvolvimento da criança como ser social e cultural. Segundo Scopel e Gomez (2006, p. 02), “a escola faz parte de um contexto social múltiplo que envolve diferentes realidades”. Diante disso, os conceitos e os ensinamentos que são postos no ambiente escolar estão presentes nos mais amplos espaços da sociedade, tendo assim, um papel relevante na construção da mesma.

A partir da prática que é desenvolvida dentro da escola, é possível trabalhar o preconceito que, por vezes, parte ou se inicia nela. Para essa prática, se faz necessário a discussão dos conhecimentos da ciência em articulação com os conhecimentos da cultura, dos modos de vida de cada sujeito. E, na Educação Infantil não é diferente, uma vez que a articulação desses conhecimentos desenvolvidos de forma lúdica torna-se uma importante estratégia que viabilizará condições para a produção de aprendizagens. Segundo Scalfi e Côrrea (2014, p. 109) é de grande importância que se introduza a ciência na vida das crianças:

[...] é preciso ter em mente que se o que se almeja é a efetivação da ciência na vida das crianças - ou seja, que as crianças possam lidar com esses temas [...] não basta apenas iniciá-las nesse mundo científico, ou criar o gosto pela ciência. É preciso ir além fazer com que elas se apropriem efetivamente de seus saberes, aprendendo esse mundo, seus efeitos e suas contradições.

Ainda conforme Scalfi e Côrrea (2014), é possível disseminar o conhecimento para as crianças, instigando a curiosidade através da literatura infantil, desenvolvendo assim, por meio da contação de histórias, o imaginário infantil e a sua compreensão de mundo, bem como suas contradições. Entendemos que a contação de história, ao mesmo tempo que estimula a imaginação, desenvolve também o pensamento crítico das crianças.

O Brasil é constituído das mais diversas etnias e culturas, as quais devem ser respeitadas, valorizadas e potencializadas em saberes e modos de produção de existência. Desse modo, nos espaços de educação escolarizada, as atividades em sala de aula devem combater qualquer prática de preconceito. Desse modo, na Educação Infantil a contação de história pode se constituir como uma estratégia metodológica que, por meio do imaginário da criança, contribui para desenvolver atitudes que valorizem as diferenças socioculturais.

Na contação de histórias é possível contemplar os campos de experiências (BRASIL, 2017), dentre eles, podemos citar: “O eu, o outro e o nós”, o contato, o convívio, a interação com o outro, com pessoas de diferentes culturas, possibilitando compreender que somos diferentes e somos iguais no que se refere ao respeito às singularidades de cada indivíduo.

Para desenvolver a temática sobre o preconceito e o respeito à diversidade e discutir as possibilidades de trabalhar o contexto da Educação Infantil através da ludicidade, optamos por explorar um clássico da literatura “O peixinho de chocolate” de Carmem Mendonça, o qual foi desenvolvido com o avental, recurso utilizado nas estratégias para a contação de histórias, conforme apresentamos a seguir.

Avental como recurso para contar histórias: o peixinho de chocolate

A contação de história é uma atividade permanente da rotina na Educação Infantil. Assim, o professor deve sempre buscar diferentes estratégias para contar e encantar os alunos de forma lúdica, criativa e prazerosa, conforme nos diz uma das professoras, ao afirmar que faz uso “*diariamente como estratégia que visa a sensibilização para se trabalhar alguma temática. Utilizando sempre recursos e procurando envolver as crianças nas histórias tornando o momento alegre e prazeroso*”.

Dentre esses recursos utilizados durante o momento da contação de histórias, temos o avental de histórias que “[...] pode ser usado para construir um cenário de histórias, podendo ser feito de feltro, assim as figuras podem ser coladas nele, outra opção é colocar os personagens nos bolsos do avental e ir retirando ao decorrer da história” (ISMAEL, 2020, p. 04). O avental de história foi construído em EVA, conforme segue a Figura 01.

Figura 01: O avental de histórias produzido pelas professoras



Fonte: Arquivo pessoal das professoras (2021)

Conforme a Figura 01, o avental de histórias é um recurso visual, tátil, colorido, atrativo, alegre, lúdico, dentre outras características, que possibilita ao professor trabalhar a contação de histórias de forma interativa. É um recurso que proporciona as crianças observar e analisar a construção e o desenvolvimento da história no decorrer da contação, pois o professor vai montando o cenário da história no avental e ao mesmo momento que vai contando a história, esse recurso desperta a curiosidade dos alunos para descobrir o elemento que irá aparecer para compor o cenário e os personagens em cada momento da história.

Além do desenvolvimento da criatividade e da imaginação “esse recurso pode ser utilizado na rotina da Educação Infantil também com montagem coletiva, em que os estudantes

participam da construção no cenário no próprio avental” (PEREIRA, 2021, p. 123). O avental de histórias é um recurso que faz parte da realidade dos educandos. Dessa forma, apresentar esse recurso como uma estratégia de ensino desperta o interesse do aluno, pois é um objeto do seu conhecimento, agora utilizado também nas atividades em sala de aula com outra finalidade, de modo que compreendemos que ela oferece diferentes possibilidades para trabalhar vários conteúdos nas propostas pedagógicas.

São diversas as possibilidades de trabalhar e proporcionar aprendizagem significativa às crianças utilizando o recurso do avental de histórias como estratégia metodológica, principalmente por este apresentar elementos surpresas e coloridos, que chamam a atenção e despertam a curiosidade da criança. De acordo com Scalfi e Corrêa (2014), na Literatura Infantil fazer uso do recurso avental para a contação de histórias contribui para difundir conhecimentos científicos e de mundo de forma lúdica. Os autores enfatizam ainda que:

Não se sabe ao certo a origem dos aventais de histórias, mas acredita-se que eles sejam derivados da ideia dos tapetes contadores de histórias. Mas, o que é percebido é que as técnicas utilizadas para os aventais são muito próximas à dos tapetes, incluindo as estratégias visuais e o método de criação do avental. (SCALFI; CORRÊA, 2014, p. 109)

Em face desse contexto, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) traz como direito de aprendizagem: “[...] demonstrar valorização das características do seu corpo e respeitar as características dos outros (crianças e adultos) com os quais convive” (BRASIL, 2017, p. 45). Dessa forma, a contação da história “O peixinho de chocolate”, por meio do recurso avental de histórias, proporcionou o trabalho de forma lúdica acerca da temática diversidade com um novo olhar, de valorização e de reconhecimento das diferenças. Isso ocorreu ao passo que os peixinhos foram colocados no avental e os alunos foram identificando as suas diferenças (cores, formas, habilidades, tamanhos etc.).

As crianças tiveram a oportunidade de reconhecer as diferenças por meio de uma abordagem lúdica, com a compreensão de que todos os seres são diferentes e nós também somos diferentes em nossos sentimentos, necessidades, culturas e formas de agir. De acordo com Abramovich (1997, p. 17), “é através de uma história que se podem descobrir outros lugares, outros tempos, outros jeitos de agir e de ser, outra ética, outra ótica”.

O tema proposto buscou enfatizar o respeito às diferenças, para isso, optamos pela escolha da história “O peixinho de chocolate”, de Carmem Mendonça. O enredo da história retrata uma mamãe peixe que ao dar à luz a um peixinho de cor marrom causou espanto no

fundo do mar, mas com a compreensão, a aceitação e o respeito dos demais, a chegada de seu filho peixinho foi motivo de muita felicidade (MENDONÇA, 2000).

Diante disso, a história busca contribuir para que as crianças questionem sobre as atitudes que desenvolvem desde cedo em sociedade, assim são levadas a pensar e construir o respeito às diferenças. A partir da proposta do avental de história, que além de chamar a atenção, é possível criar possibilidades e proporcionar a interação das crianças durante a história, uma vez que as cores, as texturas, a maneira como são organizados e produzidos os cenários e os personagens tornam o momento da história mais atrativo.

Esse recurso faz com que as crianças criem expectativas com base nos personagens que venham a surgir do bolso do avental e interajam ao final da história, tocando nos personagens. Conforme afirma Pereira (2021, p. 123):

Este recurso é uma maneira criativa de ser usado, pois permite que o professor chame o estudante para interagir na colagem das personagens e das situações retratadas na obra, utilizando o avental. Esse recurso pedagógico proporciona um momento de descontração, diversão, encantamento e ludicidade, em que os estudantes são sujeitos ativos na aprendizagem. Nesse momento de contação de histórias, o estudante tem a oportunidade de interagir e viver o que está sendo contado.

Dessa forma, a partir da escolha da história – remetente a temáticas com conteúdo de cunho social, conteúdos atitudinais – passamos ao planejamento para a elaboração da proposta, a qual buscou referenciar o mês da consciência negra, momentos em que discutimos a partir de nossas vivências, das experiências em sala de aula e das bases teóricas, as possibilidades de trabalhar com as crianças a temática proposta, utilizando o avental de histórias.

Nesse momento, também refletimos e realizamos várias análises sobre o avental de histórias como: “[...] *um recurso importante na formação da identidade da criança, pois permite por meio da imaginação que a criança se identifique com as situações e desenvolva meios de lidar com seus sentimentos e emoções. Dessa forma, a história tem um grande potencial de levar a criança a aprender a conviver com o outro e suas diferenças construindo uma melhor compreensão do mundo que a cerca, promovendo o respeito às diversidades sociais e culturais*” (Depoimento de uma das professoras).

Em seguida, houve a construção da proposta de apresentação e dos materiais para a produção de vídeo com a história. Nessa fase, ocorreu a apropriação da história, tendo em vista que é preciso que se conheça antes de iniciar a contação; após, partimos para a execução, na qual os ensaios e as gravações foram feitos de maneira individual, tendo em conta o formato remoto das atividades em cumprimento das medidas sanitárias em combate ao novo

coronavírus (SARS-CoV-2), causador da Covid-19. E, em seguida, foram feitas as edições com a finalização do vídeo para a socialização no final do curso.

Ademais, o avental de história foi construído na cor azul, que remeteu ao fundo do mar, logo passou por uma adaptação, a partir da inserção de um bolso, para que fosse possível o suspense da história, ao retirar e introduzir os personagens. Esses foram produzidos com material em EVA, dando um toque colorido aos mais diversos tipos de peixes do mar.

Segundo Pereira (2021, p. 123), “[...] a confecção do avental de histórias é facilitada com o acesso aos recursos tecnológicos, pois o professor pode obter várias histórias por meio da impressão colorida, montando seu avental de forma diferenciada”. Logo, a confecção do avental se deu de maneira manual, no entanto, com a realização do projeto em formato remoto, tornou-se possível enriquecê-lo a partir de recursos tecnológicos de imagem, áudio e vídeo.

É válido ressaltarmos as contribuições do Projeto para a formação dos professores da Educação Infantil. Por exemplo, uma das professoras durante os momentos de planejamento afirmou que: *“experiências compartilhadas no ato de contar histórias e os conhecimentos teóricos do projeto trouxeram informações pertinentes para minha prática pedagógica, pois contribuiu com o enriquecimento de novas técnicas, além de mostrar que não basta apenas contar história, mas tem que saber contar, para quem contar e como contar para que a mesma alcance o seu objetivo”*.

Nessa perspectiva, o Projeto Contação de Histórias, promovido pelo PET/Pedagogia-UFPI possibilitou reflexões relevantes acerca da prática na Educação Infantil, e, os estudos, o planejamento, a produção do avental de histórias para trabalhar a temática do preconceito e do respeito à diversidade por meio da história: “O peixinho de chocolate” propiciou análises sobre as estratégias que podem ser desenvolvidas com a contação de histórias.

Considerações finais

O estudo objetivou descrever as experiências vivenciadas durante a realização do Projeto Contação de Histórias, um projeto riquíssimo, que encanta e enriquece com conhecimentos que contribuem para a formação dos licenciandos e dos professores da Educação Básica, pois se desenvolve na unidade teoria e prática, viabilizando a discussão e análise das experiências dos professores mais experientes com os discentes em processos de formação.

As temáticas abordadas trouxeram tanto questões teóricas quanto metodológicas para o desenvolvimento da prática na sala de aula, com ênfase na contação de histórias e nas diversas

possibilidades de encantar as crianças, ao mesmo tempo que se produz conhecimentos. O Projeto ainda possibilitou a reflexão acerca dos métodos e das estratégias que são aplicadas em sala de aula, permitindo que essas fossem repensadas e recriadas.

Podemos concluir que a contação de histórias é uma estratégia importante aliada para a construção de conhecimentos de mundo junto às crianças, uma vez que além de proporcionar o entretenimento a partir da ludicidade, também possibilita uma visão acerca dos assuntos sociais e de cunho científico. E, durante as atividades para a produção do avental de histórias, realizamos estudos, análises, refletimos sobre a prática, sobre os saberes e buscamos maneiras de desenvolver estratégias, algumas já conhecidas, outras nem tanto, na prática e, com isso, construímos aprendizagens sobre o ser e o estar na profissão docente.

Percebemos também, que as temáticas abordadas durante o percurso do Projeto, além de influenciar em novas práticas pedagógicas, contribui para a formação de licenciandos/licenciandas do curso de Pedagogia, possibilitando a apropriação da teoria em unidade com a prática, tendo em vista que muitos profissionais não têm a oportunidade de participar de uma formação de contadores de história, antes do ingresso na área de trabalho.

Assim, a contação de histórias é uma importante estratégia metodológica de produção e de reconstrução dos saberes, além de despertar o gosto pela leitura, contribuindo para o processo de construção do conhecimento. No entanto, não basta apenas contar histórias, é preciso que se aproprie das diversas estratégias que enriquecem esse momento mágico, buscando aporte nas diversas técnicas e recursos que permitam a apropriação das histórias a serem contadas. Diante disso, é possível despertar a curiosidade e o imaginário infantil, desenvolvendo a sensibilidade e o respeito ao outro, por meio da interação entre crianças e crianças, crianças e adultos, promovendo a justiça e a igualdade social.

Referências

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura Infantil: gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione, 1997.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 23 dez. 1996.

BRASIL. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação fundamental. Brasília: MEC; SEF, 1998.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Resolução CEB n. 05, de 17 de dezembro de 2009. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Brasília: CNE; CEB, 2009.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Brasília: MEC; SEB, 2010.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2017.

ISMAEL, Bruna de Lima. A contação de histórias como estratégia de ensino na Educação Infantil. *In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO (CONEDU), VII., Edição online. Anais...* Campina Grande: Realize Editora, 2020. p. 01-10. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/67536>. Acesso em: 09 abr. 2022.

MENDONÇA, Carmem. **O peixinho de chocolate**. Uberlândia: Fotolito, 2000.

PEREIRA, Anelise Boaventura. A literatura na rotina da Educação Infantil. *In: SÁ, Edmilson José de (Org.). Apenas Três...* Discussões temáticas em língua, literatura e ensino. Arcoverde (PE): Kandarus, 2021. p. 119-136.

SCALFI, Grazielle Aparecida Moraes; CORRÊA, André Micaldas. A arte de contar histórias como estratégia de divulgação da ciência para o público infantil. **Revista de Educação, Ciência e Cultura**, Canoas, v. 19, n. 1, p. 107-121, jan./jul., 2014.

SCOPEL, Delza Tonole; GOMEZ, Mercedes Silvério. O papel da escola na superação do preconceito na sociedade brasileira. **Revista Educação e Tecnologia**, Aracruz, ano 2, n. 1, p. 01-14, abr.-set., 2006.

“A CORRIDA DE GAEL”: A PRODUÇÃO DE ANIMAÇÕES EM VÍDEO PARA CONTAR HISTÓRIAS DE INCLUSÃO DE PESSOAS COM TEA

Fábio Soares da Costa - fabiocosta@ufpi.edu.br
Ana Beatriz Nascimento Melo - beatriznascimentomello@gmail.com
Gabrielle Felix de Alencar - gabymadu09@gmail.com
Márcia Eduarda da Silva Alves - eduardaalves0107@gmail.com

Introdução

O Programa de Educação Tutorial (PET) Pedagogia, da Universidade Federal do Piauí (UFPI) desenvolveu no ano de 2021, o Projeto Contação de Histórias. A proposta objetivou, de maneira geral, reconhecer a contação de histórias como ferramenta para estimular na criança o gosto pela leitura, aliando-se com ações socioeducativas, que serão realizadas em espaços escolares e não escolares.

Alguns objetivos desse projeto fizeram um grupo de petianas (estudantes do curso de Licenciatura em Pedagogia da UFPI, selecionadas e integrantes do PET-Pedagogia /UFPI) e um professor orientador se aproximarem da técnica de animação em vídeo, como forma de contar história. Nesse contexto, os objetivos específicos que motivaram a construção de uma vídeo-animação foram: utilizar as Novas Tecnologias da Informação e Comunicação (NTICs) para mediar as aulas e atividades remotas; contar histórias que estimulem a consciência de vida social, cultural e crítica, contribuindo para o aprimoramento da relação da criança com os adultos e com o mundo, abordando temáticas importantes do contexto sociocultural atual, tais como: racismo, *bullying*, empoderamento feminino e desconstrução do machismo; e aplicar a contação de histórias como instrumento de intervenção, buscando contemplar os alunos nos diferentes contextos sociais, auxiliando no seu desenvolvimento.

Esse grupo foi motivado pelo estudo das possíveis e diferentes formas de contar histórias e passaram a estudar e produzir formas diversas de contar histórias infantis, sejam estas já escritas e circulantes no universo escolar infantil, sejam novas e autorais histórias, como é o caso do objeto deste relato – a história: “A Corrida de Gael”, de autoria das petianas Gabrielle Felix de Alencar, Ana Beatriz Nascimento Melo e Márcia Eduarda da Silva Alves.

A temática eleita para o desenvolvimento de uma vídeo-animação com o objetivo de contar uma história infantil surgiu de discussões acadêmicas que consideraram nosso cotidiano atual. Um cotidiano imerso em problemáticas que envolvem os inúmeros obstáculos

relacionados à construção de políticas de inclusão social e educacional, além da própria construção histórica, em que a educação não foi suficiente para conscientizar a população sobre essa problemática e a necessidade de superá-la. Por isso, o que vemos em circulação em nossa sociedade e, conseqüentemente, na escola, são histórias construídas a partir de uma condição de invisibilidade e incompreensão, quando relacionas às pessoas com deficiência e, especificamente, ao que nos interessa, pessoas com Transtorno do Espectro Autista (TEA).

Nesse contexto, uma problemática serviu para orientar e construir os instrumentos de contação de história na forma de vídeo-animação: como a contação de histórias por meio de vídeo-animação, que aborda questões relacionadas à inclusão de pessoas com TEA pode contribuir com o processo educacional na escola de Educação Infantil?

Foi assim que o objetivo geral deste estudo se constituiu em apresentar as experiências vividas e as aprendizagens construídas ao longo da produção e apresentação da história: “A Corrida de Gael”, na forma de vídeo-animação, dentro das atividades do Projeto Contação de Histórias, desenvolvido pelo PET/Pedagogia-UFPI.

Contação de história e animação: possibilidades no mundo da aprendizagem

Desde os tempos primitivos, observamos sinais de que a contação de história se fez presente, sobretudo, por intermédio de pinturas rupestres que retratam o modo de vida e as evoluções dos povos daquela época. Todavia, limitando-se a uma atividade puramente visual. Após longos anos, surge a literatura e as narrativas orais como alternativas para propagar o ato de contar histórias, tendo como objetivo zelar pela continuidade das tradições e o entretenimento, entretanto, a devida importância e o verdadeiro potencial dessa modesta atividade ainda não teria sido totalmente revelado.

Na Idade Média, a contação de história era realizada principalmente pelas classes menos favorecidas, visto que as condições econômicas impossibilitavam o contato com livros, disseminando assim, a prática dessa tradição oral.

Com o aparecimento da escrita, surgem, ao lado das histórias orais, as histórias escritas – e, com essa, surgiram tanto a história, propriamente dita, como relatos de eventos que se acredita terem de fato acontecidos, como a literatura, ou seja, relatos de eventos imaginados (ficção). A literatura infantil nasce dos contos populares por isso a contação de histórias é a origem da literatura. (SOUZA; BERNARDINO, 2011, p. 237)

A valorização da escrita, por muitas vezes, subestimou a arte da contação de história, mesmo que existisse um alinhamento nessas ações, aquilo que era palpável obtinha uma relevância maior e isso é realidade até os dias atuais no contexto educacional, afinal, os métodos avaliativos optam por algo que facilite a medição dos resultados aprendidos pelos educandos. Com isso, a contação de história perde sua significação como ferramenta pedagógica.

De acordo com Souza e Bernardino (2011, p. 237-238):

A escuta de histórias, pela criança, favorece a narração e processos de alfabetização e letramento: habilidades metacognitivas, consciência metalinguística e desenvolvimento de comportamentos alfabetizados e meta-alfabetizados, competências referentes ao saber explicar, descrever, atribuir nomes e utilizar verbos cognitivos (penso, acho, imagino, etc.), habilidades de reconhecimento de letras, relação entre fonema e grafema, construção textual, conhecimentos sintáticos, semânticos e ampliação do léxico.

No processo de ensino e aprendizagem, a utilização didático-metodológica do contar histórias permite que a ludicidade e o mundo do faz de conta adentre intencionalmente no desenvolvimento de habilidades cognitivas, socioemocionais, qualificando a leitura e a escrita, e potencializando a sistematização da linguagem, a personalidade, a liberdade de expressão e o respeito à diversidade cultural. Além disso, são inúmeras as possibilidades de trabalhar em sala de aula ou em qualquer espaço formal ou não formal, com esse recurso interdisciplinar, que é o resultado de uma elaboração objetiva/simples ou subjetiva/complexa.

O que percebemos é que, atualmente, a prática da contação de histórias tem ultrapassado os espaços educativos e se reinventando em cada contador, que tem total liberdade de adaptar, inventar e contar de acordo com a necessidade do seu público. Através das histórias visuais, em áudios ou audiovisuais, é possível trabalhar sobre diversas temáticas que contribuem para a formação integral dos educandos e a participação social no mundo que o circunda.

Apesar da relevância atribuída à animação como uma ferramenta pedagógica facilitadora da aprendizagem no cenário atual, ela já está inserida no meio social há bastante tempo. Inicialmente, por meio de desenhos e quadros sobrepostos e, posteriormente, por meio do uso das novas tecnologias, as quais tiveram uma rápida difusão pelos setores da sociedade a partir do século XX, com o advento da globalização e a evolução tecnológica. Não obstante esse contexto, apesar das mudanças proporcionadas pelo surgimento desses recursos tecnológicos, a inserção delas no âmbito da sala de aula não foi fácil.

[...] a Escola tem dificuldades em acompanhar as profundas e rápidas alterações que a sociedade atravessa, provocando desfasamentos entre as duas realidades. Muitas vezes as práticas dos professores continuam ligadas ao passado e mesmo a formação dos professores revela-se inadequada face às exigências actuais. Quantos professores utilizam as novas tecnologias na sala de aula? Quantos adaptam as suas metodologias à realidade e interesses dos alunos? (FERNANDES; RODRIGUES, 2011, p. 106)

A negativa dos educadores em adotar esses novos métodos de ensino tem sido justificada pelo fato de que eles estariam substituindo o que lhes foi ensinado como a maneira correta de ensinar: a forma tradicional de promover educação: reproduzida e reformulada ao longo dos anos, comprovadamente eficaz para a promoção de um ensino adequado, por meios duvidosos e ineficientes, ou seja, ao invés da tecnologia se tornar uma aliada aos processos de ensino e aprendizagem, ela iria se tornar mais um obstáculo para ofertar uma educação de qualidade aos educandos.

A pandemia do novo coronavírus trouxe consigo um novo modelo de sociedade, em que o distanciamento social se fez necessário para que vidas fossem preservadas. Por isso, as instituições educacionais tiveram que se reestruturar objetivando ofertar um ensino de qualidade sem privar nenhum sujeito do direito à educação. A forma encontrada como alternativa viável para atender à população no setor educacional foi a utilização de recursos tecnológicos em que o processo de ensino e aprendizagem ocorreria por meio remoto, com o auxílio de ferramentas, como: *smartphones*, *tablets*, computadores e televisão.

Diante desses novos modelos de ensino a distância, a vídeo-animação surgiu como uma possibilidade de promover um ensino mais significativo e que impulsionasse o desejo por aprender dos educandos, principalmente na Educação Infantil e séries iniciais do Ensino Fundamental, visto que nessas etapas educacionais são necessárias uma maior atenção dos professores e um planejamento eficiente. Nesse contexto, a animação passou a ser utilizada em sala de aula não somente como uma forma de “passatempo”, mas como um recurso pedagógico que viabiliza um desenvolvimento integral dos alunos.

Transtorno do Espectro Autista (TEA): relações entre a contação de histórias e a inclusão

O conceito de TEA possui diversos embasamentos teóricos que se modificam ao longo dos anos. De acordo com Santos (2011, p. 10):

Autismo ou Transtorno Autista é uma desordem que afeta a capacidade da pessoa comunicar-se, de estabelecer relacionamentos e de responder apropriadamente ao

ambiente que a rodeia. O autismo, por ser uma perturbação global do desenvolvimento, evolui com a idade e se prolonga por toda vida.

O diagnóstico do TEA é feito, geralmente, quando as crianças iniciam sua vida escolar a partir dos três anos de idade, momento em que passam a interagir com seus pares. É uma fase em que a criança autista possui movimentos desordenados, tem interesse especial em determinados assuntos, costuma padronizar uma rotina, evita barulhos ou contato físico, ou seja, um *déficit* de sociabilidade que prejudica o seu desenvolvimento integral.

Assim como outras deficiências, o TEA possui diagnósticos controversos, por vezes, é até confundido com doenças mentais, no entanto o “[...] autismo não é uma síndrome tão perceptível, assim como acontece com a Síndrome de Down, ou seja, ao se olhar para um indivíduo com Transtorno do Espectro Autista (TEA) não é possível notar por traços ou pela fisionomia que ele tem o transtorno” (TEODORO; GODINHO; HACHIMINE, 2016, p. 130).

Os autistas são identificados por muitos rótulos, quase sempre ligados a um padrão de comportamento e habilidades que os limitam. Essas barreiras também são supervalorizadas na escola. No entanto, as pessoas com autismo vão além do diagnóstico, cada uma possui o seu diferencial, suas qualidades, forma de ver o mundo, de lidar com os acontecimentos e as singularidades que, trabalhadas da maneira correta, propiciam uma formação efetiva.

Quando falamos em inclusão, em quaisquer das suas formas, é comum associarmos esse termo à aceitação, respeito, integração e união, contudo, sua definição é bem mais complexa e requer um cuidado especial ao ser desenvolvida, principalmente no ambiente escolar, visto que em muitos casos, ao se propor promover uma inclusão, podemos cometer o erro de apenas replicar uma integração, provocando graves consequências para os sujeitos envolvidos.

Segundo Carvalho (2019, p. 78) essas palavras ‘inclusão’ e ‘integração’ possuem definições totalmente diferentes: “No modelo organizacional que se construiu sob a influência do princípio da integração, os alunos deveriam adaptar-se às exigências da escola, no da inclusão, a escola é que deve se adaptar às necessidades dos alunos”, ou seja, enquanto o primeiro tem como foco o ajuste do aluno ao ambiente escolar o segundo prioriza o aluno e a instituição é que deve buscar adequar-se para oferecer um ensino de qualidade aos alunos que necessitam de inclusão.

Em relação à inclusão de pessoas com Necessidades Educativas Especiais (NEE) nos âmbitos escolares de Educação Básica, é um processo que possui normas e leis que regem o ensino nesses espaços, como a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN 9394/96), que regulariza a Educação Especial como uma modalidade de ensino e faculta

recursos para auxiliar os alunos: Art. 59. Inciso I “currículos, métodos, técnicas, recursos educativos e organização específicos, para atender às suas necessidades” (BRASIL, 1996).

No entanto, apesar dos múltiplos benefícios proporcionados por esses documentos, a realidade da Educação Especial pautada na inclusão, dentro das escolas, é totalmente diferente. Em muitos casos, o que ocorre é uma exclusão dentro da inclusão – denominada de “Inclusão Perversa”. Nesses casos, para assegurar o direito das pessoas à educação, as instituições educacionais as inserem em salas de aula regulares e oferecem um tratamento totalmente diferenciado de seus colegas, podendo, até mesmo, somente frequentar às aulas, sendo isolados de processos importantes, como avaliações, aulas práticas de Educação Física, entre outros (SAWAIA, 2003).

Nesses casos, há um interesse institucional, mas a preocupação com o desenvolvimento integral desse público é negada. O direito à inclusão, de modo efetivo, é desvirtuado. Para refletir sobre essa condição, Teodoro, Godinho e Hachimine (2016, p. 140) afirmam que: “[...] é necessário que haja uma conscientização, aceitar as diferenças e aprender a conviver com a diversidade, essa convivência é benéfica tanto para o professor tanto para os demais alunos e todos os demais indivíduos da comunidade escolar”.

Percebemos ainda haver certo despreparo e insegurança no atendimento educacional de pessoas com TEA. O autista tem seu próprio modo de agir – suas particularidades. Por se tratar de um transtorno do neurodesenvolvimento que não apresenta sinais externos mais aparentes de diagnóstico, as pessoas tendem a ignorá-lo, inclusive, designando os indivíduos com TEA como mimados ou são tratados como doentes mentais.

Após compreendermos esse contexto conceitual e atual das relações que as pessoas com TEA têm com o ambiente escolar, percebemos que um dos recursos que podem favorecer a inclusão do autista nesses espaços educacionais é a contação de histórias, seja ela realizada por meio da mediação de um adulto ou por iniciativa própria do aluno, já que a literatura tem o poder de propiciar a descoberta de novos mundos, através da imaginação, desenvolvendo, assim, a cognição e a leitura, além de viabilizar a possibilidade de se colocar no lugar do outro, fator importante no processo de desenvolvimento do educando.

Os livros infantis têm sua maneira de envolver e encantar as crianças, fazendo com que elas se identifiquem com seus temas, personagens e situações vividas, facilitando assim, trazer a questão da inclusão através da contação de histórias. Isto fará com que os alunos entendam de maneira menos complexa que todos nós temos nossas diferenças e elas devem ser respeitadas. Além disto, trabalhando a leitura com o aluno TEA também se contribuirá, pois, a criança autista tem a dificuldade de se colocar no lugar do outro, abstraindo para os jogos simbólicos, como ocorrem nas brincadeiras de “faz-de-conta”. (CARNEIRO, 2020, p. 39)

Segundo Queiroz (2017), o conceito de leitura dialógica foi proposto pela primeira vez por Whitehurst *et al.* (1988) e após longos anos, com algumas adaptações de Whalon *et al.* (2015), para crianças com diagnóstico de TEA. Essa mudança ocorreu em virtude de que se percebeu que, através das perguntas com auxílios visuais, as crianças reagiram adequadamente aos estímulos, pois consistia em verbalizações sequenciadas com elogios e expansões de respostas advindas das ilustrações de histórias sempre intercalando-se a perguntas abertas na leitura oral.

Aspectos metodológicos

A vídeo-animação como método de contar histórias

Os vídeos e as animações são produtos tecnológicos e audiovisuais, que podem ser utilizados como auxiliar do professor no processo de formação de seus educandos, como produto complementar às aulas expositivas e material de consulta. Para Oliveira e Dias Júnior (2012), o uso do vídeo e de animações torna-se um importante recurso como estratégia de ensino, contribuindo significativamente para a construção e a transformação de conceitos, atitudes e procedimentos educacionais.

Nesse contexto, Moran, Behrens e Masetto (2006) e Rodrigues *et al.* (2020) defendem o uso da tecnologia como conexão educativa com o mundo, sobremaneira para superar os processos de fragmentação entre o analógico e o digital. Pensam que a interdependência, a interligação e a intersetorialidade do conhecimento prescindem do conhecimento tecnológico para compreender as diferentes dimensões da realidade.

Considerar o uso de tecnologias digitais nos processos educativos se justifica, pois “Conhecemos mais e melhor conectando, juntando, relacionando, acessando o nosso objetivo de todos os pontos de vista, por todos os caminhos, integrando-os de forma mais rica” (MORAN; BEHRENS; MASETTO, 2006, p. 18).

Essa premissa é o que alicerça o processo de inovação na educação que temos passado. As aulas remotas, Educação a Distância (EaD), as ferramentas digitais e o mundo cada vez mais conectado, em todas as suas esferas, inclusive na educação e em todas as etapas de ensino, tem nos colocado frente a um dilema: a educação cada vez mais digital/virtual tem contribuído para uma construção humana de preparação para um mercado de trabalho cada vez mais

competitivo e desumano, medido por competências e habilidades; ou tem levado a um processo de emancipação do homem, na qual as novas formas de experiência proporcionam novas aprendizagens, saberes e reflexões?

Para Campos e França (2017, p. 68):

Inserimo-nos em um novo tempo, formado por um público “nativo digital” urgente, que aguarda respostas às suas expectativas, no contexto do conhecimento ao qual está habituado. Que espera ser surpreendido, mas que não abre mão de ser seduzido. Portanto, ao ampliar suas possibilidades comunicativas, o novo contador de histórias, potencializa sua inserção e posiciona-se de forma mais ampla e efetiva na sociedade.

Assim, para as autoras, as animações audiovisuais projetam maiores possibilidades de leitura do mundo, maior interação consigo e com o outro, sobremaneira, por meio da voz do contador de histórias, dos sons e dos movimentos audiovisuais, de sua acessibilidade, armazenamento e uso democrático infinito da arte e da obra, democratizando esses aspectos (CAMPOS; FRANÇA, 2017).

A organização para a produção e apresentação da técnica em animação

Participaram das atividades de produção e apresentação da vídeo-animação: “A Corrida de Gael”, as petianas Gabrielle Felix de Alencar, Ana Beatriz Nascimento Melo e Márcia Eduarda da Silva Alves, orientadas pelo Professor Fábio Soares da Costa. Nosso grupo realizou entre os meses de agosto a novembro de 2021 reuniões quinzenais, que objetivavam a discussão e produção de histórias infantis, assim como de vídeo-animações dessas histórias.

Decidimos que as vídeo-animações seriam realizadas a partir de histórias autorais. Assim, as petianas criaram o roteiro da história, que culminou com a produção da vídeo-animação. O processo de criação envolveu a escrita do roteiro e a criação de cenas ilustrativas para fundamentar a animação, que foi produzida utilizando os programas de edição de vídeos Canva® e Animaker®.

Todo o processo de construção, reuniões e trabalho aconteceu de forma remota, mediada por Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs). Notadamente, o desenvolvimento das atividades mediadas por TICs atendeu às expectativas de todos os envolvidos. Para algumas petianas foi o que motivou a inscrição, pois a distância geográfica seria impeditiva de participação. As expectativas foram superadas, inclusive ampliando a concepção de como transversalizar a educação, as tecnologias, aproximando pessoas e

compartilhando conhecimentos. Apesar do modelo remoto limitar algumas atividades, o esforço e a dedicação do grupo possibilitaram uma culminância significativa do Projeto.

Metodologicamente, este é um relato de experiências, que se caracteriza como a apresentação de uma experiência vivida, tendo como fundamentação um aporte teórico – neste caso, as questões de inclusão e as relações étnico-raciais protagonizadas por meio da contação de histórias por vídeo-animação.

O relato de experiência é uma importante tecnologia de produção de conhecimento científico, especialmente para as ciências que priorizam a complexidade humana analisada na perspectiva da pós-modernidade. Dessa forma, o relato é uma produção documental fundada em um trabalho de linguagem e de narrativas em que os relatores são participantes do contexto da vida real em estudo, pois a significação da experiência da realidade concreta provoca a emergência de novas significações sobre essa realidade. Enfim, o relato de experiência é um texto que deve garantir “[...] em certa medida, as proposições a serem evidenciadas, o referencial teórico, a descrição do contexto, a discussão e as considerações finais” (DALTRO; FARIA, 2019, p. 235).

As experiências da produção e contação da história “A Corrida de Gael” em animação de vídeo

Em meio a um processo de construção de ideias que pudessem dar conta de relacionar a contação de histórias com as tantas tecnologias em circulação, visando o cumprimento de uma das etapas do Projeto de Extensão “Uma viagem no mundo do ‘faz de conta’: contar histórias como intervenção socioeducativa a partir do imaginário infantil”, foi criada a possibilidade de se contar histórias infantis através da “Técnica em Animação”. Contar histórias através dessa técnica só foi possível pelo planejamento e execução das seguintes etapas.

Como primeira etapa, foi realizada uma reunião do grupo responsável pela técnica de animação, a fim de elaborar um cronograma de execução, criar o planejamento da história e definir o tema que seria abordado na contação de história. Dito isso, após o consenso do grupo, foi definido que seria criada uma história autoral, intitulada como: “A corrida de Gael” e teria o “Transtorno do Espectro Autista” como enredo.

Em seguida, a segunda etapa, consistiu em criar o livro infantil contendo falas e cenas acerca da temática. Com isso, o grupo primeiro elaborou a escrita da história e depois

desenvolveu toda a parte gráfica das cenas, indo de acordo com a narração da história já elaborada, a partir disso, toda a estruturação gráfica foi feita na plataforma Canva, que permite a elaboração de *design* gráficos, através de diversas ferramentas fornecidas.

A terceira etapa, após o livro infantil concluído, foi a criação do vídeo em animação. Para isso, foi utilizado a plataforma Animaker, que possibilita a produção de animação e *liveaction*, com pacotes gratuitos e pagos. Partindo desse ponto, a elaboração das cenas foi cronometrada, seguindo a ordem do livro infantil, foram utilizadas as mesmas cenas para a paisagem de fundo da animação, além disso, foram escolhidos avatares para representar os personagens da história, inserindo legenda e, por último, a narração.

Logo após, na quarta etapa, com a animação pronta, foi utilizado o aplicativo de celular *InShot*, que é um editor de foto e vídeo, disponível para celulares com sistema de Android e IOS. O *InShot* foi usado para colocar os últimos detalhes da animação, como nomes dos autores, nome do professor orientador e as logomarcas do grupo PET/Pedagogia, UFPI e PREXC.

Por fim, na quinta etapa, foi feito o *download* da animação, a verificação se estava tudo organizado, conforme o planejamento do grupo e, depois disso, a animação foi enviada para a plataforma *Youtube*, para ser apresentada na culminância do Projeto de Extensão “Uma viagem no mundo do “faz de conta”: contar histórias como intervenção socioeducativa a partir do imaginário infantil”, com melhor qualidade e resolução.

Considerações finais

Vivemos em um mundo tecnológico que se tornou mais digital, conectado e virtual desde a pandemia Covid-19 e, por isso, o papel das tecnologias digitais nesses tempos foi ainda mais evidenciado. O protagonismo dos mecanismos tecnológicos virtuais fez muitos setores sociais continuarem a desenvolver suas atividades e o paradigma de seus usos tem se modificado desde então.

A participação no Projeto Contação de História reverberou de maneira especialmente positiva na formação das petianas e do professor orientador. Impactou aspectos da trajetória acadêmica e até da vida pessoal das estudantes, sobretudo, pela certeza do quanto a contação de histórias pode fazer a diferença na vida das crianças. O conjunto de atividades desenvolvidas também proporcionou diversas escutas formativas de professores, diversas formas de contar

histórias, enriquecendo experiências e construindo conhecimentos durante a formação profissional das estudantes.

A experiência foi desafiadora e repleta de aprendizagens, permitindo, inclusive, a mudança de percepções sobre a contação de histórias, a partir de sua multiplicidade de possibilidades de ser abordada em sala de aula, com inovação da prática pedagógica e pluralidade de técnicas de contação, com foco na produção e na apresentação de animações em vídeos para contar histórias infantis.

A produção da animação em vídeo da história: “A Corrida de Gael” foi desafiadora, mas, ao mesmo tempo, propiciou a descoberta de inúmeras possibilidades de se trabalhar a contação de histórias, seja de modo remoto ou presencial. Nisso, pudemos perceber o quanto o professor pode fazer novas descobertas ou desenvolver outros conhecimentos para além da grade curricular do curso, enquanto melhor exerce sua profissão.

Percebemos que o desafio de construir as histórias que iriam ser contadas através da vídeo-animação foi o fator mais marcante do processo, pois foi um momento de descobertas totalmente estimulante, agregando valor em nossa aprendizagem. As contribuições do projeto se intercalam à necessidade de valorização da contação de histórias, que, muitas vezes, essa ação é pontuada na sociedade como menos importante nas áreas do conhecimento, então o projeto facilitou a reflexão sobre essa *práxis*.

Em meio a essas possibilidades, o uso de tecnologias, especificamente, as animações audiovisuais, tornou-se objeto de estudo e *práxis* pedagógica no âmbito das atividades do PET/Pedagogia-UFPI, por meio do Projeto Contação de Histórias. Em nossas experiências/vivências, o uso da técnica de vídeo-animação para contar histórias se estabeleceu como uma estratégia pedagógica de formação docente potente para compreender que a história se movimenta, que há sempre movimentos históricos, sociais, comportamentais, de valores e de se projetar a contação de histórias com movimento, um movimento digital audiovisual.

Referências

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 23 dez. 1996.

CAMPOS, Carla de Lima e Sousa; FRANÇA, Vanessa Gomes. Literatura animada: a contação de histórias por meio de animações audiovisuais. **Mediação**, Pires do Rio (GO), v. 12, n. 1, p. 49-70, jan.-dez., 2017.

CARNEIRO, Nathalia Muniz. **Literatura infantil como recurso para inclusão de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA)**. 2020. 48 f. Monografia (Especialização em Ciência, Arte e Cultura na Saúde) – Instituto Oswaldo Cruz. Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2020. Disponível em: <https://www.arca.fiocruz.br/bitstream/icict/49578/2/000247959.pdf>. Acesso em: 26 fev. 2022.

CARVALHO, Rosita Edler. **Educação inclusiva: com os pingos nos “is”**. 13. ed. Porto Alegre: Mediação, 2019.

DALTRO, Mônica Ramos; FARIA, Anna Amélia de. Relato de experiência: uma narrativa científica na pós-modernidade. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 1, p. 223-237, jan./abr., 2019.

FERNANDES, Paulo; RODRIGUES, José Alberto. O cinema de Animação na Sala de Aula. **Invisibilidades: Revista Ibero-Americana de Pesquisa em Educação, Cultura e Artes**, são Salvador (PT), v. 1, p. 104-113, 2011.

MORAN, José Manuel; BEHRENS, Marilda Aparecida; MASETTO, Marcos Tarciso. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. Campinas: Papirus, 2006.

OLIVEIRA, Naiane Mota de; DIAS JÚNIOR, Walter. O uso do vídeo como ferramenta de ensino aplicada em Biologia Celular. **Enciclopédia Biosfera**, Goiânia, v. 8, n. 14, p. 1788-1809, 2012.

SANTOS, Jose Ivanildo F. dos. **Educação Especial: Inclusão escolar da criança autista**. São Paulo: All Print, 2011.

SAWAIA, Bader Burihan. **Fome de felicidade e liberdade**. In: Muitos Lugares para Aprender. Organização: Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária (CENPEC). São Paulo: CENPEC; Fundação Itaú Social; Unicef, 2003. p. 53-64.

SOUZA, Linete Oliveira de; BERNARDINO, Andreza Dalla. A contação de história como estratégia pedagógica na Educação Infantil e Ensino Fundamental. **Educere et Educare: Revista de Educação**, Cascavel, v. 6, n. 12, p. 235-249, 2011.

QUEIROZ, Lara Rodrigues. **Leitura dialógica: efeitos no desenvolvimento de comportamento verbal em crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA)**. 2017. 85 f. Dissertação (Mestrado em Ciências do Comportamento) – Instituto de Psicologia. Universidade de Brasília, Brasília, 2017. Disponível em: https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/22981/1/2017_LaraRodriguesQueiroz.pdf. Acesso em: 26 fev. 2022.

RODRIGUES, Élide Rafaene Gomes *et al.* O papel da escola ante as tecnologias como mediação para o ensino básico. In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO (CONEDU), VII., Edição *online*. **Anais...** Campina Grande: Realize Editora, 2020. p. 01-12. Disponível em: <http://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/69086>. Acesso em: 08 fev. 2022.

TEODORO, Grazielle Cristina; GODINHO, Maíra Cássia Santos; HACHIMINE, Aparecida Helena Ferreira. A inclusão de alunos com Transtorno do Espectro Autista no Ensino Fundamental. **Pesquisa, Sociedade e Desenvolvimento**, Itajubá, v. 1, n. 2, p. 127-143, 2016.

“JOÃO E O PÉ DE GRATIDÃO”: ENTRE SINAIS E IMAGENS NA PERSPECTIVA DA INCLUSÃO

Francisca das Chagas Cardoso do Nascimento Santos - cfranciscadaschagas@gmail.com
Armennia Vitoria Araújo Santos - armennia25@gmail.com
Francisca Marília Silva Mendes - mariliasillv08@gmail.com
Josete Craveiro de Araújo - p.a.josete@gmail.com
Lidiana Moraes Soares - lid-mores@hotmail.com
Tarciane Maria Moraes de Araújo - tarci_morais@hotmail.com

Introdução

Este estudo traz uma experiência de contação de histórias da obra: “João e o pé de gratidão”, interpretada na Língua Brasileira de Sinais (Libras), durante um curso de formação para professores da Educação Infantil e séries iniciais do Ensino Fundamental, promovido pelo Programa de Educação Tutorial (PET)/Pedagogia da Universidade Federal do Piauí (UFPI). O Projeto trabalha a contação de histórias no curso de formação de professores como ferramenta que auxilia o docente em sua prática diária, com vistas a inserir o aluno no mundo literário.

Nesse contexto, como metodologia de trabalho realizamos a pesquisa e a seleção da história, buscando uma prática que fosse inclusiva e socializadora, agradável e divertida da leitura literária, tanto para surdos quanto para ouvintes. Durante o processo, houve encontros para escolha da história, para a construção do planejamento e para análise das propostas de apresentação sugeridas pela equipe. Também, sobre quem faria a adaptação da história em Libras e quais materiais pedagógicos seriam utilizados.

Para subsidiar a pesquisa, recorreremos a autores, como: Araujo, Alves e Silva (2015), Oliveira (2012), Sánchez (2005), entre outros. A próxima seção traz uma breve discussão sobre a contação de história e a temática da inclusão. Em seguida, trazemos uma seção que aborda o aspecto prático de como o grupo fez a organização para a apresentação da contação da história “João e o pé de gratidão”, detalhando as técnicas e estratégias utilizadas. Ao final, apresentamos o tópico conclusivo, que traz as constatações acerca da apresentação da história em Libras, os desafios e o resultado da produção realizada pela equipe.

Contação de histórias: conexões, relações e seu papel na inclusão de alunos surdos

A Contação de Histórias é um Projeto do PET/Pedagogia-UFPI, em que estão envolvidos discentes do curso de Pedagogia e docentes da Educação Infantil e anos iniciais do Ensino Fundamental. O Projeto aborda temáticas sociais através de histórias contadas, ajudando no papel da socioeducação. O propósito consiste em instigar as crianças a desenvolverem o gosto pela leitura, auxiliar na alfabetização e ampliar seus conhecimentos para uma melhor socialização.

Nesses termos, a contação de histórias colabora muito para a inclusão das crianças no meio em que vivem, principalmente na sala de aula, que é o seu ambiente de convívio direto com a alfabetização. Quando se fala em contar histórias, imaginamos ser para ouvintes e que são contadas utilizando a linguagem oral, entretanto, existem outras formas de linguagem que podem ser usadas para contar histórias e uma delas é por meio da Libras. Esta é uma linguagem gestual usada pelos surdos brasileiros que fazem uso de gestos e sinais em substituição à língua oral. A Libras permite que tantos alunos ouvintes quanto aqueles com Necessidades Educativas Especiais (NEE), no caso os surdos, possam participar. Essa forma de linguagem assegura o processo de inclusão na contação de histórias para as crianças surdas, possibilitando que elas interajam com seus colegas e possam ter um melhor aprendizado. Araujo, Alves e Silva (2015, p. 18) contribuem para o entendimento acerca do que seja a inclusão, ao destacaram que:

Inclusão é ter o privilégio, a capacidade de entender e reconhecer em outro ser humano, suas reais qualidades e suas contribuições para um mundo sem discriminações, um olhar diferenciado em busca de uma sociedade mais consciente e justa, pois a convivência entre pessoas diferentes traz um grande benefício para todos.

A inclusão, com base nessa visão, demanda compreensão, reconhecimento e valorização das qualidades do outro e respeito às suas diferenças. Nesse sentido, vale lembrar que no contexto da sala de aula, a inclusão deve ter espaço para ser, de fato, concretizada, oportunizando a participação de todos os alunos com as suas diversas necessidades. É nessa direção que a discussão empreendida neste estudo focaliza a importância de que a contação de histórias para a inclusão do aluno surdo ocorra por meio da Libras, como possibilidade de alcançar o direito de participação de todos os alunos.

Antes de prosseguirmos com as discussões sobre inclusão e a Libras, vale ressaltarmos alguns pontos importantes sobre a Educação Especial no contexto da Educação Inclusiva. Desde a Constituição Federal de 1988, em seu artigo 208, inciso III, está estabelecida como dever do Estado a garantia de “atendimento educacional especializado aos portadores de deficiência, preferencialmente na rede regular de ensino” (BRASIL, 1988). Em consonância

com a Constituição Federal, a Lei n. 9394/96 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional) em seus artigos 58, 59 e 60 regulamenta a Educação Especial como modalidade de educação escolar, “oferecida especialmente na rede regular de ensino, para educandos portadores de necessidades especiais”. Acrescenta, ainda, que “o atendimento educacional será feito em classes, escolas ou serviços especializados, sempre em função das condições específicas dos alunos, se não for possível a sua integração nas classes comuns de ensino” (BRASIL, 1996).

Após esta breve retrospectiva das bases legais que fundamentam nossa discussão sobre a inclusão dos alunos com deficiência nas escolas, é importante ressaltar que trabalhar a contação de histórias numa classe de alunos onde haja alunos surdos, se configura dever de todos, a fim de minimizar as barreiras existentes para esse aluno. Nessa concepção, é tarefa dos professores ensinarem a toda turma o respeito e a tolerância na convivência com as diferenças. Para tanto, é preciso buscar bases para a reorganização de suas práticas, sabendo articular e superar a exclusão dos alunos surdos que estão em classes com os alunos ouvintes.

A presença da Libras para o aluno surdo nas escolas é uma necessidade e um direito garantido, conforme o Decreto 5.626 de 22/12/2005, que regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, dispondo sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras (BRASIL, 2002a, 2005). Também o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000 e a Lei 10.436 de 24/04/2002. Esta última inclui a Libras no ensino público e particular do País (BRASIL, 2000, 2002b).

Portanto, é nesse espaço público que o aluno surdo tem assegurado o acesso à cidadania, e ao desenvolvimento igualitário e pessoal. Assim, as práticas pedagógicas de sala de aula devem focar na forma de ensinar e se comunicar com esse aluno ou aquele com qualquer outra deficiência. O educador deve aderir às formas de ensino que inclua o aluno e não o exclua.

Outro aspecto importante que os professores devem ficar atentos é no fato de que parte das crianças surdas vêm de famílias ouvintes, que têm pouco contato com sua língua natural, a Libras. Isso promove um atraso no desenvolvimento escolar do aluno surdo, por não ter estudado e tido contato desde o nascimento. Assim sendo, é importante iniciar desde a Educação Infantil o contato com a Libras, por meio da contação de histórias. Essa prática vai ajudar as crianças a entenderem conceitos que são desconhecidos e auxiliar no desempenho de sua aprendizagem. Desse modo, cumpriremos o que rege a Constituição Federal no seu artigo 208 ao estabelecer que a garantia de acesso à educação e permanência desses alunos no espaço escolar, estabelecendo um ambiente de inclusão e acessibilidade a todos (BRASIL, 1988).

Referindo-se a essa acessibilidade e inclusão, Oliveira (2012, p. 95) destaca que:

[...] uma instituição educacional com orientação inclusiva é aquela que se preocupa com a modificação da estrutura, do funcionamento e da resposta educativa que se deve dar a todas as diferenças individuais, inclusive as associadas a alguma deficiência em qualquer instituição de ensino, e em todos os níveis de ensino.

Além do mais, para se ter esse ambiente de inclusão e alcance de todos, é necessário a intervenção do governo e das políticas públicas colaborando no processo. A fim de que seja colocado em prática o que os educadores se destinam, é de fundamental importância que se tenha este apoio, com material didático específicos (livros adaptados, mapas conceituais adaptados, brinquedos educativos etc.) e cursos para os professores e profissionais da escola na área da surdez em que intervenha no ensino e aprendizagem de todas as crianças. Isso deve ocorrer com o intuito que esses alunos ultrapassem barreiras encontradas no espaço escolar e possam se desenvolver e aderir a aprendizagem como uma superação das desigualdades sociais e não como um impasse.

A escola, como um lugar que deve ser de acolhimento e assistência a todas as crianças, tem que aderir um modelo inclusivo de educação, proporcionando que as crianças com NEE tenham seus direitos assegurados, assim como aqueles alunos que não possuem, concebendo o respeito às diferenças sociais e implementando que os alunos que ali convivem possam aprender também. Nesse processo, é preciso incluir as revisões curriculares, um importante processo do âmbito escolar, pois é através dele que serão desenvolvidas todas as atividades escolares.

Respeitar as diferenças implica numa prática acolhedora, tanto no que diz respeito às características particulares dos alunos surdos ou com outras necessidades especiais, assim como aqueles sem deficiência ou necessidades especiais. Desse modo, serão beneficiados e incluídos nas práticas escolares todos os alunos, configurando-se em prática sem discriminação. Sánchez (2005), a esse respeito, destaca que realizar as adaptações necessárias no ambiente escolar para crianças surdas corresponde a forma de garantir atendimentos sem necessitar de pré-requisitos para participar do meio social em que convivem. Sendo, assim, a maneira de serem incluídos não como uma solidariedade feita, mas por ter direitos a esse acesso escolar e a aprendizagem.

Com isso, várias barreiras poderão ser desfeitas a partir do contexto escolar, em que muitos pensam que crianças surdas ou com qualquer outra necessidade especial frequentam determinados ambientes por piedade, inclusive, a escola. Deve ficar claro para todos que é um direito garantido na Constituição e que deve ser colocado em prática, tanto na escola quanto nos outros espaços sociais, sendo respeitado e com apoio necessário.

Lá vem história!!! “João e o pé de gratidão”

Sabemos que para contar histórias às crianças surdas é necessário buscar textos que sejam adaptados a elas, com a finalidade do entendimento sobre o que está sendo apresentado a elas, contribuindo para uma melhor aprendizagem e causando o encantamento pela literatura. Assim, conseqüentemente, a criança também ganha no desenvolvimento cognitivo e na compreensão do que está sendo ensinado.

De posse desse pensamento, o primeiro passo foi a definição da história, sendo necessários encontros entre petianos, professoras cursistas e coordenadora do grupo da contação de história em Libras. O objetivo era, além da escolha da história, decidirmos sobre que recursos seriam utilizados para reproduzi-la, quem faria a tradução em Libras, quem representaria os personagens, entre outras decisões. Diga-se de passagem, que definir a história não foi uma tarefa fácil, pois seguíamos critérios de escolhas para garantir que fosse atrativa e bem compreendida pelas crianças. Queríamos reproduzir em Libras a obra utilizando recursos visuais motivadores, com vistas a despertar nas crianças o desenvolvimento afetivo-social e promover o encantamento pela literatura.

Quanto à escolha da história, a equipe decidiu por: “João e o pé de gratidão”, proposta apresentada por uma das professoras cursistas. A obra é de autoria de Caroline Marmo Pepe, corresponde a uma poesia em forma de história infantil curta e divertida, traz como temática a gratidão. A escolha ocorreu pelo fato de possibilitar o trabalho com temas de valorização do ser humano. Além da gratidão, outros sentimentos estão presentes no enredo, como o cuidado, o respeito e a solidariedade, condições necessárias para o trabalho com a inclusão. O respeito às diferenças é um sentimento nobre e belo, que deve ser trabalhado em todas as esferas institucionais: familiares, políticas, sociais e inclusive, na educacional. Nesta última, deve ocorrer a partir da Educação Infantil, perpassando por toda carreira acadêmica do estudante.

Foi nessa linha de pensamento, que “João e o pé de gratidão” compôs o nosso repertório de contação expressado na Libras. Conjugando a Literatura e a Libras, por meio da contação de histórias exigiu da equipe uma minuciosa pesquisa, na tentativa de apresentar da melhor forma. O tempo todo estávamos atentos ao nível das crianças, tanto aquelas com surdez quanto as ouvintes. O nosso cuidado consistia em realizar a contação da história em Libras, oportunizando a compreensão da criança surda, em iguais condições com as demais crianças.

Tudo foi analisado e partimos, então, para o planejamento e, somente após discussões e reflexões, prosseguimos para a etapa seguinte, que foi gravar o vídeo. Sabemos que a Libras

possui algumas particularidades e, por esta razão, se faz necessária que haja uma adaptação da obra para ela. Com limitações e pouco conhecimento sobre a tecnologia, procuramos ajuda para a produção do vídeo e fomos prontamente atendidos por pessoas mais experientes na área.

Na gravação do vídeo apenas uma das professoras, integrantes da equipe de Libras, participou como personagem e, ainda, contamos com a participação especial de duas crianças representando as plantinhas, razão para prender a atenção delas na apresentação. Contudo, o maior cuidado era chamar a atenção para a sinalização em Libras, de modo que as crianças surdas e ouvintes não se perdessem no significado de cada sinalização que representa a narração da história. Vejamos, nas quatro imagens seguintes, a história na versão produzida:

Imagem 01



Imagem 02



Imagem 03



Imagem 04



Fonte: Arquivo dos pesquisadores (2021)

O trabalho final resultou no vídeo, conforme as imagens acima. A história encenada pela professora e sinalizada em Libras tornou-se de fácil entendimento e acessível para todos. Foi possível manter o foco, sem perder a criatividade. O uso na sala de aula para as crianças surdas e ouvintes possibilita que os professores trabalhem a interpretação e a ampliação do vocabulário em Libras. Desse modo, se garante o direito à educação e a participação em todas

as etapas e atividades do ensino e aprendizagem escolar, respeitando as diferenças e proporcionando oportunidade de participação a todos, sem discriminação, por meio do recurso de contação de histórias.

Considerações finais

A contação de histórias para as crianças surdas pressupõe a utilização de recursos visuais, enquanto fator relevante para garantir a compreensão em torno da mensagem a ser transmitida. Neste âmbito, a Libras é uma forma de comunicação valorosa para o desenvolvimento e a interação, não só das crianças surdas, mas de todas aquelas que estão inseridas no contexto educacional. Realizar a contação em turmas que existam alunos nessa condição garante o acesso à aprendizagem e representa acolhimento aos surdos e não surdos.

A contação de história em Libras para nós, da equipe do curso de formação, foi um desafio muito prazeroso. Nosso empenho foi na busca de despertar, de modo dinâmico e divertido, o gosto pela literatura, de modo prazeroso, evidenciando acolhimento a todos os alunos. Junto à contação da história de “João e o pé de gratidão” vieram ensinamentos de valores, como a gratidão, o zelo, o cuidado e tantos outros valores que a criatividade pode produzir somente nesta história.

Ficamos à vontade para dizer que a experiência valeu apenas e veio carregada de ensinamentos, que nos trouxeram aprendizados para a nossa prática docente.

Constatamos ainda, que durante o desenvolvimento da técnica de contação de histórias, utilizando a Libras, se faz necessário que as atividades para atender a essa necessidade especial sejam coordenadas por professores fluentes em Libras e por surdos sinalizadores, juntamente com os professores de sala regular.

Portanto, no contexto de uma educação inclusiva, a Libras na contação de histórias configura um aporte fundamental no desenvolvimento humano das crianças surdas, porque ao tempo em que promove a interação com os ouvintes, desperta o gosto pela leitura e o contato com os gêneros literários em geral.

Referências

ARAUJO, Aliny de; ALVES, Elizabeth Felberk Damasceno; SILVA, Monike Lima.
Contação de histórias para crianças surdas: práticas pedagógicas utilizadas na Educação

Infantil. 2015. 59 f. Monografia (Licenciatura em Pedagogia) – Faculdade *Doctum* de Pedagogia da Serra, Serra, 2015.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Senado Federal; Centro Gráfico, 1988.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 23 dez. 1996.

BRASIL. Lei nº 10.098 de 19 de dezembro de 2000. Estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida, e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, 20/12/2000, p. 02. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L10098.htm. Acesso em: 23 mar. 2022.

BRASIL. **Lei nº 10.436 de 24 de abril de 2002**. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e dá outras providências. Brasília: Presidência da República, Casa Civil, 2002a.

BRASIL. Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, 25/04/2002b, p. 23. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110436.htm. Acesso em: 23 mar. 2022.

BRASIL. **Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005**. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Disponível em <https://www.planalto.gov.br/ccivil/ Ato2004-2006-2005/Decreto/D5626.htm>. Acesso em: 23 mar. 2022.

OLIVEIRA, Fabiana Barros. Desafios na inclusão dos surdos e o intérprete de Libras. **Diálogos e Saberes**, Mandaguari, v. 8, n. 1, p. 93-108, 2012.

SÁNCHEZ, Pilar Arnaiz. A educação inclusiva: um meio de construir escolas para todos no século XXI. **Revista da Educação Especial**, Santa Maria, v. 1, n. 1, p. 7-18, 2005.

O ORIGAMI NA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS: UMA RELAÇÃO COM OS CAMPOS DE EXPERIÊNCIA DA BNCC PARA A EDUCAÇÃO INFANTIL

Wirla Risany Lima Carvalho - profawirlacarvalho@ufpi.edu.br
Maria José Almeida Mascarenhas - mzemascarenhasalmeida@bol.com.br
Lahélia Mariano da Silva - laheliasilva2009@gmail.com
Ligeovânia de Moura Andrade - ligiandrade2017@gmail.com
Antonia Tayana Clemente Viana - tayanaclemente01@gmail.com
Tâmia Letícia Hashiguchi - letimi36@gmail.com

Introdução

Este capítulo intenciona, principalmente, relacionar o origami como ferramenta pedagógica desenvolvida na contação de histórias aos preceitos da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (BRASIL, 2018), no tocante à Educação Infantil. Especificamente, temos como objetivos: discorrer sobre o que a BNCC apresenta para a Educação Infantil, com enfoque nos direitos de aprendizagem e desenvolvimento, além de discutir os campos de experiência idealizados para esta.

Nesse sentido, apresentamos a técnica de origami e a sua aplicação pedagógica com a contação de histórias, sobretudo, trazendo para o contexto da Educação Infantil e suas diversas possibilidades de aplicação. Por fim, apresentamos algumas experiências exitosas de aplicação do origami e a relação de suas aplicações com os preceitos da BNCC para a Educação Infantil.

A Educação Infantil na BNCC

A Educação Infantil, passou, a partir da Constituição Federal de 1988, a ser garantida como o direito de a criança ser matriculada na pré-escola (BRASIL, 1988). A Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), nº. 9.394/96, consolida e estabelece a Educação Infantil como: “primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social” (BRASIL, 1996).

Aqui, usaremos a definição de criança proposta nas Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil (DCNEI), a saber:

Sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura. (BRASIL, 2010, p. 12)

A Educação Infantil passa por um intenso processo de revisão das leis, portarias, documentos e concepções sobre a educação de crianças em espaços coletivos, buscando o fortalecimento de práticas pedagógicas exitosas de aprendizagens. Nesse sentido,

Abrir espaço na escola para essa riqueza é deixar adentrar a própria comunidade, vivificada, valorizada e ressignificada. Contar histórias e resgatar sua prática está diretamente relacionado a um reflorescimento das tradições que acionam para um resgate do sujeito humano, ser social, cultural, religioso e histórico. (PEREIRA; ALMEIDA, 2012, p. 04)

A BNCC é um documento que permite que a Educação Básica assegure direitos de aprendizagens comuns em todo o território brasileiro, porém, as escolas podem e devem adequar sua realidade na elaboração e ampliação do currículo escolar, que precisa ser explicitado no Projeto Político-Pedagógico (PPP) (BRASIL, 2018).

Segundo a BNCC, a relação entre o que é básico-comum e o que é diverso são retomados no Artigo 26 da LDB, o qual determina que:

Os currículos da Educação Infantil, do Ensino Fundamental e do Ensino Médio devem ter base nacional comum, a ser complementada, em cada sistema de ensino e em cada estabelecimento escolar, por uma parte diversificada, exigida pelas características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e dos educandos. (BRASIL, 1996)

A BNCC considera que as crianças pequenas possam potencializar seu desenvolvimento. Para isso, devem ter os direitos de aprendizagem garantidos na Educação Infantil: conviver, brincar, comunicar, explorar, participar e conhecer-se. Esses direitos já eram contemplados na Educação Infantil por ter caráter obrigatório e previsão legal na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB 9.394/96) e no Plano Nacional da Educação (PNE) (BRASIL, 2018).

Nesse contexto, as escolas devem utilizar a BNCC como referência para seus currículos, adaptando a sua realidade, a fim de “valorizar e fruir as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, e também participar de práticas diversificadas da produção artístico-cultural” (BRASIL 2018, p. 07). Assim, as competências gerais da BNCC articulam-se na construção de conhecimentos, desenvolvendo habilidades e contribuindo para a formação de atitudes e de valores.

A BNCC avança quando reconhece a Educação Infantil como etapa fundamental, bem como no estabelecimento dos direitos de aprendizagem para bebês, crianças bem pequenas e crianças pequenas. Cabe à escola incluir no currículo propostas de projetos e atividades que estimulem a construção da identidade e subjetividade das crianças.

A Educação Infantil é etapa da educação básica que acontece em espaço/tempo institucional de experiências e vivências sobre a cultura humana, marcada pela relação adulto/criança para concretização do processo de humanização que culmina na singularização da criança como indivíduo. (MARTINS; CARVALHO, 2020, p. 07)

Ainda sobre a Educação Infantil, esta deve acontecer em estabelecimento de ensino, ou seja, na escola e cada uma deve elaborar seu currículo. Segundo as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI), o currículo é assim definido:

Conjunto de práticas que buscam articular as experiências e os saberes das crianças com os conhecimentos que fazem parte do patrimônio cultural, artístico, ambiental, científico e tecnológico, de modo a promover o desenvolvimento integral de crianças de 0 a 5 anos de idade. (BRASIL, 2010, p. 12)

Portanto, a prática docente deve estar alinhada ao que é proposto nos documentos que norteiam a etapa da Educação Básica, porém, a competência profissional pode influenciar na prática, buscando transformar a realidade dos alunos em sua plenitude. O pátio da escola é um campo fértil, sobretudo, onde o docente aprende e ensina, produzindo e fortalecendo as mais variadas formas de cultura, de modo que o ápice dessa transformação acontece, quando a criança leva a aprendizagem para além dos muros da escola.

Por isso, torna-se importante conhecermos os direitos de aprendizagem e desenvolvimento previstos na BNCC.

Os direitos de aprendizagem e desenvolvimento previstos na BNCC

Os eixos norteadores da prática pedagógica são interações e brincadeiras. De acordo com a BNCC, os eixos estruturantes das práticas pedagógicas e as competências gerais da Educação Básica propõem seis direitos de aprendizagem e desenvolvimento. O documento assegura que na Educação Infantil esses direitos de aprendizagem e desenvolvimento sejam postos em prática, devendo a escola que atende criança ter um currículo voltado para o desenvolvimento global do educando (BRASIL, 2018).

Nesse contexto, “conviver” é o primeiro direito de todo ser humano. É preciso conviver com outras pessoas em pequeno ou grande grupo para que, na interação, aprenda a estar junto, a pertencer a uma sociedade, pois é no convívio que a criança aprende, tem conhecimento de si para conhecer o outro. Assim, a cultura e o respeito às diferenças se manifestam na interação (BRASIL, 2018).

“Brincar” é um direito que precisa ser garantido para ampliar e diversificar o acesso a várias culturas. Toda criança ao brincar estimula seus conhecimentos, imaginação e criatividade (BRASIL, 2018).

“Participar” para aprender a ser, pois a criança tem o direito de participar da elaboração e construção das atividades escolares. Quando a criança participa ativamente dessa construção, contribui para o fortalecimento do seu eu (BRASIL, 2018).

“Explorar” é um direito fundamental, que deve ser garantido. A criança tem o direito de explorar e vivenciar o mundo ao seu redor. A contação de história é uma atividade simbólica que permite explorar o universo infantil (BRASIL, 2018).

“Expressar” é o direito que a criança tem de participar da atividade que permita o diálogo. O respeito à diversidade cultural é fundamental para que a criança se expresse. A acolhida no pátio é uma atividade abrangente onde esse direito é garantido, pois a criança tem oportunidade de cantar, dançar, falar, ler, ouvir e contar história (BRASIL, 2018).

“Conhecer-se” é onde a prática diária do autoconhecimento permite que a criança conheça a história da sua comunidade, apreende a cultura e aprende a respeitar as diferenças, pois constrói sua identidade pessoal, social e cultural (BRASIL, 2018).

Diante desses direitos, conhecer os campos de experiência, vislumbrando o desenvolvimento de habilidades na construção de saberes com o origami, torna-se relevante.

Os campos de experiências: desenvolvendo habilidades na construção de saberes com o origami

Os campos de experiências associam saberes e conhecimentos na organização da Educação Infantil na BNCC, definindo os objetivos de aprendizagem e desenvolvimento. Assegura, principalmente, os direitos da criança de conviver, brincar, participar, explorar, expressar e conhecer-se (BRASIL, 2018).

No campo “O eu, o outro e o nós”, as atividades com origami criam oportunidades de contato com vários grupos sociais e culturas, uma vez que o origami é uma arte milenar bastante

utilizada no mundo inteiro. Através do origami e com o avanço da Internet podemos trocar mensagens com pessoas de vários países, conhecerem línguas e costumes diferentes (BRASIL, 2018).

Já com o “Corpo, gestos e movimentos”, o origami favorece as diferentes linguagens na Educação Infantil, podendo ser um excelente recurso para trabalhar com a música, a dança, bem como nas brincadeiras de faz de conta (BRASIL, 2018).

Com o campo “Traços, sons, cores e formas”, as dobraduras permitem que as crianças desenvolvam o senso estético e crítico. Nesse campo, as crianças ao utilizar o origami têm infinitas possibilidades de criação, pois o papel permite a produção do som e o desenho. Atividades com cores, formas, aromas, texturas, tamanhos transformam a aula em momento de prazer, que sempre culmina em música e encenações com contação e criação de história (BRASIL, 2018).

Portanto, a Educação Infantil precisa promover a participação das crianças em tempos e espaços para a produção, manifestação e apreciação artística, de modo a favorecer o desenvolvimento da sensibilidade, da criatividade e da expressão pessoal das crianças, permitindo que se apropriem e reconfigurem, permanentemente, a cultura e potencializem suas singularidades, ao ampliar repertórios e interpretar suas experiências e vivências artísticas. (BRASIL, 2018, p. 41)

“Escuta, fala, pensamento e imaginação”: neste campo, na Educação Infantil, é importante promover atividades em que as crianças possam contar e ouvir histórias. É junto à família que a criança tem contato com a fala, através das narrativas que fazem parte de sua cultura (BRASIL, 2018).

Por fim, no campo de experiência “Espaços, tempos, quantidades, relações e transformações”, apresenta-se que as atividades da Educação Infantil precisam promover experiências que possam levar as crianças a manipularem objetos, investigarem, observarem e explorarem seu entorno em busca de respostas na construção dos saberes. Nesse contexto, os conhecimentos matemáticos são infinitos quando a criança manipula o papel e tenta fazer um origami, podendo adquirir conceitos de formas geométricas, medidas, contagens, bem como todos os conceitos matemáticos que auxiliam na aprendizagem da leitura e escrita, pois o origami é pura matemática (BRASIL, 2018).

Diante dessa exposição dos campos e dos fundamentos da BNCC, qual relação com o origami e a contação de histórias podemos fazer?

O origami e a contação de histórias

Contar história é uma arte agradável, que resiste ao tempo por ser uma atividade lúdica que encanta, educa, ensina e cria laços de amizade e vivências. Passada pelas gerações, quem não tem lembrança de um momento mágico onde avós, tios, pais ou professores inspiraram a criatividade das crianças, levando-as por um mundo encantado, regido pela imaginação.

Para que a história realmente prenda a atenção da criança, deve entretê-la e despertar a sua curiosidade. Contudo, para enriquecer a sua vida, deve estimular-lhe a imaginação: ajudá-la a desenvolver seu intelecto e a tornar claras suas emoções; estar em harmonia com suas ansiedades e aspirações; reconhecer plenamente suas dificuldades e, ao mesmo tempo, sugerir soluções para os problemas que a perturbam. (BETTELHEIM, 2009, p. 11)

Com um pedaço de papel e a mão hábil, dobrando um barco, é possível imaginar um cenário que talvez nunca possa ser visitado ou que só existe na imaginação de quem sonha. O origami permite assim, a construção de personagens e cenários diversos, que enriquecem a contação de histórias, sejam os clássicos contos ou as inventadas. Segundo Gênova (2009, p. 15):

Por meio do origami, várias ideias podem ser trabalhadas como: Explorar padrões e fazer conexões; Ilustração de eventos históricos, datas; Aprender como proteger e conservar a vida selvagem, dobrando um animal discutindo o tema; Interpretação de diagramas; Comunicação, leitura e compreensão; Dramaturgia ilustrada com peças; Conectar as crianças com matemática e ciência; Criatividade; imaginação, desafio, decoração; Sentir texturas diferentes, projetos de grupo; Precisão, sucessão e habilidade de organização; Concentração, paciência e socialização; Autoestima; Motiva crianças a mostrar peças para a família e amigos em uma conexão casa/escola.

O estudo de Gênova (2009) identifica o origami como um recurso pedagógico capaz de transformar a aula em um momento de aprendizagem, de descobertas, onde a imaginação e a criatividade estimulem o desenvolvimento global da criança.

Nesse sentido, ouvir histórias também transporta a criança para um mundo de sonho onde a imaginação estimula a criatividade e permite a troca de papel, ao assumir a vida dos personagens. Contar histórias é uma arte, pois o contador precisa conquistar os ouvintes. Para tanto, deve utilizar recursos variados, envolver a criança na narração, ter cuidado com a voz e com as expressões (ABRAMOVICH, 2001).

Na Educação Infantil, experimentar e envolver as crianças em atividades com origami potencializa suas habilidades de criação, oportunizando momentos de vivências que se transformarão em memórias afetivas. Para Oliveira (2004, p. 06), “o trabalho manual das

dobraduras estimula também as habilidades motoras com uma ênfase no desenvolvimento da organização, na elaboração de sequência de atividades, na memorização de passos e coordenação motora fina do aluno”.

Ao utilizar o origami como recurso pedagógico, o papel se transforma em magia, dando oportunidade à criança de presenciar a criação de diversas figuras. Com essa descoberta, é possível auxiliar no processo de alfabetização, pois a manipulação do papel desenvolve a coordenação motora ampla e fina, a oralidade, além de ensinar os conceitos matemáticos.

O origami pode contribuir para abordar assuntos de forma lúdica para o ensino e aprendizagem de matemática e outras áreas do conhecimento de modo que o aluno entenda o que está fazendo, o que aprendeu, promovendo a socialização, a descontração e ajudando também no desenvolvimento humano tanto na área motora quanto cognitiva e afetiva. (BETTIN; PRETTO, 2017, p. 04)

O origami favorece o processo de construção do conhecimento, pois é uma arte agradável que promove o interesse pelo aprender com ênfase nos aspectos emocionais, físicos, afetivos, cognitivos e sociais com uma simples ação de dobrar papel estimulado pelo ato de brincar. Aprender brincando é uma atividade natural da criança.

Brincar é, sem dúvida uma forma de aprender, mas é muito mais que isso. Brincar é experimentar-se, relacionar-se, imaginar-se, expressar-se, compreender-se, confrontar-se, negociar, transformar-se, ser. Na escola, a despeito dos objetivos do professor é de seu controle, a brincadeira não envolve apenas a atividade cognitiva da criança. Envolve a criança toda. É prática social, atividade simbólica, forma de interação com o outro. Acontece no âmago das disputas sociais, implica a constituição do sentido. É criação, desejo, emoção, ação voluntária. (FONTANA; CRUZ, 1997, p. 139)

Analisando a citação acima, percebemos a dimensão dos benefícios do origami, quando utilizado como recurso pedagógico. Ao brincar com o papel, dobrando ou manipulando as dobraduras, a criança tem a possibilidade de experimentar situações novas; de relacionar com seus pares na troca de saberes; a imaginar-se em diversos contextos sociais, permitindo a troca de papéis onde possa compreender, negociar e transformar a realidade para ser protagonista da sua história.

Sendo a Educação Infantil a primeira etapa da Educação Básica, pela sua importância, necessita da integração com o cuidar e o educar. Com essa intencionalidade, a escola precisa receber as crianças em um espaço lúdico, que promova seu desenvolvimento através da interação com seus pares. Nesse ambiente, a criação de atividades lúdicas deve estimular o desenvolvimento global da criança.

A escuta de histórias estimula a imaginação, educa, instrui, desenvolve habilidades cognitivas, dinamiza o processo de leitura e escrita, além de ser uma atividade interativa que potencializa a linguagem infantil. A ludicidade com jogos, danças, brincadeiras e contação de histórias no processo de ensino e aprendizagem desenvolvem a responsabilidade e a autoexpressão, assim a criança sente-se estimulada e, sem perceber, desenvolve e constrói seu conhecimento sobre o mundo. (SOUZA; BERNARDINO, 2011, p. 237)

Durante a contação de história com origami, o professor irá conduzir a criança para que desperte sua competência e habilidade para alcançar os objetivos esperados. Para isso, faz-se necessário que o docente tenha um arcabouço cultural sobre os recursos utilizados na hora da história. Torna-se fundamental que o professor tenha domínio na confecção das dobraduras, pois é comum esquecer as dobras e, quando isso acontece, as crianças percebem. Esse esquecimento é saudável, pois ambos aprendem juntos.

Atualmente, existe um acervo de livros e vídeos ensinando a arte da dobradura. Mesmo assim, é necessário treino para aperfeiçoar a habilidade na arte de dobrar e manusear o papel, para que sirva de cenário e personagens que despertem a imaginação das crianças. Sobre as habilidades envolvidas na prática do origami, Tridapalli (2017, p. 31) cita Robles (2010, s./p.):

O origami desenvolve nas crianças habilidades que são muito evidentes, tais como a habilidade manual, o conceito, a coordenação de movimentos e a psicomotricidade fina, além de ajudá-las a tomar consciência do uso das mãos. Desenvolve também o espírito criativo, ensina a seguir instruções e estimula o trabalho em grupo.

A participação e a aprendizagem das crianças na sala de aula são enriquecidas pela comunicação nas atividades em grupos. Momento este, que permite a troca de experiências, ressaltado conforme Oliveira (2004, p. 06): “atividades em grupo favorecem a cooperação, bem como a paciência e a socialização. O resultado das dobraduras, além de um incentivo à realização pessoal e à autoestima, é um motivo especial para presentear pais, amigos criando uma saudável conexão escola/casa”. Nessa troca de experiência é comum ouvir das crianças as seguintes expressões: “Maravilhoso! Eu amei! Eu quero! Posso levar para casa? Professora o que a senhora trouxe hoje?”. Diante das falas citadas ver-se o encanto que o origami desperta para as crianças. Conforme Kishimoto *et al.* (2014, p. 373),

O *origami* pode ser incluído como estratégia pedagógica em sala de aula, pois se mostrou como atividade estimuladora e prazerosa para as crianças, contribuindo para o aprendizado e tendo ampla aceitação por parte destas. Ele também pode ser introduzido no plano pedagógico para ser desenvolvido de maneira interdisciplinar a partir do eixo “movimento”, pois o ato de construção do *origami* se relaciona com os

demais eixos da dimensão “conhecimento de mundo”, cujas orientações constam do Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil. (grifos no original)

O origami é um recurso que estimula o aprendizado, quando utilizado em atividades físicas e práticas de aprendizagem por tornar a atividade mais saudável em todos os aspectos: emocionais e físicos envolvendo todos os que fazem parte da comunidade escolar. O pensador Froebel foi quem introduziu o origami como recurso pedagógico, ainda no século XIX.

Observamos que os benefícios e as vantagens da utilização do origami com crianças pequenas são vários, pois trabalha a interdisciplinaridade, dando oportunidade de estimular o raciocínio e, na contação de história, fomenta a criatividade.

A seguir, apresentamos algumas experiências exitosas com origami na Educação Infantil.

Experiências exitosas com origami na Educação Infantil

Adaptar as possibilidades de utilização da arte de dobrar papel como uma forma de sensibilização para criação e contação de história, a releitura dos contos e fábulas na Educação Infantil são objetivos do Centro Municipal de Educação Infantil Ladeira do Uruguai, em Teresina (PI)

Nesse sentido, o origami é um recurso de fácil acesso, educativo, pedagógico e lúdico, de incentivo à leitura, que desperta o interesse dos alunos para as inúmeras possibilidades de aplicação das dobraduras, motivando a criança a se envolver com as atividades, proporcionando o treinamento de algumas habilidades básicas, através de atividades práticas.

Em 2021, foi trabalhado o Projeto de Leitura “Contos e fábulas: dobrando infinitas possibilidades” para auxiliar no desenvolvimento das habilidades necessárias na Educação Infantil, tornando a aprendizagem significativa para as crianças. Nas oficinas com a comunidade escolar foram dobrados contos e fábulas, como: a) Chapeuzinho Vermelho; b) João e Maria; c) O Leão e a Vaca; d) A Lebre e a Tartaruga.

O conto “Chapeuzinho Vermelho” foi dobrado e montado pensando em estimular a aprendizagem dos conceitos matemáticos, levando a criança a perceber que a cada conceito estudado havia uma dobradura: “em cima”, “embaixo”, “na frente”, “atrás”, “muito”, “pouco”, “dentro”, “fora”. Durante a contação da história era possível fazer a contagem das árvores, as quais foram agrupadas em um grupo de dez. Na fala destacada abaixo, conforme as autoras:

Considerando a capacidade infantil de interpretar as histórias e a necessidade de estimular essa capacidade, admitimos que as crianças podem iniciar a compreensão de vários conceitos matemáticos básicos, os que são possíveis de serem tratados por meio de problemas em torno dos temas das histórias. Ou seja, o educador infantil pode trabalhar fazendo uma conexão entre as interpretações das histórias da literatura infantil e a iniciação matemática, para incentivar as crianças a aprender novas noções matemáticas e a utilizar melhor as já aprendidas. (ZACARIAS; MORO, 2005, p. 278)

Afirmamos, portanto, que o uso do origami utilizado na contação de história contribui e desperta o interesse da criança que, brincando, aprende Matemática estimulando a aprendizagem nos eixos temáticos: Natureza e Sociedade; Linguagem oral e Escrita; Música; Artes; Movimento. Estes eixos foram contemplados com o conto e reconto de história, em que os objetivos fundamentais foram alcançados, entre eles: desenvolver a consciência corporal e temporal; a construção da identidade; a expressão oral; o nível simbólico; a autonomia e a criatividade. O reconto é fundamental para a verificação da aquisição da linguagem.

Ademais, em uma oficina com as mães, foi criada uma história, tendo como base as vivências de uma aluna do primeiro período do CMEI Ladeira do Uruguai, no ano de 2021, apresentada a seguir:

Bisa Maria

Maria Rita é uma criança alegre e amorosa que gosta de passear no Sítio da Bisa Maria.

O nome do é Sítio Nova Vida. Lá tem muitos animais e árvores.

Quando amanhece no Sítio Maria Rita observa a natureza e diz:

- Bom dia, sol que aquece.

- Bom dia, pássaros que alegre com seu canto.

Maria Rita brinca com o gato e o cachorro. As borboletas voam no jardim.

Bisa Maria chama a menina para tomar café. A conversa na mesa é animada, mas de repente Maria Rita se cala. Sua mãe pergunta:

- O que foi Maria Rita? Por que está tão calada?

- Estou com saudades da minha escola. Mamãe, pode convidar meus amigos para passar um dia aqui no sítio?

A mãe responde:

- Ainda não podemos. É muito cedo e arriscado devido à pandemia da COVID, mas podemos fazer uma máscara personalizada com o nome dos seus amigos e ir à escola distribuir. O que acha?

- Oba, que legal! Vamos logo começar. Quero fazer o convite. Amei a ideia.

No dia da entrega das máscaras, Bisa Maria fez um bolo delicioso e seguindo os protocolos sanitários Maria Rita brincou com seus amigos.

Partindo da escrita do texto, com a participação da família, foram confeccionados os origamis, dispostos em seis móveis. A contação da história foi realizada pela aluna. A participação da família foi fundamental nesse processo, provando que a parceria entre escola e família é fundamental para o desenvolvimento e o crescimento da criança, pois a família é a primeira instituição a que pertence um indivíduo, é o início, a base de tudo, sendo por essa

razão, fundamental para a formação da personalidade do mesmo, tendo em vista que os valores e a cultura conhecidos no seio familiar servirão de exemplo para o cidadão durante toda a sua vida. Sobre esta importância, Cortez *et al.* (1997, p. 11) ressaltam que:

A família é o primeiro grupo a que pertence um indivíduo e onde ele tem a oportunidade de aprender através de experiências positivas (afeto, estímulo, apoio, respeito, sentir-se útil) e negativas (frustrações, limitações, tristezas, perdas), todas elas fatores de grande importância para a formação de sua personalidade. É a primeira integradora e, o amor, compreensão, confiança, estímulo e comunicação que permeiam a relação, são formas de proteção que utiliza para facilitar o processo de integração e participação do indivíduo nos diferentes grupos sociais da comunidade.

Na relação família/educadores, um sujeito sempre espera algo do outro. E para que isso, de fato ocorra, é preciso que sejamos capazes de construirmos coletivamente uma relação de diálogo mútuo, em que cada parte envolvida tenha o seu momento de fala, existindo, assim, uma efetiva troca de saberes. A capacidade de comunicação exige a compreensão da mensagem que o outro quer transmitir e, para tal, faz-se necessário o desejo de querer escutar o outro, a atenção às ideias emitidas e a flexibilidade para recebermos ideias que podem ser diferentes das nossas.

Assim, é fundamental que se conheça o aluno e a família com a qual se trabalha. Sobretudo, que se conheçam quais são suas dificuldades, seus planos, seus medos e anseios. Enfim, que características e particularidades marcam a trajetória de cada família e, conseqüentemente, do educando que é atendido. Estas informações são elementos preciosos para que se possa avaliar o êxito das ações enquanto educadores, identificar demandas e construir propostas educacionais compatíveis com a realidade.

Considerações finais

Este capítulo demonstrou a relação do origami como ferramenta pedagógica desenvolvida na contação de histórias aos preceitos da BNCC no tocante à Educação Infantil. Conseguimos discorrer sobre os campos de experiência, previstos no documento oficial para a Educação Infantil e apresentar os direitos de aprendizagem e desenvolvimento, estabelecendo uma relação de construção de saberes e de aplicação pedagógica do origami e da contação de histórias. Com isso, acreditamos ser possível o desenvolvimento de conhecimentos relacionados a cada campo de experiência, a demais conhecimentos relacionados aos eixos

temáticos e às outras áreas de conhecimento durante a infância, como, por exemplo, a Matemática.

Com as experiências exitosas, também destacamos a relevância da família e da escola desenvolver juntas algumas propostas pedagógicas, sobretudo, porque unidas são um excelente exemplo para as crianças durante seu desenvolvimento biopsicossocial, cultural, histórico e espiritual.

Por fim, afirmamos ser possível no desenvolvimento da Educação Infantil, a utilização da técnica do origami, junto à contação de histórias, como estratégia de ensino efetiva e eficiente.

Referências

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura Infantil**: gostosuras e bobices. São Paulo: Scipione, 2001.

BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. São Paulo: Paz e Terra, 2009.

BETTIN, Anne Desconsi Hasselmann; PRETTO, Valdir. O origami no ensino e aprendizagem de Matemática. *In*: CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO - Educação Humanizadora: valorizando a vida na sociedade contemporânea, VII., Santa Maria. **Anais...** Santa Maria: FAPAS - Faculdade Palotina, 2017. v. 1. p. 01-09. Disponível em: <https://hal.archives-ouvertes.fr/hal-01572068/document#:~:text=Assim%20como%20os%20jogos%2C%20o.no%20desenvolvimento%20humano%20tanto%20na>. Acesso em: 08 mar. 2022.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Senado Federal; Centro Gráfico, 1988.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 23 dez. 1996.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Brasília: MEC; SEB, 2010.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Educação é a Base: Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio. Brasília: MEC/CONSED/UNDIME, 2018.

CORTEZ, Lucinha *et al.* **Família e profissionais**: rumo à parceria. Brasília: Federação Nacional das Apaes, 1997.

FONTANA, Roseli; CRUZ, Maria Nazaré da. **Psicologia e trabalho pedagógico**. São Paulo: Atual, 1997.

GÊNOVA, Carlos. **Origami**: dobras, contas e encantos. 2. ed. São Paulo: Escrituras Editoras, 2009.

KISHIMOTO, Simone Thiemi *et al.* Educação Física Escolar e a técnica de origami na Educação Infantil. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 17, n. 2, p. 359-376, jan./mar., 2014. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/fef/article/view/23868/16740>. Acesso em: 14 mar. 2022.

MARTINS, Maria de Nazareth Fernandes; Carvalho, Maria Vilani Cosme de. Educação Infantil e alfabetização: o debate sobre o lugar da atividade de brincar. **Revista de Educação PUC-Campinas**, v. 25, e204935, 2020. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/pdf/edpuc/v25/2318-0870-edpuc-25-e204935.pdf>. Acesso em: 08 mar. 2022.

OLIVEIRA, Fátima Ferreira de. **Origami**: Matemática e Sentimento. Slides [Material didático ou instrucional]. p. 01-30, 2004. Disponível em: https://www2.ibb.unesp.br/Museu_Escola/Ensino_Fundamental/Origami/Artigos/apresentacao_geometria.pdf. Acesso em: 08 mar. 2022.

PEREIRA, Marciane Aparecida Costa Silva; ALMEIDA, Cecília Barreto. Contação de histórias: sabedoria e identidade cultural do campo. **Revista Multitexto**, Montes Claros, v. 1, n. 1, p. 01-09, 2012.

ROBLES, Maurício. **Origami**: a divertida arte das dobraduras de papel. Imperatriz: Marco Zero Editora, 2010.

SOUZA, Linete Oliveira de; BERNARDINO, Andreza Dalla. A contação de história como estratégia pedagógica na Educação Infantil e Ensino Fundamental. **Educere et Educare: Revista de Educação**, Cascavel, v. 6, n. 12, p. 235-249, 2011.

TRIDAPALLI, Marília Pelinson. **Sugestões de práticas de ensino de geometria utilizando origami modular**. 2017. 85 f. Dissertação (Mestrado em Ciências - Programa de Mestrado Profissional em Matemática) – Instituto de Ciências Matemáticas e de Computação. Universidade de São Paulo, São Carlos, 2017.

ZACARIAS, Eloísa; MORO, Maria Lucia Faria. A matemática das crianças pequenas e a literatura infantil. **Educar**, Curitiba, n. 25, p. 275-299, 2005.

A HISTÓRIA NO LIVRO COMO FERRAMENTA PARA A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE INFANTIL EM SALA DE AULA

Maria do Socorro Leal Lopes - mslealopes@ufpi.edu.br
Glória Maria Santos Melão - gloriariamelao@gmail.com
Iara Maria da Luz Santos - santosyara700@gmail.com
Sandra Maria de Sousa - sandrasousa@ufpi.edu.br
Sammia Thaynnara Santos da Cunha - sammiacunha@hotmail.com

Introdução

A contação de histórias é uma ferramenta importante para o desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem, especialmente na Educação Infantil, haja vista, que estimula a imaginação das crianças e favorece o seu desenvolvimento social. Nesse sentido, este estudo objetiva relatar a prática desenvolvida no âmbito do Projeto “Uma viagem no mundo do “faz de conta””: contar histórias como intervenção socioeducativa a partir do imaginário infantil”, no ano de 2021, realizado pelo Programa de Educação Tutorial (PET)/Pedagogia da Universidade Federal do Piauí (UFPI).

O referido Programa institucional proporciona cursos de extensão, visando tornar a formação inicial de graduandos mais significativa e rica em campos de experiência diversos, bem como contribuir para a formação continuada de professores em exercício nas escolas de Educação Básica do Piauí, mais especificamente, dos municípios de Teresina, José de Freitas e Luiz Correia. Dentre os objetivos da atividade, destacam-se: enfatizar, na história contada, a pluralidade de características étnico-raciais existentes na sociedade, bem como o respeito às diferenças e a valorização das individualidades; descrever a diversidade étnico-racial presente na sociedade por meio da contação de história; compreender a importância da empatia e respeito às diferenças; e identificar o preconceito e o uso de expressões discriminatórias, através da ludicidade e do faz de conta.

A realização deste estudo ocorreu a partir de uma pesquisa bibliográfica, sobre o conhecimento produzido durante as aulas teóricas ministradas ao longo do curso de extensão, supramencionado, consolidado em 11 módulos, e da prática de produção de um vídeo que foi utilizado como metodologia ativa na contação de histórias por meio da técnica de história no livro, como recurso para trabalhar questões raciais relacionadas à construção da identidade infantil e ao bullying em sala de aula. Para tanto, fundamentamos em Abramovich (1995), Bastos *et al.* (2016), Freire (1989), Guimarães (2017), Silva (1998), bem como na leitura de

documentos legais oficiais, a exemplo da Lei Federal no 10.639/03 (BRASIL, 2003) e da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (BRASIL, 2018).

A miscigenação das matrizes indígena, africana e europeia deu origem ao povo brasileiro. Povo forte, possuidor de uma multiplicidade de características, dentre elas, variadas cores de pele. As indagações acerca das múltiplas diferenças presentes na sociedade são perceptíveis em sala de aula

, bem como, no convívio social das crianças, haja vista que, elas são seres em formação, que se apropriam dos conhecimentos por meio do convívio e das experiências por elas vivenciadas.

Cotidianamente, vivemos situações direta ou indiretamente ligadas às questões de cor, de raça, das individualidades de cada um, acontecendo comumente, por meio de expressões que permeiam o vocabulário informal, assim, as reflexões lúdicas apresentadas por meio da contação de histórias, propiciam além do encantamento infantil, o despertar para a leitura crítica, contribuindo como uma ferramenta educacional de inclusão e de disseminação de ações e atitudes que irão contribuir para o desenvolvimento dos estudantes enquanto seres de direito.

De acordo com Bastos *et al.* (2016, p. 02), “sendo o racismo uma problemática de cunho social enraizada em nosso país desde o momento de sua colonização, percebemos a devida importância de trazer à tona a discussão desse tema”. Desse modo, considerando a necessidade de proporcionar aos alunos maior familiaridade e conscientização sobre a pluralidade, empatia, identidade e representatividade, justifica-se a necessidade de chamar a atenção para a maneira como o preconceito é socialmente construído, e assim aprendido pelas crianças através das atitudes dos adultos.

Assim, almejamos, através do presente relato, contribuir para as reflexões e as práticas que envolvam a contação de histórias aliada às questões raciais trabalhadas na sala de aula, a partir da literatura disponível no acervo nacional, para que os indivíduos em formação percebam que ser diferente é o que torna o ser humano único.

Nesse sentido, este texto foi organizado em duas seções, cada uma com uma subseção. Após esta introdução, segue: *Contação de história: sua importância no desenvolvimento infantil em sala de aula*, a qual foca na importância da contação de história para o desenvolvimento infantil do aluno em sala de aula. A seção seguinte: *A questão racial dentro das salas de aula e seu impacto na construção da identidade da criança*, evidencia o impacto das questões raciais na sala de aula, a fim de construir a identidade do aluno. As considerações finais ensejam uma reflexão sobre a contação de histórias no livro, enfatizando a construção da

identidade infantil em sala de aula, visando o rompimento da cultura discriminatória, sobretudo, a racial, presente na sala de aula e demais espaços da escola.

Contação de história: sua importância no desenvolvimento infantil em sala de aula

A contação de histórias é um recurso pedagógico, milenar e em evolução constante, carregado de significados. Nesse sentido, a interação que se estabelece na sala de aula na qual a contação é praticada no processo de ensinar e aprender, podemos perceber um clima reflexivo de valores culturais, artísticos, conhecimentos, crenças e hábitos relevantes para a formação cidadã do aluno, com vista ao um ser crítico, participativo e autônomo. Desde os primórdios, a contação de história teve uma participação significativa no processo de ascensão evolutiva dos seres humanos, tendo sido a ferramenta utilizada como meio de transmissão às novas gerações de todos os costumes e ensinamentos, possibilitando algo além da comunicação, contribuindo assim, para a transformação social.

E neste âmbito, a literatura oral contribuiu para a preservação de suas memórias e consolidou o uso da narrativa, o que lhe possibilitou uma construção intelectual, psicológica e de pertencimento. Considerando todo o embasamento da utilização do conto literário, por exemplo, como meio de aprendizado, torna-se necessário lançar mão da sua utilidade em sala de aula, abordando-o de forma reflexiva, assuntos que conceituem e expressem a importância e a valorização dos grupos étnicos culturais, religiosos e tantos outros que forem pertinentes.

Nesse viés, a utilização da arte da contação de histórias na Educação Infantil proporciona ao educador estimular, de forma lúdica e prazerosa, o desenvolvimento das crianças, fomentando sua curiosidade, autonomia e imaginação. Abramovich (1995) ressalta a importância de contar histórias para crianças, de forma que escutá-las é um precedente para a formação de leitores, além de incitar o imaginário para responder a tantas questões existentes no mundo da criança. Ao tempo que o fazer pedagógico é trabalhado, emoções diversas são provocadas a partir do enredo, entonação e ambientação da contação, de modo que ajudam na resolução de conflitos emocionais da própria criança, permitindo que ela possa espelhar situações já vivenciadas pelos personagens daquele enredo e, a partir dele, vislumbrar uma resolução para si mesmo.

Percebemos que, os professores ao utilizarem a contação de histórias em salas de aulas incorporam às suas práticas pedagógicas um valioso aliado na construção da criatividade e da imaginação dos alunos, desenvolvendo também, as linguagens oral, escrita e visual, trabalhando o senso crítico e contribuindo significativamente na formação da identidade da

criança, ao envolvê-la no mundo da cultura e da diversidade literária. A criança mesmo sem o domínio da linguagem escrita, aguça a leitura de mundo, constrói seu vocabulário, amplia sua concentração e poder de escuta, facilitando o desenvolvimento do processo de aprendizagem formal, respeitando o estágio de desenvolvimento psicológico individual de cada aluno.

Técnica de contação de histórias tendo o livro como ferramenta facilitadora

O ato de contar história surgiu com os primórdios, a partir de uma necessidade da humanidade de repassar, através das pinturas e da oralidade, as histórias que no passado foram importantes para cada cultura. Podemos falar que a contação de história se caracteriza como um ato de resistência, pois, apesar de acompanhar a humanidade desde o início dos tempos, sempre buscou proteger a sua identidade.

O processo de contar histórias proporciona a compreensão da história de forma lúdica e simbólica, permite dar vazão às necessidades de comunicação, traduzindo, por meio de palavras, imagens, memórias transmitidas pelos ancestrais, alegrias, prazeres, acontecimentos cotidianos, possibilitando o estímulo à leitura, a refletir sobre a realidade vivenciada etc. De acordo com a proposta da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), a contação de história é uma ferramenta que tem uma forte contribuição no desenvolvimento cognitivo e emocional dos seus ouvintes, pois permite aos mesmos viajar junto com os personagens em um mundo de faz de conta, aguçando a criatividade e a imaginação (BRASIL, 2018). Além disso, permite que a criança adentre no universo da história e, no livro, se reconheça nos personagens, desenvolvendo a linguagem oral e escrita, o gosto pela leitura, a apropriação de novas palavras, experimentando e construindo novos saberes, de modo a aprender e resolver conflitos emocionais que permeiam o universo infantil, como, por exemplo, qual a cor da sua pele.

Contar histórias é um momento de muita alegria e encantamento quando se conquista os seus ouvintes, especialmente, as crianças. Com os avanços tecnológicos, o ato de contar histórias, que, por sua vez, pode ser uma forma de diversão e brincadeira, está sendo deixado aos poucos de lado. Com a era digital está cada vez mais fácil o acesso à informação, inclusive as crianças. Diariamente, elas podem absorver milhares de informações mais rápidas e fáceis, através de aparelhos eletrônicos, deixando de lado os benefícios de ouvir uma boa narrativa.

[...] é ouvindo histórias que se pode sentir (também) emoções importantes, como a tristeza, a raiva, a irritação, o bem-estar, o medo, a alegria, o pavor, a insegurança, a tranquilidade, e tantas outras mais, e viver profundamente tudo o que as narrativas

provocam em quem as ouve - com toda a amplitude, significância e verdade que cada uma delas fez (ou não) brotar [...]. Pois é ouvir, sentir e enxergar com os olhos do imaginário. (ABRAMOVICH, 1995, p. 17)

Todas essas contribuições estão intrínsecas ao uso do livro, que, como instrumento civilizatório, acompanha o homem desde os primórdios, outrora para registro de saberes, atualmente, usa-se com foco na aprendizagem formal ou na imersão da leitura literária. Há certo receio na possibilidade de o livro impresso ser extinto, visto que, este vem perdendo espaço para as tecnologias digitais, mas cabe aos professores não deixar de incentivar a boa leitura, através do folhear de um livro.

Nesse sentido, além de possibilitar a imersão literária das crianças, aguçando sua leitura de mundo, bem como o domínio da linguagem oral e escrita, o contato com o livro físico favorece o aprendizado da delicadeza, da simplicidade e do cuidado com os objetos e as pessoas. Assim, perceberão que lidar com o papel requer cuidados especiais, como conservar em local seco e arejado, evitar manusear de qualquer forma para não rasgar, ao contrário de simplesmente colocar para ‘carregar’, como é o caso dos dispositivos eletrônicos. Pequenas atitudes que somadas a uma educação de qualidade podem criar indivíduos muito melhores, que valorizam o simples e tratam os livros tão bem quanto as pessoas.

[...] como é importante para formação de qualquer criança ouvir muitas, muitas histórias... escutá-las é o início da aprendizagem para ser leitor, e ser e ter um caminho absolutamente infinito de descobertas e de compreensão do mundo [...] ouvir histórias é um acontecimento muito prazeroso que provoca o interesse das pessoas em todas as idades. (ABRAMOVICH, 1995, p. 16)

Desse modo, a contação de histórias tem no livro um instrumento facilitador, o qual deve ser utilizado em sala de aula na Educação Infantil e anos iniciais do Ensino Fundamental. Nesse sentido, é dever da escola formar indivíduos leitores, necessitando programar ações educativas e/ou projetos com esse fim, usando a predisposição infantil ao interesse de ouvir histórias dos contos de fada, inventadas, fatos relacionados à própria família ou trechos da Bíblia, lidos ou contados pela mãe, pai e familiares. Como diz Freire (1989), a criança aprende a ler o mundo antes mesmo de aprender a ler as letras convencionalmente.

Portanto, percebemos que a contação de histórias com o uso do livro é uma excelente ferramenta didática, que só beneficia o aprendizado das crianças, visto que é na infância que se dá início aos alicerces que se prolongarão durante toda a vida pessoal e individual da criança. Com isso, cabe ao professor organizar situações de leitura lúdica, diferente da leitura didática

e corriqueira, colocando em seu planejamento diário ou semanal, um momento para contação de histórias, a fim de desenvolver futuros leitores críticos.

A questão racial dentro das salas de aula e seu impacto na construção de identidade da criança

É de conhecimento geral que somos um país miscigenado, formados por matrizes culturais indígenas, africanas e europeias, especialmente, a portuguesa, e, historicamente, existe uma supremacia determinada em nossos valores, costumes e sociedade na qual, valoriza-se o padrão ditado por uma raça: a branca. Essa supremacia é fruto da colonização portuguesa que instituiu uma sociedade baseada na divisão de classes e hierarquias, sendo o negro reduzido a posição de escravo, de ‘coisa’ ou propriedade de outrem, tirando-lhe o direito de ser humano, um cidadão. Discriminando não apenas o negro, mas também, todo aquele que destoasse do padrão estabelecido pelas grandes culturas ocidentais, que se encarregaram de associar o diferente a uma dualidade entre bom/mau.

O preconceito de cor ou de raça tem geralmente como alvo o “negro”, o “preto”, o “amarelo”, o “pardo” ou o “vermelho” (pele vermelha), dificilmente o “branco”. Por quê? Alguns responderiam que a dualidade primária é branco/preto, claro/escuro, dia/noite; que em toda parte, em todos os tempos, o branco sempre simbolizou as virtudes e o bem, enquanto o negro significou o seu contrário – o sinistro, o mal, os defeitos. (GUIMARÃES, 2017, p. 11)

Nesse sentido, reiteramos que o sujeito constrói sua identidade com base em suas interações sociais no âmbito familiar, escolar e na sociedade em que vive. Assim, a instituição escola constitui o espaço ideal para a formação dos indivíduos de determinada sociedade, todavia, ocorre a reprodução de comportamentos enraizados culturalmente, sejam eles bons ou ruins, mesmo que de forma velada ou implícita, tanto na prática dos professores quanto no comportamento dos alunos em sala de aula.

Exemplo disso, podemos citar o uso, nas aulas de Arte ou aquelas que envolvem pinturas, do lápis “cor-de-pele”, sempre representado como o lápis salmão ou rosa claro. Nesse caso, esse lápis é indicado como o tom universal da pele humana pelos próprios educadores, e isso, muitas vezes, de forma espontânea, legitima a ideia de que a cor da pele normal e dominante é aquela indicada, assim, as outras seriam as “não oficiais”. Ato este que, inicialmente, pode parecer ‘inofensivo’, mas que reproduz um problema social secular no Brasil: o racismo.

O aluno negro, pardo ou indígena ao ser estimulado a usar em seus desenhos o lápis ‘cor-de-pele’, também internalizará que sua pele e seus traços não são belos a ponto de serem usados durante as aulas. A partir disso, é reforçada a desigualdade étnica existente em nossa sociedade e que vai se perpetuar nas demais relações pessoais ao longo da vida, afetando até mesmo a própria personalidade da criança.

Sabemos que a criança não é adulto em miniatura, muito menos uma tábula rasa, e sim, um sujeito que se desenvolve num determinado contexto sociocultural, que constrói e é construído ao mesmo tempo, por isso a importância de discutir as questões raciais para que a criança tenha a formação do seu ‘eu’ impactada positivamente, visto que, durante a infância, o ‘outro’ nos influencia de maneira significativa. Ao trazer para a sala de aula enredos infantis que trabalham essa temática, o professor proporciona aos alunos a reflexão sobre as individualidades de cada um, a observação do ‘outro’ como um ser único e especial, desenvolvendo assim, o pensamento crítico e, partindo disso, eles constroem relações interpessoais alicerçadas no respeito às diferenças.

É importante ressaltar que o professor goza de autonomia na sua sala de aula, portanto, deve falar sobre a formação dos brasileiros, raças, etnias e discriminação, logicamente usando de linguagem e artifícios adequados para este fim. Nesse sentido, apontamos a contação de histórias que focam temas étnico-raciais presentes na literatura brasileira, ainda que recentes e de pouca divulgação em relação aos contos ‘universais’. Com isso, enfocamos a questão preconizada na Lei Federal nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino nacional a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira” e demais temáticas relacionadas (BRASIL, 2003).

Todavia, sabemos que na realidade professores e escolas tendem a tratá-los como tabus influenciados pela falsa sensação de que o racismo não existe no Brasil, por sermos “iguais” perante as leis, o que não impede de o cenário de desigualdade se perpetuar, mesmo depois de 133 anos da abolição da escravidão.

Relato de experiência prática: “A cor de Coraline”

Nessa subseção faremos o relato das vivências relacionadas à contação de histórias, conforme segue. A história “A cor de Coraline” é uma obra de Alexandre Rampazo, da editora Rocco. Escritor e design, Rampazo é formado pela Faculdade de Belas Artes de São Paulo e possui cerca de 50 livros publicados. O enredo da história se desenvolve em 32 páginas, nas quais a personagem principal reflete sobre qual seria o lápis cor de pele, através de um

questionamento que surge quando seu amigo Pedrinho pede emprestado um lápis de cor para colorir sua pele em um desenho (RAMPAZO, 2017).

O texto é narrado em primeira pessoa, tornando-o facilmente compreensível pelo leitor ou ouvinte. Nesse sentido, para desenvolvermos a técnica da história no livro utilizamos a oralidade como recurso principal, haja vista que, contar histórias é uma prática presente no cotidiano e que cria um elo de proximidade entre o professor/contador, a história e o ouvinte.

A Arte de contar histórias, de marcas essencialmente humanas, sustém um compromisso dos mais profundos entre contador e ouvintes, visto que, além do entretenimento que possa proporcionar, ela se constitui em fonte de reflexão e acréscimo ao intelecto e ao emocional. (SILVA, 1998, p. 32)

Por meio dessa técnica, as crianças aguçam o imaginário, interpretam o mundo, constroem conhecimentos e refletem acerca de questões sociais presentes no cotidiano, como é observado no texto da história: “A cor de Coraline”, na qual, antes de entregar o lápis, Coraline procura entender qual lápis seu amigo queria.

Assim, compreendemos a importância de apresentar questões reflexivas desde cedo para as crianças. Para tanto, ao desenvolver a técnica, utilizamos duas perguntas geradoras, iniciando com o questionamento: “qual é o lápis cor de pele?”; e, ao concluir a história, com a pergunta: “e agora existe mesmo só uma cor de pele?”. Desse modo, as crianças interagem com a temática abordada, criando uma aproximação entre o ouvinte, o contador e a história.

Para planejarmos o desenvolvimento da contação, nos encontramos pela plataforma Google Meet e pelo aplicativo de interação Whatsapp, o que permitiu que discutíssemos sobre a materialização da técnica, a escolha da contadora, o cenário, os aplicativos de edição e definimos os recursos materiais utilizados, os quais foram o livro, o celular, o notebook, o suporte de apoio para celular e internet. Uma vez feita essas definições, iniciamos o desenvolvimento da técnica, revisitando os materiais dispostos pelos professores na sala de aula virtual da plataforma *Google Classroom*, pesquisando acerca da entonação, da oralidade e das estratégias da contação, estudando a história, buscando uma intimidade com ela, pois, segundo Silva (1998, p. 31), “contar histórias implica numa complexidade de emoções que fazem aflorar arquétipos e produzem, se permanecemos atentos, uma plena identificação com o que se conta”.

Para materializarmos a história, ampliamos o livro e confeccionamos uma capa, utilizando papelão revestido de lápis de cor. O cenário utilizado foi um jardim, no qual havia

um banco de madeira e algumas bonecas de pano. A paisagem natural foi utilizada a fim de estimular a imaginação e a afetividade dos ouvintes.

Ilustração



Fonte: Arquivo das autoras (2021)

Na dinâmica da gravação, utilizamos o horário do fim da tarde, quando a luz do sol se torna mais amena e acontecem menos interferências de som. Na edição, utilizamos o aplicativo *Inshot*, inserindo as imagens que aparecem nos pensamentos de Coraline. O vídeo tem a duração de cinco minutos, sendo concluído com a pergunta reflexiva, **e agora existe mesmo só uma cor de pele?**, como mencionado anteriormente.

O vídeo resultante da prática do nosso grupo foi apresentado via *streaming*, ao vivo, no *YouTube*, para os demais participantes do Projeto e professores ministrantes, bem como para os licenciandos e professores da Educação Básica, PREXC, Direção, Chefes de Departamentos, Coordenação, Diretores e Coordenadores das Escolas Públicas convidados para a participação de maneira *online* deste momento prático. O referido material está disponível no canal do *YouTube* do PET/Pedagogia-UFPI, cujo endereço encontra-se nas referências deste texto.

Esse momento nos acompanhará internamente nas nossas práticas futuras em sala de aula. A experiência ampliou nosso olhar para os instrumentos que temos ao alcance, que ao serem observados de perto não são novos, e sim, pouco explorados na prática. Esse fato ocorre, por exemplo, por conta da acomodação que alguns professores em exercício apresentam, de ir além da abordagem do programa de ensino recebido do sistema ao qual pertencem, deixando de incrementar as suas práticas, momentos que desenvolvem a ludicidade e imaginação das

crianças, através da contação de histórias, por “dar mais trabalho” para planejar e já terem “muito conteúdo para dar conta”, principalmente nos anos iniciais do Ensino Fundamental.

Considerações finais

A contação de história com aporte no livro é uma ferramenta valiosa para trabalhar questões das mais variadas possíveis em sala de aula, inclusive, as raciais, e de maneira lúdica, atrativa, criativa e com toda leveza que a literatura infantil nos traz, e que, se não abordadas de maneira correta, podem afetar negativamente as relações entre os alunos, produzindo até mesmo situações de *bullying*, impactando a vida dos estudantes para sempre.

Nesse sentido, cabe aos professores da Educação Infantil e anos iniciais do Ensino Fundamental utilizarem de maneira consciente e intencional, lançando mão da autonomia que a profissão docente proporciona, com a finalidade de tratar temáticas sociais, muitas vezes, ocultas pelos conteúdos programáticos estipulados pelos sistemas de ensino, e não apenas com teor de distração ou diversão para as crianças menores.

Mediante o exposto, a contação de histórias com o livro é uma ferramenta que permite a construção da identidade infantil em sala de aula, capaz de romper com a cultura da discriminação, sobretudo, a racial, ainda presente no nosso país. No percurso dessa produção foi possível perceber que a inserção da contação de histórias na sala de aula da Educação Infantil e dos anos iniciais do Ensino Fundamental é uma realidade pouco explorada, considerando que durante a formação inicial, muitos professores não têm contato com essa ferramenta e sua devida aplicação, e aqueles já atuantes nas salas de aula utilizam apenas como recurso de auxílio na alfabetização e letramento dos alunos, desconsiderando os aspectos culturais e sociais.

Reiteramos que comportamentos discriminatórios não têm mais espaço nas salas de aula nos dias atuais, avançamos nas legislações como o colocado na Lei Federal nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que institui a obrigatoriedade da presença da temática racial na matriz curricular das escolas em geral, mas cabe a ação de cada educador, contribuir para a construção de uma sociedade mais justa, em que os indivíduos se tornem cidadãos plenos que enxerguem na diversidade a beleza que cada etnia carrega e está representada em si.

Referências

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil**: gostosuras e bobices. 5. ed. São Paulo: Scipione, 1995.

BASTOS, Joyce *et al.* O preconceito velado no lápis de cor intitulado “Cor-de-pele”. In: EXPOSIÇÃO DA PESQUISA EXPERIMENTAL EM COMUNICAÇÃO (EXPOCOM), XXIII., Caruaru. **Anais...** Caruaru: INTERCOM - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2016. p. 01-09. Disponível em: <https://www.portalintercom.org.br/anais/nordeste2016/expocom/EX52-1742-1.pdf>. Acesso em: 22 mar. 2022.

BRASIL. Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, 10/01/2003, p. 01. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm. Acesso em: 23 mar. 2022.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Educação é a Base: Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio. Brasília: MEC/CONSED/UNDIME, 2018.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. 23. ed. São Paulo: Cortez, 1989.

GUIMARÃES, Antônio Sérgio A. **Preconceito racial**: modos, temas e tempos. São Paulo: Cortez, 2017.

RAMPAZO, Alexandre. **A cor de Coraline**. São Paulo: Rocco Pequenos Leitores, 2017.

SILVA, Maria Betty Coelho. A arte de contar histórias: a voz, o canto, o ritmo, e o estudo no percurso da história contada. **Revista da FAEEBA**, Salvador, n. 9, p. 29-45, 1998.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ (UFPI). PET Pedagogia. **A Cor de Coraline - Técnica História no livro**. YouTube, 21 de fevereiro de 2022. Disponível em: <https://youtu.be/QHEVzdCQi6s>. Acesso em: 08 mar. 2022.

CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS PARA CRIANÇAS: RELATO DE EXPERIÊNCIA DO USO DAS TÉCNICAS VARAL DE HISTÓRIAS, DEDOCHE E FANTOCHE

Ronaldo Matos Albano - ronaldoalbano@ufpi.edu.br
Hilda Mara Lopes Araujo - hildamara2@hotmail.com
Amanda Vieira de Sousa - amandavieirasousa18@gmail.com
Francisco Goncalves de Oliveira Junior - gonsalves222222@ufpi.edu.br
Maysa Figueredo Rocha - maysarocha057@gmail.com
Talita de Sousa Rodrigues - talitarodrigues.tr@outlook.com

Introdução

A Universidade Federal do Piauí (UFPI) proporciona várias possibilidades experienciais para o desenvolvimento docente, articulando o tripé ensino, pesquisa e extensão e, nesse âmbito, o Programa de Educação Tutorial (PET)/Pedagogia-UFPI, desenvolveu o Projeto de extensão, intitulado: “Uma viagem no mundo do faz de conta: contar histórias como intervenção socioeducativa a partir do imaginário infantil”, o qual, em sua edição do ano de 2021, mais uma vez direcionou, dentro da formação inicial, a prática docente futura dos graduandos do curso de Pedagogia, enfatizando, através desse Projeto, o potencial que a contação de histórias tem de proporcionar uma intervenção educativa significativa para a criança, instigando a imaginação, a autonomia, a compreensão de mundo e a apreensão de novos conhecimentos.

O referido Projeto se desenvolveu com duração de 8 (oito) meses, pelo formato virtual, em função da crise sanitária desencadeada pela Covid-19, tendo, em seus primeiros momentos, o estudo teórico sobre essa ferramenta da contação de histórias para a Educação Infantil, aprofundando suas fundamentações em diversos teóricos e estudos sobre a contação de história (ARAÚJO *et al.*, 2020, 2022; ALBANO, 2018; CORSINO, 2014; RODRIGUES; OSTETTO, 2016; FARIA; VITA, 2014; REYES, 2010), o desenvolvimento infantil (VIGOTSKI, 2009), bem como os documentos legais que norteiam práticas no contexto da educação de crianças, sobretudo, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (BRASIL, 2018), articulando esses fundamentos com o contexto dos espaços não escolares.

Ressaltamos a participação de professoras da rede pública de ensino do Piauí, atuantes na Educação Infantil nas cidades de Teresina, José de Freitas e Luís Correia. Assim, alguns dos módulos foram direcionados para o relato das experiências destas, possibilitando observar em suas práticas, o planejamento e a ação da contação de histórias no cotidiano da sala de aula. Nas etapas seguintes do Projeto, as atividades então foram desenvolvidas a partir da divisão

dos participantes em grupos direcionados para as distintas técnicas de contação de história pré-selecionadas pelo grupo PET, pautadas nas edições do Projeto dos anos anteriores, 2019 e 2020, para o planejamento e produção das mesmas, como forma de concretizar um material de contação de histórias de diferentes formatos, os quais foram apresentados na culminância do Projeto, no encerramento de suas atividades.

Assim, diante do contexto apresentado, este texto busca apresentar as experiências advindas do uso das técnicas: “Varal de Histórias”, “Dedoche” e “Fantoche”, bem como os desafios e as soluções na execução de tais técnicas ao longo do Projeto.

Desenvolvimento infantil e contação de histórias

O desenvolvimento infantil é um processo extremamente significativo para o ser humano, tendo em vista os reflexos das vivências ocorridas nesse período para a vida do indivíduo. Essas experiências vão constituindo o ritmo e a dinâmica do processo de desenvolvimento e de aprendizagem da criança. Nessa perspectiva, a etapa da Educação Infantil apresenta-se como um momento de igual importância, tendo em vista a vasta gama de aspectos que inter cruzam essas vivências no espaço escolar e, gradativamente, delineiam a efetividade do desenvolvimento da criança. Na Educação Básica, elementos importantes são auxiliares para mediar as necessidades do presente e do futuro das crianças, se pensarmos nesse âmbito do desenvolvimento, enquanto processo contínuo, dinâmico e inter-relacionado com as vivências infantis, nesse caso, destacando as vivenciadas no contexto educacional. Nesses termos, ressaltamos, por exemplo, o desenvolvimento de habilidades que viabilizem, de forma potencializadora e plena a autonomia, o raciocínio lógico, o conhecimento de si, do mundo e do outro, bem como a relação com o meio no qual está inserido, dentre outros aspectos.

O contexto educativo, portanto, deve atentar para práticas cotidianas em que as crianças “possam desempenhar um papel ativo em ambientes que as convide a vivenciar desafios e a sentirem-se provocadas a resolvê-los, nas quais possam construir significados sobre si, os outros e o mundo social e natural” (BRASIL, 2018, p. 37), ou seja, as experiências intencionais dentro da sala de aula, através de estratégias que assegurem o conhecimento completo sobre o que as crianças necessitam, proporcionando que esse desenvolvimento aconteça de forma ampla e efetiva. Albano (2018, p. 23), ao discutir sobre a perspectiva vygotskyana de desenvolvimento, afirma que:

O desenvolvimento infantil, para Vygotsky, se dá a partir da interação social, que acontece num determinado contexto, onde as funções psicológicas elementares do indivíduo vão, através da mediação, desenvolvendo os processos mentais superiores, os quais correspondem a processos psicológicos complexos que estão presentes apenas na espécie humana.

Portanto, é mediante a articulação com o outro, com o meio, com a mediação dos profissionais da Educação Infantil, com a cultura na qual a criança está inserida, que o desenvolvimento desta se dá, instigando assim, na criança, a reorganização dos conhecimentos aos quais ela vai se apropriando, auxiliando no processo de superação de seus conflitos e das suas necessidades. Em síntese, as interações sociais para Vygotsky (1991a, 1991b) são a base do processo de desenvolvimento infantil e estão articuladas com as dimensões biológicas, sociais, históricas e culturais, pois a criança é um ser social e, portanto, sofre a influência direta da dinâmica desses aspectos que constituem o seu contexto.

A partir disso, é interessante também dizer que a imaginação e a criatividade da criança, seja no processo de alterar ou de criar algo novo, é muito importante para o seu desenvolvimento psíquico. Deixar a criança à vontade para expressar todos os seus pensamentos, sentimentos e emoções é fundamental no âmbito do seu desenvolvimento criativo e imaginativo. Essa abstração engendra toda a dinâmica complexa das funções psíquicas e seu aprimoramento gradativo ao longo da infância (ALBANO, 2018).

Nessa perspectiva, a contação de histórias em contexto educativo, através da mediação do professor e/ou adulto, enriquecendo, ampliando e diversificando o conteúdo do enredo abordado na história, promovendo esse processo de liberdade criativa na criança, possibilita aprendizagens mais significativas. Vigotski (2009, p. 72) destaca, em relação ao ato educativo e o processo de imaginação e criação, que:

Educação, entendida correta e cientificamente, não significa infundir de maneira artificial, de fora, ideais, sentimentos e ânimos totalmente estranhos às crianças. A educação correta consiste em despertar na criança aquilo que existe nela, ajudar para que isso se desenvolva e orientar esse desenvolvimento para algum lado.

Portanto, instigar ações em que a criança se coloca num certo papel, através da brincadeira e da imaginação, dando significados próprios a objetos e a interpretações, é de extrema importância do ponto de vista do desenvolvimento psíquico infantil. Nesse âmbito, o espaço educativo, escolar ou não escolar, se torna rico em possibilidades de intervenção e de promoção de vivências que viabilizem tal processo. A contação de histórias nesses espaços pode acontecer, por exemplo, através dessa dinâmica da brincadeira com personagens, objetos, sentimentos e ações em que, naquele momento, a criança possa dar sentido às coisas e começar

a se imaginar e a se colocar em determinadas situações, dar nomes, significados, entre outras dinâmicas (ALBANO, 2018; REYES, 2010; RODRIGUES; OSTETTO, 2016). Dessa forma, a criança começa a ampliar o rol de conhecimentos e ideias que fortalecem as interações e o seu processo de autonomia e de constituição da subjetividade para o crescimento pessoal.

O ato de contar histórias, ressaltamos, não é uma novidade no presente século, pois desde a Antiguidade, tal ação era uma das principais maneiras de propagação da cultura, história de um povo, por exemplo, para que a cultura não fosse extinta por completo, passava-se de pai para filho. Assim, desenvolver essa dimensão educativa da contação como ferramenta pedagógica, se torna algo viável e familiar para a criança, justamente pelo fato do desenvolvimento dessa prática fazer parte da nossa cultura.

A contação de histórias para crianças se mostra, portanto, como uma atividade proveitosa e significativa para estimular e proporcionar um desenvolvimento amplo das dimensões intelectual, emocional, do conhecimento de si e do outro, do ambiente que está inserido, bem como desenvolve a afetividade, a oralidade, o prazer pela leitura, a criação e a imaginação, como nos afirmam Silva *et al.* (2020, p. 34):

[...] a contação de histórias é um instrumento que implica diretamente no desenvolvimento infantil, promovendo desdobramentos que afetam o desenvolvimento criativo e de imaginação da criança. A contação possibilita a interação social que se consolida na relação da criança com os outros sujeitos e com o mundo, propiciando a apropriação e construção de novos significados ao ouvir narrativas infantis.

Contar histórias para crianças também pode articular as diretrizes propostas para o desenvolvimento infantil nos campos de experiências da BNCC (BRASIL, 2018), que orienta a ampliação concreta do desenvolvimento da criança na Educação Infantil, por meio dos aspectos relacionados à linguagem, ao autoconhecimento, à interação com o ambiente e com o outro, possibilitando a troca de experiências de forma única e essencial para sua idade, pois é na troca que a criança ressignifica e cria suas experiências, dinâmica fundamental para o desenvolvimento enquanto ser social.

A contação também favorece uma vida educacional mais produtiva, prazerosa e crítica para a criança, pois ao contar histórias, fazemos a inserção da criança no mundo leitor, deixando a fadiga e a exaustão de práticas educacionais mais tradicionais. Nessa perspectiva, a literatura infantil pode:

[...] estimular a formação de leitores e formadores conscientes da importância e do papel que exerce a literatura no contexto escolar e na vida da criança. Ao proporcionar

à criança o acesso à herança cultural de forma adequada à sua idade, enriquece-se a sua memória e o seu conhecimento e contribui-se para formação de uma personalidade, estabelecendo uma relação harmoniosa entre o mundo possível dos textos e o mundo empírico e histórico-factual, fonte de inquirições substantivas susceptíveis de formar o leitor enquanto ser crítico. (VERGOPOLAN; AZEVEDO, 2015, p. 3080)

Sobre essa mesma questão, Silva *et al.* (2020, p. 32) ressaltam que:

Os benefícios gerados às crianças ouvintes de histórias podem favorecer um desenvolvimento intelectual bem-sucedido, bem como um desenvolvimento escolar em que o processo de escuta de histórias facilite a apreensão de novos conhecimentos por parte da criança.

Percebemos que o momento de contação de história, inserido no planejamento dos profissionais da educação, vai muito mais além do que uma atividade lúdica, é um momento propício para criar uma intervenção pedagógica que possa despertar na criança a curiosidade sobre o novo, o gosto pela leitura, bem como possibilita estimular a criatividade e o raciocínio crítico frente a diversas temáticas. Essa atividade, portanto, pode ser aplicada de diferentes formas, com diversas técnicas, tendo em vista que trabalhar com o imaginário e a criatividade infantil traz uma gama ampla de caminhos, quando se trata da contação de histórias.

Dentre essa diversidade de técnicas que auxiliam a contação, ao longo do Projeto do ano de 2021, foram apresentadas e desenvolvidas uma variedade destas, a saber: Dobraduras/Origami; Guarda Chuva Literário/Avental de Histórias; Roda de Histórias/Cantação; Animação de Histórias; Tapete de Histórias/Parlendas; Sonorização e História Cantada; Baú de Histórias e História no Livro; Libras; Varal de Histórias, Dedoche e Fantoche. Ressaltamos que durante o Projeto, antes mesmo da escolha da técnica, houve a necessidade de escolher a história a ser contada, levando em consideração a idade da criança, bem como a temática a ser abordada pela mesma.

A escolha da história e a execução das técnicas Varal de Histórias, Dedoche e Fantoche

Devidamente instruídos, divididos e organizados dentre as 11 (onze) técnicas que o Projeto Contação de Histórias PET/Pedagogia-UFPI se propôs a desenvolver com os participantes, no presente texto, relataremos a experiência advinda do grupo responsável pelas técnicas do Varal de Histórias, Dedoche e Fantoche. Tal grupo, foi composto por 8 (oito) membros, os quais foram orientados para as necessidades na execução dessas técnicas,

pensando na temática a ser abordada por cada uma, a idade da criança para qual a história seria direcionada e qual o objetivo pretendido com tal ação.

As histórias selecionadas para as produções dos vídeos infantis seguiram a seguinte proposta: como temática para o Varal de História, viu-se a oportunidade de trabalhar a Lenda da Vitória Régia, uma lenda da região Norte do Brasil, na versão relatada por Santos (2005), mediante a reflexão sobre, muitas vezes, não se trabalhar na escola a cultura brasileira a qual as crianças pertencem, supervalorizando, em alguns casos, as obras infantis e/ou histórias clássicas de outras regiões do mundo. Dessa forma, surgiu o desejo e a oportunidade de realizar a contação de história valorizando a cultura folclórica de uma região do Brasil. Segundo as lendas indígenas, essa história conta como uma das maiores plantas aquáticas do mundo surgiu. A lenda fala do amor que a índia Naiá sentia por Jaci, a lua.

Para a técnica do Dedoche, o tema levantado foi a diferença entre as pessoas, as questões do *bullying* na escola frente ao que é diferente do considerado “normal” ou “padrão”. Para apresentar a criança, de forma lúdica, temas, como a aceitação e o respeito frente às peculiaridades que todos têm, foi escolhida e desenvolvida uma releitura de *Flicts* (ZIRALDO, 2012). A história conta que *Flicts* era uma cor rejeitada pelas outras cores, que não encontrava espaço em nenhum lugar, como, por exemplo, na caixa de lápis de cor, no arco-íris, nem nas bandeiras. Então, *Flicts* vivia na solidão e começou a viajar pelo mundo indo atrás de seu lugar, mas só encontrou repouso no espaço.

Já para a técnica do Fantoche, o grupo se organizou para a produzir uma história autoral, intitulada: “A aventura de pipoca e mingau”², trabalhando o tema dos cuidados com os animais de rua, muitas vezes, marginalizados. O intuito da proposta foi estimular, através da história, o cuidado com os animais. A história conta sobre um cachorro e um gato que vivem nas ruas e sobre as dificuldades que enfrentam no dia a dia, sempre juntos, eles se ajudam e protegem um ao outro.

A Lenda da Vitória Régia foi apresentada com o auxílio do Varal, por meio do qual foram usadas ilustrações autorais, realizando o exercício de imaginação, de acordo com as ideias selecionadas para retratar a lenda. Realizamos uma pesquisa sobre a cultura Tupi, especialmente sobre as vestes e os costumes, para que esses aspectos fossem retratados da maneira mais fiel possível, assim como a escolha de qual versão da lenda seria usada, visto que existem versões diferentes disponíveis na *internet*, buscando sempre o respeito para com a

² A história “A aventura de Pipoca e Mingau” é de autoria das alunas da graduação em Pedagogia da Universidade Federal do Piauí (UFPI): Juliana Maria Teixeira Rodrigues e Maysa Figueredo Rocha, participantes do Projeto.

diversidade cultural. Thompson (2009, p. 181), ao definir a *análise cultural* e ao destacar a sua importância, ressalta que:

[...] o estudo das formas simbólicas – isto é, ações, objetos e expressões significativas de vários tipos – em relação a contextos e processos historicamente específicos e socialmente estruturados dentro dos quais e por meio dos quais, essas formas simbólicas são produzidas, transmitidas e recebidas. Os fenômenos culturais, deste ponto de vista, devem ser entendidos como formas simbólicas em contextos estruturados; e a análise cultural como o estudo da constituição significativa e da contextualização social das formas simbólicas.

Tal perspectiva, corrobora os fundamentos acerca do desenvolvimento infantil para Vygotsky, base que foi adotada ao longo de todo o Projeto e que já destacamos aqui neste texto. A proposta do teórico compreende o contexto sócio-histórico e cultural da criança como fundamentais no seu processo constitutivo e de aprendizagem. Assim, para que a criança atribua sentido à história contada, esta, sem dúvida, deve manter relação com o seu universo contextual.

Sobre o uso das três técnicas em questão, Martins *et al.* (2022, p. 45) descrevem e sintetizam os seus usos:

Uma das técnicas interessantíssimas que pode enriquecer ainda mais a contação de história são os fantoches. Designa-se por fantoche, todo o tipo de boneco manipulável, seja de luva, de vara, palito de picolé, de varão, de fio ou de manipulação direta, com os dedos. São, em geral, atrativos para as crianças, proporcionando o prazer de dar vida e voz a eles, tanto por parte da criança, quanto do próprio professor. [...] Outro meio para contar histórias é a utilização da técnica dos dedoches, utilizando-se dos dedos, personalizando-os com feltro, tecido, E.V.A. ou papel. Para caracterizar seu dedo com o personagem, o recurso necessita da articulação precisa do mesmo. Pode ser usada como teatro de sombras ou de maneira mais simples, somente com a pintura dos dedos ou algum adereço que remete a história contada, acrescentando ao cenário, que poderá ser feito de caixas ou somente um quadro vazado, fazendo com que somente os dedos apareçam. [...] O varal de história também se caracteriza como mais uma técnica, uma ferramenta para contação no ambiente escolar ou não escolar. Os possíveis materiais para realização poderão ser impressões das ilustrações da história selecionadas previamente, coladas em papel cartão ou folhas de papelão, de maneira que fique bem firme, até brinquedos de pelúcias, que lembrem a história, barbante, cordas, prendedores de roupas ou outros tipos de prendedores. Assim, na medida em que o educador for contando a história, coloca-se as impressões ou outro material de escolha, dos personagens na corda ou barbante, disposta na forma de varal, pois tal técnica, se caracteriza por esse movimento, com o auxílio do prendedor de roupas ou outro objeto que prenda o material.

Devido a situação pandêmica da Covid-19 que enfrentamos, a execução dessas técnicas durante o Projeto no ano de 2021 foi organizada para ser apresentada via remota, através de vídeos gravados e disponibilizados aos demais participantes do Curso. Assim, através do uso

das tecnologias, foram sendo pensadas e executadas as técnicas do Varal de Histórias, Dedoche e Fantoche.

Para a execução das técnicas nos vídeos, objetos de casa foram de extrema importância para concretização do planejado, a exemplo do barbante, já encontrado em casa, servindo como base ao pregar posteriormente as ilustrações, e, com ajuda dos pregadores, livros empilhados permitiram um melhor ângulo para o celular ao gravar, além da ajuda e apoio dos familiares quanto ao silêncio e as ideias de como seria a melhor forma de realizar tal feito. Destacamos ainda, no que se refere às ilustrações, o auxílio da impressora em escanear e compartilhar com os demais membros de grupo, de modo que assim, fomos montando a estrutura necessária para a execução de todas as técnicas.

Como destacamos, os objetos e o ambiente que trouxesse um melhor conforto e qualidade de som e ambientação foram escolhidos para que a história fosse gravada e executada com os melhores níveis de qualidade possível, assim, focamos em apresentar uma história em que fosse possível sentir toda a emoção que ela possuía, buscando o entretenimento e o envolvimento do público-alvo ao assistir. Para a técnica do Varal de Histórias, foram utilizados como recursos materiais para a gravação da história os seguintes elementos: o varal de barbante, os pregadores, as ilustrações, aparelhos celulares, pincel, lápis de cor, dentre outros, além do auxílio dos familiares, que contribuíram para a execução e a gravação do vídeo. Ao fim das gravações, o grupo organizou e editou todo o vídeo para que fosse entregue com os níveis de excelência desejados.

Quanto a técnica do Dedoche, ao se propor adaptação da história *Flicts* (ZIRALDO, 2012), houve a necessidade do resumo de partes centrais, devido a duração que a história precisaria ter, em razão do público-alvo serem crianças e o texto original ser extenso para a representação em um vídeo mais curto. Essa análise da história, através da leitura da obra em si, foi feita para que o grupo pudesse se apropriar das mensagens centrais do enredo, fazendo a adaptação correta e necessária para a execução através da técnica do Dedoche. Para tanto, foi pensando pelo grupo em usar os dedos pintados e caracterizados, de acordo com as cores dos personagens da história, como forma de facilitar o manuseio na hora da gravação dos diálogos no vídeo. Os materiais usados foram: tinta guache de diferentes cores, pincel permanente preto (para o desenho do “rosto” dos personagens), bem como os indispensáveis aparelhos celulares para a gravação dos vídeos. Após a pintura e o desenho no dedo, a dramatização era posta em ação, movimentos (próprios da técnica Dedoche), os quais foram feitos de acordo com cada cena e com o que cada contexto do enredo solicitava, fazendo simultaneamente a dublagem das falas de cada cor.

Já na técnica do Fantoche, o grupo deu vida a história autoral “As aventuras de pipoca e mingau” e, foi priorizado, assim como nas outras duas técnicas supracitadas, os materiais de fácil acesso, de baixo custo, tais como: palitos de picolé para colar as impressões de imagens condizentes com a história; ursos de pelúcia; customização de panos; os próprios fantoches feitos de meias para melhor encaixe e manuseio do mesmo; papel para fazer as orelhas dos animais da história, devidamente pintados; botões e barbante para os detalhes específicos para a caracterização de cada personagem; e o uso da voz para articular com os movimentos das mãos, além do auxílio da tecnologia para a criação dos cenários em cada cena.

A realização dessa atividade em relação ao uso dessas três técnicas foi de extrema importância e trouxe reflexões importantes sobre a contação de histórias para crianças, como também, sobre as relações da contação com o desenvolvimento infantil e, sobretudo, a respeito do processo de criação e de imaginação, tanto para a criança-ouvinte da história, como também, para o narrador que, desde o planejamento do uso de tais técnicas, já acessa diretamente suas dimensões criativas e seu imaginário, a fim de concretizar a proposta e efetivamente apresentar uma contação repleta de sentidos e significados para as crianças.

Considerações finais

O presente relato de experiência ressaltou as vivências no Projeto Contação de Histórias, a partir, inicialmente de um estudo teórico sobre a contação de história, destacando como o processo de desenvolvimento na criança se dá quando se articula este com o momento da contação de histórias, sobretudo, os fatores que despertam a atenção das crianças nas atividades comumente desenvolvidas no contexto da Educação Infantil.

Sobre a dimensão prática do ato de contar histórias, aplicando técnicas, como: Varal de histórias, Dedoche e Fantoche, todas as três se mostraram dinâmicas, viáveis e flexíveis no momento da aplicabilidade, permitindo que possam, inclusive, serem desenvolvidas com materiais disponíveis em casa pelos contadores. Cada técnica tem sua particularidade, mas todas podem ser feitas em qualquer contexto, apresentadas de forma que cada narrador tenha liberdade de criação e de execução.

O desenvolvimento infantil, mediante as práticas de contação de histórias, proporciona para além do ato da narrativa lúdica, a aproximação da criança com o prazer pela leitura, possibilita a apropriação da cultura em que está inserida, permitindo que ela crie e imagine por meio da diversão. O PET/Pedagogia-UFPI vem, portanto, desenvolvendo e formando futuros

docentes, no curso de Pedagogia, em suas práticas de ensino e aprendizagem, de forma que possam intervir significativamente no desenvolvimento educacional das crianças, quando estiverem exercendo suas profissões. Tais práticas permitem que sejam ampliadas, na criança, a criatividade, a aprendizagem, a autonomia, bem como uma melhor compressão do mundo em que vive.

Portanto, a contação de histórias é uma atividade que traz muito mais do que o conhecimento acerca do que está sendo contado, pois ela desenvolve nas crianças, diversos estímulos nas dimensões emocionais, sociais, intelectuais, dentre outras, constituindo efetivamente, seu processo de desenvolvimento. As técnicas utilizadas nesse processo de contação de histórias – destacando aqui o Varal de histórias, o Dedoche e o Fantoche –, são mediadores importantes e significativos, a depender dos propósitos educacionais e do contexto da criança, para que se atinjam os objetivos e, a partir das diferentes formas de interação com o lúdico, a criança desenvolva vivências mais prazerosas e produtivas, onde sejam, de fato, parte integrante dos seus próprios processos de desenvolvimento.

Referências

ALBANO, Ronaldo Matos. **Interação educador-crianças na hora da leitura: um estudo em creches públicas na cidade de João Pessoa - PB.** 2018. 240 f. Tese (Doutorado em Psicologia Social) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2018.

ARAUJO, Hilda Mara Lopes *et al.* (Orgs.). **Contação de histórias e Educação Infantil - Cadernos PET/Pedagogia.** Teresina: EDUFPI, 2020.

ARAUJO, Hilda Mara Lopes *et al.* (Orgs.). **Uma Viagem ao mundo do “faz de conta”:** experiências com contação de histórias na Educação Infantil. Teresina: EDUFPI, 2022.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC).** Educação é a Base: Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio. Brasília: MEC/CONSED/UNDIME, 2018.

CORSINO, Patrícia (Org.). **Travessias da literatura na escola.** Rio de Janeiro: 7 Letras, 2014.

FARIA, Ana Lúcia Goulart de.; VITA, Anastasia de. (Orgs.). **Ler com bebês:** contribuições das pesquisas de Susanna Mantovani. Trad. Fernanda Ortale *et al.* Campinas: Autores Associados, 2014.

MARTINS, Maria Nazareth Fernandes *et al.* A contação de histórias e as possibilidades criadas pelas técnicas de fantoche, dedoche e varal de histórias. *In:* ARAUJO, Hilda Mara

Lopes *et al.* (Orgs.). **Uma viagem ao mundo do “faz de conta”**: experiências com contação de histórias na Educação Infantil. Teresina: EDUFPI, 2022. p. 38-50.

REYES, Yolanda. **A casa imaginária**: leitura e literatura na primeira infância. São Paulo: Global, 2010.

RODRIGUES, Luziane Patricio Siqueira; OSTETTO, Luciana Esmeralda. Tem um leitor aqui! Narrativas de professoras sobre práticas leitoras na creche. **Nuances: Estudos sobre Educação**, Presidente Prudente, v. 27, n. 3, p. 173-190, set./dez., 2016.

SANTOS, Theobaldo Miranda. **Lendas e mitos do Brasil**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2005.

SILVA, Glendha Karoliny Araújo da *et al.* A contação de histórias como ferramenta que estimula o envolvimento da criança à leitura. *In*: ARAUJO, Hilda Mara Lopes *et al.* (Orgs.). **Contação de histórias e Educação Infantil** - Cadernos PET/Pedagogia. Teresina: EDUFPI, 2020. p. 26-35.

THOMPSON, John B. **Ideologia e cultura moderna**: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. Petrópolis: Vozes, 2009.

VERGOPOLAN, Roseli; AZEVEDO, Fernando. Literatura infantil: dos textos à educação literária. *In*: CONGRESSO INTERNACIONAL DE LITERATURA INFANTIL E JUVENIL (CELLIJ): Literatura infantil e juvenil: celebrando a vida, IV., Presidente Prudente. **Anais...** Presidente Prudente: UNESP, 2015. v. 1. p. 3076-3084. Disponível em: http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/37519/1/Vergopolan_Azevedo_2015.pdf. Acesso em: 08 mar. 2022.

VIGOTSKI, Lev Semionovitch. **Imaginação e criação na infância**: ensaio psicológico livro para professores. Trad. Zoia Prestes e Elizabeth Tunes. São Paulo: Expressão Popular, 2009.

VYGOTSKY, Lev Semionovitch. **A formação social da mente**: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. São Paulo: Martins Fontes, 1991a.

VYGOTSKY, Lev Semionovitch. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1991b.

ZIRALDO. **Flicts**. 2. ed. São Paulo: Melhoramentos, 2012.

PRODUÇÕES EM VÍDEO PUBLICADAS NA PLATAFORMA *YOUTUBE* SOBRE AS TÉCNICAS DE VARAL DE HISTÓRIAS, FANTOCHE E DEDOCHE

Hilda Mara Lopes Araujo - hildamara2@hotmail.com
Ronaldo Matos Albano - ronaldoalbano@ufpi.edu.br
Andreza Bernardes Candeira da Silva - andrezabernardes2001@gmail.com
Juliana Maria Teixeira Rodrigues - juhmah@hotmail.com
Maysa Figueredo Rocha - maysarocha057@gmail.com
Micaele Silva Nunes - micaelenunes881@gmail.com
Letícia Danielle Assunção Morais - leticiadaniellemorais@gmail.com

Introdução

A Educação Infantil é a primeira etapa de uma educação direcionada, intencional e planejada para o desenvolvimento infantil. A escola e os educadores se voltam para um planejamento pedagógico que ampare e assegure o direito constitucional, o qual garante a todos e a todas, o direito à educação. Tais agentes, no contexto escolar, vão garantir experiências e vivências sociais estruturadas (BRASIL, 2018). O propósito é dar condições para a criança e o seu crescimento intelectual, emocional, afetivo, cognitivo, físico e social, assim como também, o gosto pela leitura, o prazer em cálculos, a criticidade, a criatividade etc. A família também se configura como um agente importantíssimo para o processo, pois pode estimular e incentivar a continuidade do que já se vem desenvolvendo em sala de aula.

A mediação desse processo entre os sujeitos do contexto educacional, familiar e a criança se mostra essencial para que o ensino e a aprendizagem sejam significativos no desenvolvimento infantil. Nessa perspectiva, “[...] a dinâmica interativa e dialética entre o indivíduo e os instrumentos mediadores é o que propicia efetivamente a aprendizagem, quando o próprio indivíduo assume uma postura ativa nesse processo” (ALBANO, 2018, p. 23), ou seja, as ferramentas utilizadas para mediar a linguagem interativa entre o educador e a criança, necessitam ser muito bem-organizadas, analisadas e direcionadas para o foco que se pretende, no caso em questão, o desenvolvimento completo da criança.

Assim, o presente capítulo tem origem na experiência advinda da participação no Projeto de Extensão: “Uma viagem no mundo do faz de contas: contar histórias como intervenção socioeducativa a partir do imaginário infantil”, que aconteceu durante o ano de 2021, no âmbito do Programa de Educação Tutorial (PET)/Pedagogia-UFPI. Tal Projeto teve como foco central, os estudos e as práticas acerca da contação de histórias como uma

ferramenta significativa para o cotidiano das crianças, sobretudo, no espaço escolar, enfatizando como essa ferramenta é capaz de desenvolver aspectos fundamentais para uma aprendizagem significativa.

Este texto, assim, se estrutura mediante um levantamento de dados sobre as técnicas de contação de história, especificamente, Varal de Histórias, Dedoche e Fantoche, a partir de vídeos publicados na plataforma virtual *YouTube* que evidenciavam conteúdos referentes a essas técnicas. Tal proposta se mostrou pertinente em razão da dificuldade de encontrar fontes de pesquisa escritas sobre as referidas técnicas, e, por conseguinte, pela constatação de que existe mais disponibilidade de material e/ou tutoriais em formatos de vídeos sobre tais técnicas na plataforma do *YouTube*.

Tal intuito, justifica-se por entendermos que tal levantamento de dados se mostra crucial para os educadores que buscam aperfeiçoar essa ferramenta para contar histórias de diferentes maneiras e estratégias, permitindo que sejam organizadas reflexões a partir das produções filmadas disponíveis sobre a temática. A metodologia utilizada foi a busca na plataforma do *YouTube*, utilizando os seguintes descritores que filtraram a seleção: “varal de histórias”, “técnica varal de histórias”, “técnica do dedoche” e “fantoche de meia”. As referidas buscas se deram utilizando o intervalo de tempo dos vídeos publicados nos últimos 4 (quatro) anos (de 2019 a 2022), com o intuito de fazer um apanhado de produções mais recentes sobre a temática.

A fundamentação teórica do Projeto está baseada, sobretudo, na perspectiva do desenvolvimento infantil, conforme Vygotsky (1991a, 1991b, 2018), especialmente, refletindo sobre os processos de criação e do imaginário da criança ao longo do seu desenvolvimento, bem como em outros estudos que apontam essa relação entre a contação de histórias e o desenvolvimento da criança em diferentes contextos, tais como: Albano (2018), Araujo *et al.* (2020, 2022), Corsino (2014), Rodrigues e Ostetto (2016), Souza e Bernardino (2011), Lopes e Navarro (2014), dentre outros. Dessa forma, destacamos que a perspectiva através da qual refletimos e analisamos os vídeos encontrados, pauta-se nesse olhar do desenvolvimento infantil como um processo dinâmico, articulado com o contexto sócio-histórico e cultural da criança e que, sobretudo, compreende o momento da contação de histórias como uma oportunidade de intervenção pedagógica, a partir da dimensão lúdica constituinte dessa ação.

A importância da contação de histórias para as crianças e o uso das técnicas do Varal de Histórias, Dedoche e Fantoche

A contação de histórias se faz presente desde a Antiguidade, quando reunia os povos ao redor de uma fogueira para contarem suas lendas e contos, semeando diferentes culturas e costumes (SOUZA; BERNARDINO, 2011). Atualmente, ela tem se mostrado uma importante ferramenta de alcance no imaginário das crianças, sendo uma forma divertida e interativa de ensinar e encantar, indo muito mais além do que o lúdico. Dessa forma, o ato de escuta de histórias pelas crianças possibilita vários benefícios no processo de desenvolvimento infantil, como destacam Souza e Bernardino (2011, p. 237):

A escuta de histórias estimula a imaginação, educa, instrui, desenvolve habilidades cognitivas, dinamiza o processo de leitura e escrita, além de ser uma atividade interativa que potencializa a linguagem infantil. [...] assim a criança sente-se estimulada e, sem perceber, desenvolve e constrói seu conhecimento sobre o mundo. Em meio ao prazer, à maravilha e ao divertimento que as narrativas criam, vários tipos de aprendizagem acontecem.

Desse modo, ao ouvir a contação de uma história, muito é despertado e desenvolvido na criança. A parte cognitiva é estimulada, vários aprendizados são constituídos e a criança amplia a construção de conhecimentos acerca do mundo. Além de tudo isso, observamos também, a importância que a contação de histórias exerce nos processos de alfabetização e letramento da criança. Sobre isto, Souza e Bernardino (2011, p. 237) expõem que:

A escuta de histórias, pela criança, favorece a narração e processos de alfabetização e letramento: habilidades metacognitivas, consciência metalinguística e desenvolvimento de comportamentos alfabetizados e meta-alfabetizados, competências referentes ao saber explicar, descrever, atribuir nomes e utilizar verbos cognitivos (penso, acho, imagino, etc.), habilidades de conhecimentos de letras, relação entre fonema e grafema, construção textual, conhecimentos sintáticos, semânticos e ampliação do léxico.

Percebemos, portanto, quão rica e indispensável é a contação de histórias no universo da criança. Os benefícios da utilização dessa técnica são de grande valia para a criança, sendo, portanto, necessária em vários segmentos e processos da vida infantil. Sobre essa questão, Lopes e Navarro (2014, p. 18) enfatizam que “através das histórias que acontecem, sempre num mundo de fantasia, as crianças viajam, se devolvem e se emocionam, muitas vezes, demonstram interesse por uma determinada história e acabam pedindo para repeti-la sempre”. Assim sendo, a contação desperta sentimentos, emoções e, principalmente, a imaginação e a

criação da criança. Ela promove o interesse das crianças, através da dimensão lúdica e do encantamento que a história traz e, a partir disso, as crianças, por exemplo, “[...] vão trabalhando seus próprios conflitos, realizando comparações para busca de soluções” (LOPES; NAVARRO, 2014, p. 18).

A contação de histórias dá uma certa autonomia a criança, pois ela passa a ser capaz de resolver os atritos reais, da sua própria realidade. A criança sobrepassa o mundo da fantasia e traz os efeitos no mundo real, na própria dinâmica dialética do processo de desenvolvimento. Logo, vemos que, de fato, essa ferramenta é de extrema importância para o desenvolvimento e para diversas funções da vida de uma criança, inclusive, no contexto educacional.

Nessa perspectiva, compreendemos que diversas são as possibilidades de técnicas de contação de histórias para fazer uso em sala de aula, lembrando que, para utilizar a que mais se adequa para a realidade das crianças, é necessário analisar a idade, o nível de atenção destas, o objetivo esperado e o espaço disponível para a atividade (ALBANO, 2018). Dentre tantas possibilidades, destacamos: a técnica da roda de conversa, parlendas, história no livro, história cantada, dramatizada, tapete de histórias, sonorização de histórias, história na caixa, técnica inclusiva como história em Libras, no rádio, dentre outras. No entanto, como já evidenciamos anteriormente, neste texto serão abordadas as técnicas do Varal de Histórias, Dedoche e Fantoche.

Contar histórias com tais técnicas, assim como em todas as outras, demanda organização, planejamento e adequação ao contexto da criança, pois é preciso que a criança se interesse e se identifique com o que está sendo apresentado. Sendo assim, o uso de recursos teatrais e a dramatização das histórias têm um importante papel ao que está sendo narrado/interpretado, levando assim o “combustível” necessário para que o imaginário infantil seja estimulado, como apontam Porto e Kafrouni (2013, p. 577):

Brincadeiras de faz de conta, dramatização, jogos dramáticos possibilitam a apropriação, por parte do sujeito, de diversos papéis sociais. Estas atividades tomam como base a experiência por meio da linguagem, criando assim, situações imaginárias que permitem a vivência de inúmeras situações. Viabilizam também modos de participação das crianças na cultura, tornando possível a elas internalizar e elaborar, antecipar e projetar conhecimentos, afetos, relações.

Dessa maneira, as técnicas utilizadas para a representação das histórias dão uma maior dinamicidade e incremento às histórias. Elas permitem uma melhor compreensão e divertimento por parte da criança. Além disso, podem utilizar materiais que são facilmente encontrados em casa e, principalmente, no ambiente escolar, os quais são importantes para

compor o ambiente e ajudam a enriquecer o imaginário infantil, além de auxiliarem os professores em sala de aula, a fim de que estes, por meio das vastas técnicas de contação de histórias, possam desenvolver práticas educativas que favoreçam o processo de desenvolvimento e aprendizagem da criança.

O teatro, por exemplo, é uma das técnicas que enriquece e traz grandes contribuições à contação de histórias. “O teatro pode ser visto como uma possibilidade, pois pode ser entendido como um meio da criança se apropriar da linguagem, da sua cultura a partir de uma atividade que envolva criatividade e espontaneidade que estão vivos na criança” (PORTO; KAFROUNI, 2013, p. 577), ou seja, o teatro traz possibilidades para trabalhar diversos aspectos que permeiam o contexto das crianças.

Outra técnica de grande relevância para a contação de histórias é o Fantoche, que pode ser definido como “[...] todo o tipo de boneco manipulável, seja de luva, de vara, palito de picolé, de varão, de fio ou de manipulação direta, com os dedos” (MARTINS *et al.* 2022b, p. 45). Geralmente, os Fantoches são usados de uma forma dinâmica, pois quem os manipula dá vida aos mesmos, utilizando-se de sons e movimentos. Com relação a isso, Souza e Bernardino (2011, p. 244) apontam que:

Os bonecos atraem as crianças proporcionando o prazer de dar vida e voz a eles; graças ao fantoche pode-se superar a timidez que dificulta a comunicação e podem ser expressos sentimentos. O teatro de fantoches ensina a criança a prestar atenção no mundo sonoro, é um excelente recurso didático onde os professores podem abordar assuntos do conteúdo programáticos, focalizando o interesse para o assunto proposto, enriquecendo a aula.

Uma outra técnica similar ao Fantoche é o Dedoche, que se configura de diversas maneiras para a contação de histórias. Martins *et al.* (2022a, p. 20) apontam que a técnica do Dedoche é “muito parecida com a técnica dos fantoches, mas, em uma versão menor, que cabe nos dedos das mãos, esse recurso não demanda muita experiência, já que basta colocar os personagens nos dedos, permitindo a manipulação, através das articulações das falanges”. As possibilidades vão desde colorir os dedos, até mesmo fazer bonecos de E.V.A (Espuma Vinílica Acetinada) ou papel, além de possibilitar a utilização de vários cenários que sirvam de fundo para a apresentação. Outra alternativa é o uso da tecnologia, a fim de contribuir também com a construção de cenários e ornamentos no ambiente em que a história se desenvolve.

Nesse sentido, “tanto os fantoches quanto os dedoches, podem ser comprados ou confeccionados manualmente e podem ser feitos de tecido, tricô ou crochê. Facilitam a

manipulação de várias personagens numa mesma mão e de mais de uma personagem ao mesmo tempo” (MARTINS *et al.*, 2022a, p. 20).

O Varal de Histórias é outra técnica que permite a utilização de materiais simples e que pode ser desenvolvido em casa e também na escola, como, por exemplo, utilizando barbantes, linhas, prendedores de roupas e papel. Para as imagens que serão penduradas no varal pode-se optar pela impressão de fotos da *internet* ou desenhos feitos à mão. Tal técnica permite a interação entre os alunos e é definida por Martins *et al.* (2022a, p. 21) como:

Técnica que se desdobra em três partes. A primeira consiste em fixar uma corda ou barbante de um extremo ao outro de uma parede; a segunda em reproduzir as páginas do livro escolhido, por meio de desenhos ou impressão das imagens; e a terceira, em narrar a história em que, sequencialmente, vamos prendendo as ilustrações no varal. Essa técnica auxilia às crianças a acompanharem com atenção o desenvolvimento da história, tendo em vista que as imagens são apresentadas gradativamente. Para os(as) mais pequeninos(as), a utilização dos varais pode efetivamente ser um grande aliado no processo de ensino e aprendizagem, pois ajudam na memorização e na compreensão da sequência lógica da narrativa.

Portanto, é perceptível que as técnicas usadas com as crianças, seja em sala de aula de forma presencial ou por meio de vídeos, auxiliam no desenvolvimento infantil, no crescimento e na superação de adversidades, além de, claro, serem de grande ajuda para que o professor tenha a disposição, um grande acervo de materiais que lhe proporcionem o uso diversificado da imaginação para interagir com as crianças.

Produções de vídeos na Plataforma *YouTube*

Nesse tópico serão apresentados os dados decorrentes da pesquisa, especificamente do levantamento de vídeos acerca das técnicas Varal de histórias, Fantoche e Dedoche, publicados no *YouTube* no intervalo dos últimos quatro anos, de 2019 a 2022. Os vídeos foram filtrados, além dos critérios de tempo de postagem e das técnicas citadas, também buscando conteúdos que servissem de exemplo ou ajuda na contação de histórias infantis, como tutoriais que detalhassem materiais possíveis de serem utilizados com essas técnicas, bem como a melhor forma de realizar essa construção técnica. Segue, no quadro abaixo, uma síntese de informações relevantes sobre os vídeos que nos ajudam a ter um melhor entendimento sobre seus conteúdos em relação às técnicas pesquisadas.

Quadro 01: Síntese de dados dos vídeos pesquisados na plataforma *YouTube* sobre as técnicas: Varal de Histórias, Dedoche e Fantoche

Técnica	Nome do canal	Apresentador do vídeo	Data de postagem	Título do vídeo	Tipo de vídeo	Link de acesso
Varal de Histórias	PET Pedagogia UFPI	Alunas da UFPI	Postado em: 15 dez. 2020	O passeio dos animais - Técnica Varal de histórias.	Contaçã	https://youtu.be/bTCTwxwLhTI
	Lívia Alencar Contadora de Histórias	Lívia Alencar	Postado em: 26 ago. 2020	Varal de Histórias: Recurso pedagógico para contar histórias. As crianças adoram! Recurso fácil	Contaçã	https://youtu.be/d9mZkb390MM
Dedoche	PET Pedagogia UFPI	Andreza Bernardes e Micaele Nunes	Postado em: 17 fev. 2022	A Releitura de Flicts - Técnica do Dedoche	Contaçã	https://youtu.be/XJ5fRRpFABA
	Ness'art Brinquedos de Feltro	Vanessa	Postado em: 30 maio 2021	Dedoche alfabeto divertido-borboleta	Tutorial	https://youtu.be/k2m2g1H1DBA
	Artes que eu faço	Jéssica Rivero	Postado em: 16 maio 2020	Dedoche dos 3 Porquinhos	Tutorial	https://youtu.be/Ev4EQMPEGBc
	Lívia Alencar Contadora de Histórias	Lívia Alencar	Postado em: 29 jun. 2020	História com dedoches super divertida! História fácil de contar As crianças adoram!	Contaçã	https://youtu.be/i4gsvJm5BNg
	Artes da Carol	Carol	Postado em: 5 abr. 2020	Como fazer dedoche super fácil	Tutorial	https://youtu.be/sTAriDt-16U
	Furor pedagógico	Karina	Postado em: 26 set. 2020	Dedoche de papel #2	Tutorial	https://youtu.be/LX35mMazR8g

Fantoche	Ponto de Cultura Um tesouro chamado Nordeste	Edilene Bernardo	Postado em: 01 jul. 2020	Oficina de fantoches com meias “Dendicasa	Tutorial	https://youtu.be/SiSPH8gHAq8
	Picnic de Palavras	Jaqueline Sampaio	Postado em: 25 jan. 2020	Como fazer Fantoche de Meia rápido e fácil	Tutorial	https://youtu.be/4zkaVX7m74I
	Ana Pedra Psicopedagoga	Ana Pedra	Postado em: 12 nov. 2020	Como fazer fantoche de meia	Tutorial	https://youtu.be/9BZzBgC_eU
	Lílian Salomão Spoladori	Lílian Salomão Spoladori	Postado em: 24 mar. 2020	Como fazer Fantoche com meia	Tutorial	https://youtu.be/1sQ0UzkJpNA

Fonte: Os autores (2022)

Ao longo da realização da pesquisa, o *YouTube* foi a plataforma virtual de livre acesso e de ampla divulgação mais eficaz para a coleta dos dados objetivados. No entanto, dentre as três técnicas pesquisadas, ofertou poucos conteúdos com relação ao Varal de Histórias.

Dos vídeos encontrados com a temática, estão o vídeo de contação do canal *Livia Alencar - contadora de histórias*, onde a mesma apresenta, de maneira encantadora, o passeio dos animais em um vídeo com de 3:58 minutos de duração, com gravuras impressas, barbante e pregadores de roupa. Outro vídeo no *Canal do PET Pedagogia/UFPI*, que conta com um vídeo de 5:40 minutos de duração, na mesma técnica e história, mas com o diferencial de ser contada por várias alunas da UFPI, as quais também utilizaram figuras impressas e também fizeram uso da música, levando mais dinamicidade para a história.

Nas buscas de vídeos com relação a técnica Dedoche, uma quantidade relevante de vídeos foi encontrada durante a pesquisa. Porém, a maioria do conteúdo volta-se para a contação de diferentes histórias, através do uso da técnica e, principalmente, para o ensino da confecção do material, geralmente usado no Dedoche, como um tutorial.

O vídeo apresentado pelas alunas do curso de Pedagogia da UFPI, que foi postado no *Canal do PET Pedagogia UFPI*, faz jus a técnica do Dedoche e possui uma duração de 6:51 minutos. Nele, foram utilizados materiais utilizados como tinta guache, tinta de tecido e pincel permanente na caracterização dos personagens e apresenta uma contação voltada para a releitura de *Flicts*, uma obra de Ziraldo (2012). Outro vídeo de contação de histórias do canal *Livia Alencar - contadora de histórias* tem a duração de 3:43 minutos. É constituído por um

momento no qual a apresentadora está em frente à câmera, com a sua filha, mostrando os Deboches no formato de jacaré e sapo e, de forma cantada, conta a respectiva história.

De acordo com os vídeos que foram pesquisados nos canais *Ness'art Brinquedos de Feltro*, *Artes que eu faço*, *Artes da Carol* e *Furor Pedagógico*, os vídeos têm, respectivamente, a duração de 8:52, 10:57, 18:46 e 2:41 minutos. Todos são tutoriais que apresentam o passo a passo de como construir o Dedoche, por meio da exibição dos materiais utilizados, dentre eles: feltros, caneta permanente, cola, tesoura, tintas de tecido ou tinta guache, papel, pincéis, moldes, lápis, borracha, corretivo, linha de costura etc. A maioria dos vídeos são constituídos por dois momentos. No primeiro momento é demonstrada a criação das decorações, de forma esclarecedora. No entanto, em três vídeos, são expostos somente os materiais com a narração de fundo e as apresentadoras mostrando as mãos para ensinar a montagem, porém, em dois outros vídeos, as apresentadoras fazem primeiramente, uma breve introdução se mostrando frente a câmera, dando orientações gerais em relação a atividade a qual será ensinada e, em seguida, é direcionado para os tutoriais em si.

Em relação à técnica do Fantoche, diante da grande variedade de vídeos disponibilizados e, muitos deles, mostrando Fantoches feitos com a necessidade de usar muitos recursos materiais, filtramos aqueles vídeos que apresentavam Fantoches construídos com materiais mais acessíveis, pensando na realidade cotidiana de muitas crianças, e, assim, apontar vídeos que tragam alternativas viáveis de serem executadas com mais facilidades no contexto do dia a dia. Assim, utilizamos o descritor de busca “fantoche de meia”, como forma de contemplar essas produções mais acessíveis. Os vídeos mostram tutoriais com a montagem dos Fantoches de meia, todos os materiais utilizados, assim como o passo a passo, fazendo a demonstração com a mão.

Os vídeos nos canais *Ponto de Cultura - Um tesouro chamado Nordeste* e *Ana Pedra Psicopedagoga*, têm o tempo de duração de 15:43 e 2:17 minutos, respectivamente, e seguem a mesma dinâmica dos demais: mostram inicialmente, o Fantoche já construído, para, em seguida, apresentar os materiais utilizados na sua confecção e depois seguem para a construção em si, explicando, de forma pausada, como fazer e as possíveis substituições de materiais em relação ao que está sendo utilizado no vídeo.

Os tutoriais de *Jaqueline Sampaio* e *Lilian Salomão Spoladori* têm a duração de 13:23 e 4:57 minutos, respectivamente, contendo uma organização diferenciada quanto ao início e final dos vídeos, seguindo a mesma dinâmica dos demais tutoriais, porém, estas já se mostraram em frente à câmera, numa mesa para uma conversa inicial, uma espécie de “chamadinha” para a construção de um “brinquedo” para o período de isolamento com as crianças. A primeira

apresentadora traz conteúdo voltado para educadores, a fim de trabalhar o letramento em sala de aula, apontando no final do vídeo, sugestões de como trabalhar tal objetivo com as crianças. Já o segundo vídeo é voltado para os núcleos familiares das crianças, destacando as considerações quanto às movimentações possíveis, ressaltando uma construção colaborativa com as crianças. Assim, percebemos que os tutoriais têm muita importância, visto suas contribuições para o contexto cotidiano dos educadores e das famílias, bem como as relevantes sugestões de ações, no intuito de montar, junto com a criança, os próprios Fantoques, Dedoches e os instrumentos do Varal de Histórias.

Considerações finais

Compreendemos, portanto, a relevância da contação de histórias para o processo de desenvolvimento da criança, bem como a importância do planejamento dessa ação em sala de aula ou fora dela, visto que por meio desta contação será potencializado na criança, a curiosidade e a imaginação, sendo também, um meio de socialização desta e de sua inserção na cultura. Essa ferramenta, portanto, vai ao encontro do que se espera das práticas no âmbito da Educação Infantil, ou seja, potencializar os conhecimentos já existentes na criança, assim como apresentar novos e propiciar vivências de desenvolvimento e aprendizagens efetivas.

Destacamos que os vídeos pesquisados na plataforma *YouTube* se revelaram como um instrumento significativo de acesso que abriga vastas possibilidades de aprendizado, de como usar, fazer e desenvolver, dentro da ação da contação de histórias, as técnicas do Varal de histórias, Fantoche e Dedoche. Tais possibilidades, ampliam o fazer pedagógico, bem como as ações da família e do contexto no entorno da criança, potencializando as mediações lúdicas no processo de desenvolvimento infantil, tendo como eixo central, a contação de histórias.

Referências

ALBANO, Ronaldo Matos. **Interação educador-crianças na hora da leitura: um estudo em creches públicas na cidade de João Pessoa - PB.** 2018. 240 f. Tese (Doutorado em Psicologia Social) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2018.

ALENCAR, Lívia. **História com dedoches super divertida! | História fácil de contar | As crianças adoram!** YouTube, 29 jul. 2020. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=i4gsvJm5bNg&ab_channel=L%C3%ADviaAlencarContadoradeHist%C3%B3rias. Acesso em: 28 abr. 2022.

ALENCAR, Livia. **Varal de histórias: Recurso pedagógico para contar histórias | As crianças adoram! | Recurso fácil.** YouTube, 26 ago. 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=d9mZkb39OMM>. Acesso em: 28 abr. 2022.

ANA PETRA PSICOPEDAGOGA. **Como fazer fantoche de meia.** YouTube, 12 nov. 2020. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=-9BZzBgC_eU&ab_channel=AnaPetraPsicopedagoga. Acesso em: 28 abr. 2022.

ARAUJO, Hilda Mara Lopes *et al.* (Orgs.). **Contaço de histórias e Educação Infantil - Cadernos PET/Pedagogia.** Teresina: EDUFPI, 2020.

ARAUJO, Hilda Mara Lopes *et al.* (Orgs.). **Uma viagem ao mundo do “faz de conta”:** experiências com contaço de histórias na Educação Infantil. Teresina: EDUFPI, 2022.

ARTES DA CAROL. **Como fazer dedochê super fácil.** YouTube, 5 abr. 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=sTAriDt-16U>. Acesso em: 28 abr. 2022.

ARTES. Dedochê dos **3 Porquinhos.** YouTube, 16 maio 2020. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=Ev4EQMPEGbc&ab_channel=Artesqueeufo%C3%A7o. Acesso em: 28 abr. 2022.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC).** Educação é a Base: Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio. Brasília: MEC/CONSED/UNDIME, 2018.

CORSINO, Patrícia (Org.) **Travessias da literatura na escola.** Rio de Janeiro: 7 Letras, 2014.

FELTRO, Ness'art Brinquedos de. **Dedochê alfabeto divertido - BORBOLETA.** YouTube, 30 maio 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=k2m2g1HIDBA>. Acesso em: 28 abr. 2022.

FUROR PEDAGÓGICO. **Dedochê de papel #2.** YouTube, 26 set. 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LX35mMazR8g>. Acesso em: 28 abr. 2022.

LOPES, Camila Lorena; NAVARRO, Elaine Cristina. A importância da literatura na Educação Infantil para a formação de leitores letrados. **Interdisciplinar: Revista Eletrônica da UNIVAR**, Araguaia, v. 1, n. 11, p. 15-19, 2014.

MARTINS, Maria de Nazareth Fernandes *et al.* A contaço de histórias na Educação Infantil: mediaço no processo de desenvolvimento da criança. *In*: ARAUJO, Hilda Mara Lopes *et al.* (Orgs.). **Uma viagem ao mundo do “faz de conta”:** experiências com contaço de histórias na Educação Infantil. Teresina: EDUFPI, 2022a. p. 12-24.

MARTINS, Maria Nazareth Fernandes *et al.* A contaço de histórias e as possibilidades criadas pelas técnicas de fantoche, dedochê e varal de histórias. *In*: ARAUJO, Hilda Mara Lopes *et al.* (Orgs.). **Uma viagem ao mundo do “faz de conta”:** experiências com contaço de histórias na Educação Infantil. Teresina: EDUFPI, 2022b. p. 38-50.

PET PEDAGOGIA UFPI. **A Releitura de Flits - Técnica do Dedochê.** YouTube, 17 fev. 2022. Disponível em:

https://www.youtube.com/watch?v=XJ5fRRpFABA&ab_channel=PETPedagogiaUFPI.

Acesso em: 28 abr. 2022.

PET PEDAGOGIA UFPI. **O passeio dos animais - Técnica do Varal de Histórias.**

YouTube, 17 fev. 2022. Disponível em:

https://www.youtube.com/watch?v=bTCTwxwLhTI&ab_channel=PETPedagogiaUFPI.

Acesso em: 28 abr. 2022.

PICNIC DE PALAVRAS. **Como fazer Fantoche de Meia rápido e fácil.** YouTube, 25 jan. 2020. Disponível em:

https://www.youtube.com/watch?v=4zkaVX7m74I&ab_channel=PicnicdePalavras. Acesso

em: 28 abr. 2022.

PONTO. **Oficina de fantoches com meias “Dendicasa”.** YouTube, 1 jul. 2020. Disponível

em: <https://www.youtube.com/watch?v=SiSPh8gHAq8>. Acesso em: 28 abr. 2022.

PORTO, Andreia Anna Amaral; KAFROUNI, Roberta. Teatro e desenvolvimento psicológico infantil. **Avances em Psicologia Latinoamericana**, Bogotá (Colombia), v. 31, n. 3, p. 575-585, 2013.

RODRIGUES, Luziane Patricio Siqueira; OSTETTO, Luciana Esmeralda. Tem um leitor aqui! Narrativas de professoras sobre práticas leitoras na creche. **Nuances: Estudos sobre Educação**, Presidente Prudente, v. 27, n. 3, p. 173-190, set./dez., 2016.

SPOLADORI, Lílian Salomão. **Como fazer fantoche com meia.** YouTube, 24 mar. 2020. Disponível em:

https://www.youtube.com/watch?v=1sQ0UzkJpNA&ab_channel=L%C3%ADlianSalom%C3%A3oSpoladori. Acesso em: 28 abr. 2022.

SOUZA, Linete Oliveira de; BERNARDINO, Andreza Dalla. A contação de história como estratégia pedagógica na Educação Infantil e Ensino Fundamental. **Educere et Educare: Revista de Educação**, Cascavel, v. 6, n. 12, p. 235-249, 2011.

VIGOTSKY, Lev Semionovitch. **Imaginação e criação na infância**: ensaio psicológico livro para professores. Trad. Zoia Prestes e Elizabeth Tunes. São Paulo: Expressão Popular, 2018.

VYGOTSKY, Lev Semionovitch. **A formação social da mente**: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. São Paulo: Martins Fontes, 1991a.

VYGOTSKY, Lev Semionovitch. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1991b.

ZIRALDO. **Flicts**. 2. ed. São Paulo: Melhoramentos, 2012.

LEITURA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: POSSIBILIDADES CRIADAS COM O USO DO TAPETE DE HISTÓRIAS

Maria de Nazareth Fernandes Martins - nazarethfernandesmartins@ufpi.edu.br

Joana D'arck Borges Leal - darckleal@hotmail.com

Maria Aparecida da Silva Barros - mariaaparecida@ufpi.edu.br

Gabriela de Matos Soares - gabrielams@ufpi.edu.br

Maysa Figueredo Rocha - maysarocha057@gmail.com

Introdução

A leitura na Educação Infantil é pensada de muitas formas e com diferentes propósitos. Em face disso, neste capítulo a compreensão de leitura é tida como atividade realizada pelo adulto para criar condições da criança aprender sobre a vida e, de forma específica, sobre a cultura escrita. O interesse que a criança tem em ouvir e contar histórias são motivados pela necessidade de conhecer o mundo, além de estabelecer relações entre o vivido pela criança e o enredo das personagens das histórias contadas. A própria expressão “era uma vez” das histórias infantis cria mediações para a criança imaginar, fantasiar, desenvolver a memória, a atenção voluntária, o pensamento. Seu primeiro contato com o mundo literário acontece através das experiências sonoras e imagéticas e vai se ampliando para a leitura e para a linguagem escrita.

Nessa perspectiva, é fundamental que o livro se faça presente desde a primeira infância, para a criança ter contato com a literatura e ter essas experiências por meio dos sons, das imagens, do toque, do suporte livro e de outros materiais utilizados para mediar o momento da contação. É pelas possibilidades de desenvolver diferentes funções psicológicas na relação indivíduo/meio que a contação de histórias deve ocupar um lugar estratégico na Educação Infantil e no ensino da leitura.

A contação de histórias faz uso de outras atividades e linguagens, como as brincadeiras e músicas, para criar motivos, pelas crianças, para ler/contar histórias. A contação também se torna importante por tornar o primeiro contato com a leitura na escola ainda mais rico e prazeroso, e produzir sentidos sobre a leitura como atividade de descoberta, de alegria, de experimentar diversos sentimentos, de aprender sobre a vida.

Os argumentos apresentados nos fazem reiterar que as crianças são motivadas a ler quando o contato com os livros é iniciado desde bem pequenas, como na contação de histórias. Esse processo quer seja utilizando uma técnica específica, quer seja utilizando apenas o suporte livro, cria mediações para a formação do hábito de leitura.

Quando a rotina da escola de Educação Infantil contempla as rodas de leitura e as rodas de conversa sobre a vida, sobre as histórias lidas, as crianças podem desenvolver o pensamento, ampliar sua capacidade de expressar sentimentos, emoções e desejos do que lhe afeta e vai lhe constituindo.

Os momentos de leitura na Educação Infantil revelam a importância da relação adulto/criança em sala de aula, desde a escolha de livros que proporcionem diversas informações, de diferentes histórias com diferentes versões, assim também, como as conversas sobre o autor, o ilustrador e a valorização da obra por inteiro. Além disso, conversar sobre a cultura local faz parte do processo de formação da criança, pois constitui parte da história de onde ela vive.

Assim, o presente capítulo tem por finalidade relatar as aprendizagens produzidas na apresentação da técnica tapete de histórias como possibilidade de realizar leitura para crianças da Educação Infantil. A vivência dessa técnica envolveu, sobretudo, o processo criativo e as significações produzidas nessa forma de contar histórias para as crianças, pois o tapete de histórias é uma das muitas mediações criadas pelo adulto para gerar o desenvolvimento infantil, como a atenção voluntária, a memória, a linguagem, mesmo quando a história contada faz parte do repertório de histórias conhecidas por ela.

Os conteúdos em discussão contemplam: a finalidade da leitura na Educação Infantil, a cultura local, as técnicas para organizar rodas de leitura para crianças. A metodologia utilizada é de relato de experiência sobre o Curso de Extensão, intitulado: “Uma viagem no mundo do “faz de contas”: contar histórias como intervenção socioeducativa a partir do imaginário infantil”, desenvolvido no âmbito do Programa de Educação Tutorial (PET)/Pedagogia - Universidade Federal do Piauí (UFPI), em sua terceira edição, ano de 2021, especialmente os módulos teóricos que realizaram a discussão sobre a temática escolhida pelos autores para planejamento e reflexões sobre a contação de histórias para crianças.

A estrutura do capítulo contempla a discussão sobre a leitura na Educação Infantil, ao tratar sobre o ensino da leitura para além das habilidades de ler e de escrever; na segunda seção, abordamos o ensino da cultura local mediado pela contação de histórias e o uso de parlendas e do Hino do Piauí; na terceira seção, tratamos da contação de histórias por meio da técnica tapete de histórias, e por fim, nossas considerações finais. Diante disso, iniciamos a discussão na seção seguinte, que trata da leitura na Educação Infantil.

Leitura na Educação Infantil: o ensino para além das habilidades de ler e escrever

Iniciamos essa seção, referenciando Saviani (2015), quando trata da apropriação dos bens culturais para a formação humana, dentre esses bens está a escrita, que atrelada ao valor da apropriação e objetivação da linguagem escrita, reverbera em práticas escolares que visam o simples domínio do alfabeto. Isso ocorre porque a escola atende às exigências sociais e limita a leitura para as crianças ao mínimo, ou seja, o domínio do código escrito.

Entretanto, a escola deve preparar para a vida e não apenas para o mercado de trabalho, isso significa que não deve limitar o ensino ao domínio do alfabeto e de rudimentos da escrita. Dessa forma, iniciamos a defesa sobre a realização da contação de histórias com as diversas possibilidades de técnicas, como umas das formas de garantir a presença da leitura na escola de Educação Infantil.

A defesa que fazemos é de aproximar a criança ao que se tem de mais evoluído quanto a linguagem escrita, a literatura infantil e os diversos gêneros textuais. A criança necessita aprender os usos da escrita e da leitura na sociedade. Esse cenário nos remete ao seguinte questionamento: Como organizar o ensino da leitura na escola de Educação Infantil? Esse questionamento gera uma segunda pergunta: Quem é a criança e como ela se desenvolve?

Os dois questionamentos têm como um dos fatores determinantes a relação dicotômica entre ler e escrever, ao acontecerem de forma mecânica e repetitiva com o ensino de grafemas e fonemas. E para superar a relação dicotômica entre ler e escrever na escola e na vida, a leitura de histórias, da literatura infantil, da contação de histórias, deve ser atividade permanente na Educação Infantil.

Smolka (2019) ressalta que a complexidade do tempo histórico, a complexidade da língua em suas múltiplas facetas, a complexidade das relações sociais e a desigualdade das condições de vida, torna complexo criar mediações para a criança interagir com o mundo da leitura. Diante dessa complexidade, recorreremos a Psicologia Histórico-Cultural para nos ajudar a explicar o questionamento: quem é a criança e como ela se desenvolve? E a referida teoria nos esclarece que a criança se desenvolve por meio de crises, isso por quê: “é um processo de luta entre as aprendizagens já consolidadas e as novas necessidades criadas na relação indivíduo meio, gerando um salto na forma de pensar, sentir e agir no mundo” (MARTINS, 2019, p. 39).

E a relação indivíduo/meio para gerar um salto na forma de pensar, sentir e agir no mundo poderá ter, nos momentos de contação de histórias, uma situação social de desenvolvimento. Estamos relacionando esse processo, aos processos criadores presentes já na

primeira infância. Denominamos de criação, a atividade da pessoa que cria algo novo, seja um objeto do mundo externo ou uma elaboração da mente ou do sentimento presente que é percebido apenas pela pessoa. Assim, quando a criança assume um papel imaginário, é criada a zona de desenvolvimento iminente. “Ao fim da idade pré-escolar, a imaginação torna-se relativamente independente em relação à atividade, no plano externo, em cuja base ela se formou” (VOLOBUEVA; ZVEREVA, 2019, p. 75).

Os processos criadores estão relacionados à aprendizagem da leitura, como o que se tem de mais evoluído para registrar, de auxílio da memória e mediação para aprendermos sobre os conhecimentos historicamente produzidos pelo ser humano. Os processos criadores são limitados quando “o leitor não existe, pois não houve algo a dizer, houve uma instrução a ser seguida. O fim da produção é aprender a técnica da escrita, não a apropriação da linguagem” (GIROTTTO; PEREIRA, 2010, p. 296).

Com base na Psicologia Histórico-Cultural, devemos considerar que o desenvolvimento é histórico, o que significa dizer que envolve (trans) formação contínua. E trabalhar a contação de histórias pode gerar situação social de desenvolvimento. Para explicar tal afirmação, recorremos a Girotto e Pereira (2010, p. 291):

Apropriar-se da linguagem escrita é ter a possibilidade de apropriar-se do saber historicamente acumulado num processo que envolve criatividade e questionamento, visto que a formação humana deve ser reflexo de sua humanização, condição fundamental para que o processo formativo ocorra.

Tratar da leitura na escola de Educação Infantil é explicitar o objetivo da linguagem escrita para o desenvolvimento da criança, acirrando contradição com práticas repetitivas para ensinar grafemas e fonemas para crianças de 4 e 5 anos de idade. Assim, a leitura para as crianças deve acontecer na escola, por meio do suporte livro e das diferentes técnicas, como o tapete de histórias, a fim de garantir o acesso aos bens culturais e desenvolver as máximas potencialidades do ser humano. Nesse caso, o desenvolvimento do comportamento leitor e do uso da leitura na vida é gerado quando o objetivo da leitura na escola visa o desenvolvimento integral da criança, ou seja, avanço nas habilidades de ler e escrever. Primeiro, o adulto lê/conta, como par mais experiente; depois, a criança lê/conta. O que irá gerar interação entre indivíduos pela mediação da leitura.

Na próxima seção apresentamos uma das possibilidades de realizar ações que avance do ensino de grafemas e fonemas para o ensino da leitura e da escrita com bem cultural.

A leitura para crianças e o ensino da cultura local como conteúdo da Educação Infantil

A literatura infantil, antes de ser literatura, é arte, e ainda, pode possibilitar ao indivíduo atuar sobre a realidade de forma criativa, inventiva e emancipatória (MICARELLO; BAPTISTA, 2018), ou seja, a leitura para as crianças se faz necessária desde os primeiros anos de vida e se produz o interesse pelos livros e pelo universo literário. No mundo hodierno, a literatura se encontra como libertadora e possibilita às crianças superar os limites impostos pela realidade, faz com que as mesmas utilizem a sua imaginação e tragam consigo maneiras de como lidar com as vivências cotidianas.

Corroborando esse argumento, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (BRASIL, 2018) se fundamenta nas Diretrizes Curriculares para Educação Infantil (BRASIL, 2010) e define seis direitos de aprendizagem, dentre estes, o ‘conhecer-se’:

Conhecer-se e construir sua identidade pessoal, social e cultural, constituindo uma imagem positiva de si e de seus grupos de pertencimento, nas diversas experiências de cuidados, interações, brincadeiras e linguagens vivenciadas na instituição escolar e em seu contexto familiar e comunitário. (BRASIL, 2018, p. 38)

A literatura sendo prática pensada e planejada pelo adulto em sala de aula tem possibilidade de garantir, de forma prazerosa, o contato da criança com a leitura, com o conhecimento linguístico e artístico. A interação da criança com a leitura, evidencia para ela, que pertence a uma sociedade, que existe regras e normas, porque foram criadas situações na escola que potencializem o seu desenvolvimento.

O desenvolvimento humano, como preparação para a vida, ocorre quando a criança pode se conhecer e conhecer o ambiente à sua volta. É possível compreender também, que a troca de experiências com o outro no momento da contação de histórias é uma brincadeira, que pode gerar, em outros momentos, o brincar de “faz de conta”, com a criança assumindo o papel do adulto que ler, do adulto que vira uma personagem de uma das histórias contadas.

De acordo com Leontiev (2014), não nascemos humanos, mas nos tornamos humanos ao passo que nos apropriamos dos conhecimentos e experiências acumulados ao longo da história da humanidade. E essa apropriação de conhecimentos se revela através de trocas de experiências com outros indivíduos (VIGOTSKI, 2018). É por meio da interação, que a criança vivencia costumes, crenças, ações práticas dos adultos. As histórias dos livros de literatura têm base nessa realidade social, evidenciam a vida em sociedade, portanto, são mediadoras no processo de formação da criança.

As trocas de experiências e as demais interações são necessárias porque geram ações que podem transformar a realidade social e nos transformar. Os conhecimentos historicamente produzidos e que estão materializados na magia das histórias, como obra de arte, motivam a criança a descobrir mais sobre o mundo em que vive, mostrando como é essencial sua aproximação com a cultura escrita.

A cultura é o resultado dos processos sócio-históricos que a sociedade produz e que são repassados de geração a geração. Na pandemia da Covid-19, a troca de experiências na Educação Infantil se deslocou para as residências das crianças, alterando a função das famílias no processo formativo da criança, ao exigir fazê-lo de forma sistemática e com intencionalidade definida.

No isolamento, as crianças puderam mostrar como era a vida em família, seu cotidiano, exigindo, ainda mais, a aproximação da escola com a educação familiar. E como ficou a atividade pedagógica de ler para as crianças? Como fazer essa leitura? Como as professoras e professoras poderiam criar mediações para que esses momentos continuassem a acontecer?

Diante disso, consideramos que as manifestações culturais locais poderiam ser uns dos conteúdos viáveis para professores e familiares na educação e cuidado da criança. A cultura regional é necessária e afeta, de forma intensa, os adultos e estes podem partilhar experiências e vivências sobre a história local. E isso pode ser realizado no âmbito literário. Por meio das trocas de experiências, as crianças podem aprender sobre o regionalismo e a relação com a constituição da realidade local e dos membros da própria família. Exemplo disso é a introdução do hino do Piauí no formato de histórias, a fim de que as crianças se apropriem de conhecimentos sobre a história regional.

Além do hino do estado do Piauí, o contato com o gênero literário parlendas se caracteriza com um regionalismo forte e também possibilita o brincar com as palavras, pois, todos esses gêneros textuais constituem possibilidades de mediação para o desenvolvimento infantil e aprendizagem da leitura, geram motivação para o desenvolvimento da imaginação da criança, para a brincadeira e atendem a necessidade de conhecer o mundo.

A defesa que fazemos é de que a leitura vai além de gravar um fonema, ela é acima de tudo, a possibilidade de materializar o pensamento e, a partir disso, ampliá-lo para que a criança possa estimular o imaginário. E consideramos a contação de histórias geradora de possibilidades de desenvolvimento da criança. Nas vivências das rodas de leitura, a criança começa imitar o adulto ao ler as histórias conhecidas. Nesse processo, ela fantasia e cria novas histórias a partir da original, o que nos leva a necessidade de explicitar o objetivo da Educação Infantil, a partir do que aponta Martins (2019, p. 25-26):

[...] o objetivo da Educação Infantil é criar condições para apropriação e objetivação da cultura humana pela criança, na qual o adulto é quem planeja e realiza ações para intervir no processo ensino e aprendizagem, visando ao desenvolvimento infantil em suas máximas potencialidades.

Ao citar Martins (2019), com relação ao objetivo da Educação Infantil, ressaltamos que a apropriação e a objetivação da cultura humana envolvem conhecer as produções culturais do local, envolve conhecer histórias contadas pelos adultos. E a proposta de utilizar a técnica do tapete de histórias visa criar mediações para organizar rodas de leitura mais dinâmicas e gerar possibilidades diversas de interação, por exemplo, a contação usando versos do hino do Piauí e parlenda, de forma autoral.

A técnica tapete de histórias: uma experiência do PET/Pedagogia-UFPI

O projeto de extensão do PET/Pedagogia-UFPI foi o responsável por oportunizar a possibilidade excepcional de trabalhar a contação de história como ferramenta no desenvolvimento das crianças na Educação Infantil e no Ensino Fundamental – anos iniciais. Com encontros semanais e duração de 10 meses, reuniu diversas técnicas para se trabalhar na contação dentro e fora de sala de aula, como fantoches, tapetes de histórias, parlendas, cordel, Libras, rodas de conversas, história cantada, história no livro e outras mais.

No ano de 2021, em meio à pandemia da Covid-19, tal Projeto de Extensão foi realizado por via remota, mas sem prejuízo nenhum para os participantes, tendo em vista que foram proporcionadas todas as ferramentas necessárias para se trabalhar o conteúdo teórico-metodológico. Dentre tantas técnicas mencionadas, abordamos nessa seção, a técnica tapete de história. Técnica esta, que teve como finalidade apresentar, de forma visual e sonora, a história para as crianças.

Com essa forma de contação, pensamos ser possível estimular a participação das crianças para situações potentes de interação e assim, desenvolver a imaginação, a memória, a atenção voluntária, a linguagem oral, a própria linguagem escrita, além de criar mediações para desenvolver a motricidade.

A participação no Projeto Contação de Histórias possibilitou aprendizagens como agir no momento de contar histórias para as crianças, o cenário para desenvolvê-la, a faixa etária das crianças para cada técnica. o tipo de história a ser contada, o tempo necessário para ler cada

história que está relacionada ao nível de desenvolvimento e idade da criança. As aprendizagens nos remetem a considerar necessário conhecer o nível de desenvolvimento da atenção voluntária da criança e como ir criando as condições de avançar no desenvolvimento dessas funções psicológicas superiores.

O cuidado com a entonação da voz foi outra aprendizagem produzida no curso, além das diversas técnicas e materiais para contar histórias, como também, a relação de unidade entre teoria e prática, ao discutirmos conceitos e categorias da Teoria Histórico-Cultural, com o objetivo de compreender o desenvolvimento humano. O ato de contar história não é meramente um ato lúdico, mas um ato de cuidado e de educação da criança.

Um dos maiores desafios enfrentados ao planejar uma contação de histórias foi a gravação e a narração do vídeo com as personagens da história no tapete, apresentar as imagens no tapete de acordo com a narração da história, adequando ao tempo da narração. Isso porque, no formato remoto de realização do curso, foi necessário usar a vídeo-gravação. Nossa equipe se organizou para trabalhar com duas técnicas, e, além do tapete de histórias, foi utilizado também o gênero parlenda. Assim, uma integrante fez a narração da história, esta produzida pelo grupo inteiro inspirada no hino do Piauí; e a outra, na confecção e articulação frente a câmera do celular. Foram várias tentativas até a edição final do vídeo. Mas, a experiência foi única, pois não imaginávamos que alguns minutos de gravação do tapete de história seria tão desafiador.

Quanto à técnica da parlenda, por se tratar de uma pequena história ritmada, foi possível apresentar três em um único vídeo, sendo a última produzida também pelo grupo com inspiração no hino do Piauí, visto que a temática escolhida para apresentar, através das histórias, foi a cultura regional, pouco trabalhada em sala de aula. As integrantes também realizaram a narração e fizeram uso dos aplicativos de edição de imagens para juntar imagens e sons.

Os conhecimentos tanto na vida profissional quanto pessoal foram ampliados de igual forma. Foram apresentadas diversas técnicas de contação de histórias no âmbito do curso de extensão, cada uma criando diferentes caminhos para a produção do conhecimento pelas crianças.

Alencar (2014) assegura que a prática educativa se trata de uma dimensão da vida humana que se transforma historicamente numa dinâmica dialética com o contexto no qual o educador está inserido. Assim, a produção dessas práticas, por sujeitos historicamente constituídos, perpassa a forma como estes são afetados por todas as dimensões que constituem o processo educativo, bem como a sociedade na qual este sujeito e a escola estão inseridos. A

dimensão do desejo, é salientada pela autora como elemento central no processo de constituição da identidade do educador e, conseqüentemente, de sua prática. A ordem desse desejo, portanto, medeia toda a ação e reflexão no entorno da prática educativa.

A contação de história no tapete proporciona uma aproximação da criança com a leitura. A prática educativa que é constituída na intenção de desenvolver as máximas potencialidades da criança faz uso da ação de contar para as crianças a fim de que elas sejam desafiadas a falar das personagens das histórias, a recontar a história da forma que entendeu. Desafiá-las também, a aprender uma história ritmada.

E o que são parlandas? São pequenas histórias ritmadas, e as crianças ao ouvi-las podem emitir sons com as mãos ou sons sonoros, como desafios para acompanhar a história. Apontamos isso para explicitar as diversas possibilidades que a ação de contar histórias gera.

Ressaltamos que durante o processo de contação de histórias, não apenas a escuta promove a estimulação em diversos aspectos do desenvolvimento, mas todas as ações do educador, ao longo desse momento, são importantes para essa estimulação, tais como os gestos, os sons, as expressões faciais e afetivas, podem e devem ser exploradas durante esse momento extremamente potencializador para o desenvolvimento da criança.

A leitura de histórias na Educação Infantil é necessária por ser um bem cultural que a criança tem que se apropriar e objetivar em ideias, ações, compreensões sobre a realidade social. Dessa forma, apresentamos a história produzida para a contação por meio do tapete de histórias.

Por que meu nome é Sol?

Era uma vez uma menina chamada Sol, ela era muito curiosa e esperta. E certo dia, foi brincar no quintal da sua casa e logo percebeu uma coisa, ela não sabia por que seu nome era Sol. A menina saiu correndo em direção a sua mãe e lhe fez uma pergunta:

- Mãe, mãe, mãe!! (falou Sol)

- O que houve, minha filha? (Perguntou a mãe preocupada)

- Por que meu nome é? (indagou a Sol)

- Ah, minha filha! É uma história tão linda! Você quer ouvir? (a mãe animada falou)

- Siiim! (Sol disse alegre)

- Que saudade das matas verdes e serras azuis! Bom, tudo começou em minha querida terra, a filha do sol equador, pertence tanto a minha vida, o meu sonho e o meu grande amor. Lá há águas do Parnaíba, para onde você olha a rio abaixo e rio arriba, e vão se espalhando por todo sertão, até chegar nas várzeas e chapadas. É uma terra tão querida, minha Sol, teu canto de exaltação. O seu nome tem o amor desta terra, tem o brilho dos raios de sol. Por isso o seu nome é Sol, representa tudo isso que eu vivenciei na minha infância.

A avó de Sol, ao observar a cena, entrou na conversa, perguntando também se Maria sabia o significado do nome:

- E você sabe o que significa seu nome, minha Maria?!!

- Não mãe, me diz por que é?

- Porque também amei essa terra querida, e toda Maria me lembrar o Piauí (Então sua avó conta a seguinte parlandia)

*O sol que te aquece e ilumina
Faz de tu a menina
que brinca sorridente
admirada com a beleza
dessa terra que tanto encanta
Essa terra de riqueza*

Imagem 01: Tapete de histórias



Fonte: Arquivo pessoal das autoras (2021)

Imagem 02: Tapete de histórias sendo apresentado



Fonte: Arquivo pessoal das autoras (2021)

Como explicamos, a história foi contada usando o tapete de histórias e com o propósito de criar novas estratégias para a contação na Educação Infantil. Consideramos que as

aprendizagens geradas no cumprimento das ações do Projeto de Contação de Histórias nos fizeram agir como intelectuais da educação, porque não ficamos na reprodução, mas avançamos para a produção de histórias com elementos da cultura local. Isso foi gratificante. Na próxima seção, apresentamos nossas considerações finais.

Considerações finais

Para finalizar nossa discussão e apontar indícios de que a reflexão sobre a leitura na escola apenas começou, afirmamos: privar o ser humano [criança] de seu objeto cultural [ler e escrever] é destituí-lo de sua humanidade, possibilitando assim, apenas a satisfação de necessidades imediatas de sobrevivência.

Assim, da discussão empreendida, o que sintetizamos é que a leitura na escola de Educação Infantil deve ser organizada para ir além do ensino das habilidades de ler e escrever. Isso significa que é necessário garantir, na rotina das crianças, momentos de rodas de leitura, na qual o adulto, professora ou professor, leia para as crianças. A professora e/ou professor de Educação Infantil é o par mais experiente, profissional responsável para organizar as ações e as tarefas a serem realizadas pelas crianças, mas com intencionalidade educativa.

A intencionalidade deve ser o desenvolvimento, em suas máximas potencialidades, para os usos da leitura na vida, como fonte de conhecimento, como obra de arte, como mediação para aprender sobre a cultura local. Nessa perspectiva, a técnica tapete de histórias para realizar a contação para as crianças é geradora de possibilidades de experiências formativas sobre leitura, sobre contação, sobre cultura local e sobre como a criança se desenvolve.

As aprendizagens produzidas no projeto PET/Pedagogia-UFPI sobre contação de histórias constituem em processo formativo para professores e para a iniciação à docência. De forma específica, as aprendizagens sobre a técnica tapetes de histórias, planejada com base no desenvolvimento humano como processo de luta, de contradição, de crises, gerou possibilidades de organização e de realização da leitura na escola de Educação Infantil.

As técnicas apresentadas no projeto Contação de Histórias do PET proporcionaram, acima de tudo, a criação de modelos de atividade pedagógica na qual a intervenção do adulto, como par mais experiente, é capaz de gerar situações em que a criança imagina, fantasia, fala, aprecia e interage com os outros envolvidos nesse momento. Mostra também, o lugar da contação de histórias no desenvolvimento da criança e as possibilidades que ela pode gerar. Finalizamos a discussão, reafirmando a necessidade de discutir o processo de formação de

professores da Educação Infantil, como também, a necessidade de aprofundar estudos sobre a leitura literária na escola.

Referências

ALENCAR, Eliana de Sousa Alencar. **O sócio-afetivo mediando a constituição de práticas educativas bem sucedidas na escola**. 2014. 324 f. Tese (Doutorado em Educação) – Centro de Ciências da Educação. Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2014.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Brasília: MEC; SEB, 2010.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Educação é a Base: Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio. Brasília: MEC/CONSED/UNDIME, 2018.

GIROTTO, Cyntia Graziella Guizelim Simões; PEREIRA, Andreia da Silva. A alfabetização sob o olhar da teoria histórico-cultural: sobre a necessidade e a atividade de estudo. **Ensino Em-Revista**, Uberlândia, v. 17, n. 1, p. 277-301, jan./jun., 2010.

LEONTIEV, Alexis N. Uma contribuição à teoria do desenvolvimento da psique infantil. *In*: VYGOTSKII, Lev Semenovich; LURIA, Alexander Romanovich; LEONTIEV, Alexis N. **Linguagem, Desenvolvimento e Aprendizagem**. Trad. Maria da Penha Villalobos. 13. ed. São Paulo: Ícone, 2014. p. 59-83.

MARTINS, Maria de Nazareth Fernandes. **Prática pedagógica da Educação Infantil mediada pelo brincar**: de estratégia de ensino à atividade guia do desenvolvimento integral a criança. 2019.312 f. Tese (Doutorado em Educação) – Centro de Ciências da Educação. Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2019.

MICARELLO, Hilda; BAPTISTA, Mônica Correia. Literatura na Educação Infantil: pesquisa e formação docente. **Educar em Revista**, Curitiba, v. 34, n. 72, p. 169-186, nov./dez., 2018.

SAVIANI, Dermeval. O conceito dialético de mediação na pedagogia histórico-crítica em intermediação com a psicologia histórico-cultural. **Germinal: Marxismo e Educação em Debate**, Salvador, v. 7, n. 1, p. 26-43, 2015.

SMOLKA, Ana Luiza Bustamante. Relações de ensino e desenvolvimento humano: reflexões sobre as (trans)formações na atividade de (ensinar a) ler e escrever. **Revista Brasileira de Alfabetização – ABAIf**, Belo Horizonte, v. 1, n. 9, p. 12-28, jan./jun., 2019.

VIGOTSKI, Lev Semionovitch. **7 aulas sobre L. S. Vigotski**: sobre os fundamentos da pedologia. Organização [e tradução]: Zoia Prestes e Elizabeth Tunes. Tradução: Cláudia da Costa Guimarães Santana. Rio de Janeiro: E-Papers, 2018.

VOLOBUEVA, Ludmila; ZVEREVA, Olga. As ideias de L. S. Vigotski na Educação Infantil Russa na atualidade. **Revista Teoria e Prática da Educação**, Maringá, v. 22, n. 1, p. 73-77, jan./abr., 2019.

PERFIL CIENTÍFICO DOS ORGANIZADORES E AUTORES

Alice Alves Machado

Graduanda em Pedagogia pela UFPI
Petiana do Programa de Educação Tutorial /PET-Pedagogia-UFPI
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6362103925116647>
Email: alvesalvesmachado@gmail.com

Aline Maria da Silva Gabriel

Graduanda em Pedagogia pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1161690618323096>

Amanda Vieira de Sousa

Graduanda em Letras pelo IFPB
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8760246963334498>
Email: amandavieirasousa18@gmail.com

Ana Beatriz Nascimento Melo

Graduanda em pedagogia pela UVA
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8515011778456404>
Email: beatriznascimentomello@gmail.com

Andreza Bernardes Candeira da Silva

Graduanda em Pedagogia pela UFPI
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6527682718151294>
Email: andrezabernardes2001@gmail.com

Antonia Tayana Clemente Viana

Graduada em Licenciatura em Pedagogia pela Faculdade Maurício de Nassau de Teresina-PI.
Professora com experiência no ensino infantil e fundamental I, bem como professora atuei escolas públicas de Altos-PI e Teresina-PI.
Especialização em Docência, Gestão e Supervisão Escolar pela Faculdade do Médio Parnaíba-FAMEP.
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7953304366969356>
Email: tayanaclemente01@gmail.com

Armennia Vitoria Araújo Santos

Graduanda em Pedagogia pela UFPI
Petiana do Programa de Educação Tutorial /PET-Pedagogia-UFPI
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3383930696812971>
Email: armennia25@gmail.com

Cláudia Maria Pinto Diniz

Professora da Secretaria Municipal de Educação e Cultura (SEMEC) - Teresina
Email: cmariadiniz@hotmail.com

Dalila Castelliano de Vasconcelos

Doutora em Psicologia Social pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

Mestre em Psicologia da Saúde pela Universidade Católica Dom Bosco (UCDB)

Psicóloga pela Universidade Católica Dom Bosco (UCDB)

Professora do Mestrado Acadêmico em Educação e da Unidade Acadêmica de Educação da Universidade Federal da Campina Grande (UFCG).

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0108130414374624>

E-mail: dalila_bal@hotmail.com

Elenice Maria de Souza Ferreira

Professora da Secretaria Municipal de Educação e Cultura (SEMEC) - Teresina

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2919776494858801>

Email: nicesferreira13@gmail.com

Emanuele Alves de Sousa

Especialista em Docência do Ensino Superior - Faculdade Mauricio de Nassau

Graduada em Pedagogia com Habilitação em Supervisão Educacional - Faculdade Piauiense – FAP

Graduada em Licenciatura em Educação Física - UFPI/PARFOR

Efetiva na Rede Pública no município de Luís Correia - PI

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2680486851586124>

Email: emanuelealves.alves@hotmail.com

Fabiana Ramos

Doutora em Linguística pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

Mestre em Letras pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

Graduada em Letras pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

Professora Adjunta do Curso de Pedagogia e do PPGEd da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3523474491236304>

Fábio Soares da Costa

Pós-doutorando em Educação pela Escola de Humanidades (PPGEdu) da PUCRS.

Doutor em Educação pela Escola de Humanidades da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PPGEDU/PUCRS (Bolsista CAPES/PROEX).

Mestre em Comunicação pelo PPGCOM/UFPI.

Especialista em Supervisão Escolar pela Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ.

Licenciado em Educação Física pela Universidade Federal do Piauí - UFPI.

Pesquisador do Grupo de Estudos e Pesquisa sobre Questões Sociais na Escola - PUCRS.

Coordenador do Grupo de Estudos de Pesquisas OBCORPO - Observatório do Corpo: mídia, educação e movimento.

Professor Adjunto do Departamento de Métodos e Técnicas de Ensino - DMTE/CCE da Universidade Federal do Piauí - UFPI.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7829369714568555>

Email: fabiocosta@ufpi.edu.br

Francelena dos Santos

Graduada em Licenciatura em ciências sociais pela Universidade Federal do Piauí
Graduada em licenciatura plena em pedagogia pela Universidade Federal do Piauí
Especialista em Educação Especial pelo Centro universitário Maurício de Nassau - Recife e em
Língua brasileira de sinais-LIBRAS pela Universidade Federal do Piauí

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2520042824029648>

Email: francelanasantos@gmail.com

Francisca das Chagas Cardoso do Nascimento Santos

Doutora em Educação pela Universidade Federal do Piauí - UFPI

Mestre em Educação pela Universidade Federal do Piauí - UFPI

Graduada em Licenciatura Plena em Pedagogia pela Universidade Estadual do Piauí UESPI

Especialista em Psicopedagogia pela Universidade Cândido Mendes - UCAM

Possui experiência na área de educação, tanto nas séries iniciais quanto no ensino médio.
Atualmente é professora efetiva da Secretaria Municipal de Educação e Cultura (SEMEC) do município de Teresina e da Secretaria de Educação e Cultura do Estado do Piauí (SEDUC - PI).

É membro ativo do NUPPED - Núcleo de Pesquisa sobre Formação e Profissionalização em Pedagogia da UFPI desde 2011.

Atuou como formadora do programa Pacto Nacional Nacional pela Alfabetização na Idade Certa - PNAIC.

Ganhadora do PRÊMIO PROFESSOR RUBENS MURILLO MARQUES pela Fundação Carlos Chagas em 2020 pela participação no projeto "Tempo de alfabetizar com textos: contribuições para a aprendizagem da leitura e da escrita".

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0709039009778379>

Email: cfranciscadaschagas@gmail.com

Francisca Marília Silva Mendes

Graduanda em Pedagogia pela UFPI

Petiana do Programa de Educação Tutorial /PET-Pedagogia-UFPI

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8806117093086568>

Email: franciscamarilia29@gmail.com

Francisco Goncalves de Oliveira Junior

Graduando em Pedagogia pela UFPI

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4314332762271977>

Email: franciscojunioroliveira50@gmail.com

Gabriel de Oliveira Lima

Bacharelado em Direito pela Faculdade Estácio de Teresina

Graduando de Pedagogia pela UFPI

Petiano do Programa de Educação Tutorial /PET-Pedagogia-UFPI

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7204225468001014>

Email: gabrieloliveira@ufpi.edu.br

Gabriel Nunes Lopes Ferreira

Professor Adjunto do Departamento de Métodos e Técnicas de Ensino (DMTE/CCE) Universidade Federal do Piauí (UFPI).

Graduado em Música (Licenciatura) pela Universidade Federal do Ceará

Mestrado e Doutorado (Linha de Pesquisa Educação, Currículo e Ensino/ Eixo: Ensino de Música) pela Universidade Federal do Ceará.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1173292612038089>

Email: gabrielnlf@ufpi.edu.br

Gabriela de Matos Soares

Graduanda em Pedagogia pela UFPI

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3025904252857552>

Email: gdematossoares@gmail.com

Gabrielle Felix de Alencar

Graduanda em Pedagogia pela UFPI

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6229813462969083>

Email: gabymadu09@gmail.com

Geisa Cavalcante Castelo Branco

Graduanda em pedagogia pela UFPI

Petiana do Programa de Educação Tutorial /PET-Pedagogia-UFPI

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3364031376754132>

Email: geisaccastelo0507@gmail.com

Glória Maria Santos Melão

Graduanda em pedagogia pela UFPI

Petiana do Programa de Educação Tutorial /PET-Pedagogia-UFPI

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6523238316055218>

Email: gloriamariamelao@gmail.com

Hilda Mara Lopes Araujo

Doutora em Educação - UFRN;

Mestre em Educação - UESPI

Graduada em Licenciatura em História e Licenciatura em Pedagogia – UFPI

Professora Associada do Departamento de Métodos e Técnicas de Ensino-DMTE/UFPI

Docente do Programa de Pós Graduação em Mestrado Nacional Profissional em Ensino de Física –MNPEF/UFPI

Pesquisadora e Vice Líder do Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Formação, Avaliação, Gestão e Currículo – NUFAGEC

Tutora do Programa de Educação Tutorial/PET-Pedagogia-UFPI

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2683252173503876>

E-mail: hildamara2@hotmail.com

Iara Maria da Luz Santos

Graduanda em Pedagogia pela UFPI

Email: iaramariadaluzsantos92@gmail.com

Ivenilde da Silva Lopes Cronemberger

Graduanda em Pedagogia pela UFPI

Email: kliviahartamos@gmail.com

Jéssica Martins de Sousa

Graduanda em Pedagogia pela UFPI

Email: jessicamartins@ufpi.edu.br

Joana D'arck Borges Leal

Email: darckleal@hotmail.com

Josete Craveiro de Araújo

Professora da Secretaria Municipal de Educação e Cultura (SEMEC) - Teresina

Email: p.a.josete@gmail.com

Juliana Maria Teixeira Rodrigues

Graduanda em Pedagogia pela UFPI

Email: juhmahi@hotmail.com

Lahélia Mariano da Silva

Professora da Secretaria Municipal de Educação e Cultura (SEMEC) - Teresina

Email: lahelia2009@gmail.com

Letícia Danielle Assunção Moraes

Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal do Piauí.

Petiana egressa do Programa de Educação Tutorial - PET Pedagogia-UFPI.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6975258494076569>

Email: leticidadaniellemoraes@gmail.com.

Lidiana Moraes Soares

Graduada em Pedagogia pela Faculdade Piauiense

Graduanda em letras -Português pela UFPI

Professora da SEMED

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4198632074208277>

Email: lid-moraes@hotmail.com

Ligeovânia de Moura Andrade

Professora da Secretaria Municipal de Educação e Cultura (SEMEC) - Teresina

Email: lgiandrade2017@gmail.com

Liliane de Oliveira Amorim

Professora de Educação musical e Musicalização Infantil da educação infantil em rede particular (instituto Dom Barreto e instituto Santo Agostinho) e filantrópica (Escola Popular Madre Maria Villac).

Técnica em música pelo IFPI

Graduada em licenciatura em Artes visuais com habilitação em música pela UFPI.

Regente de coro e orquestra infanto-juvenil em 2012 a 2015.

Especializanda em Musicalização Infantil e Musicoterapia, desde a gestação até idosos.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4108944034277993>

Email: lili.amorim0803@gmail.com

Márcia Eduarda da Silva Alves

Graduanda em Pedagogia pela UVA.

Bolsista pelo o Programa de Educação Tutorial (PET), tutelada pelo a professora Rejane Maria Gomes da Silva.

Voluntária no Projeto Tempo de Aprender no distrito de Baracho.

Pós-graduanda em Psicologia Educacional pela a Faculdade de Quixeramobim.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0696971047030200>

Email: eduardaalves0107@gmail.com

Maria Aparecida da Silva Barros

Graduanda em Pedagogia pela UFPI

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0975379287640564>

Email: aparecida12@gmail.com

Maria de Nazareth Fernandes Martins

Doutora em Educação pela Universidade Federal do Piauí

Mestrado em Educação pela Universidade Federal do Piauí

Especialização em Docência do Ensino Superior pela Universidade Estadual do Maranhão

Graduação em Pedagogia pela Universidade Estadual do Maranhão

Professora Adjunta da Universidade Federal do Piauí, sendo lotada no Departamento de Métodos e Técnicas de Ensino (DMTE) do Centro de Ciências da Educação (CCE)

Professora pesquisadora do Núcleo de Estudos e Pesquisas Histórico-Críticas em Educação e Formação Humana (NEPSH)

Coordenadora Institucional do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID/UFPI.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5758292093456238>

Email: nazarethfernandesmartins@ufpi.edu.br

Maria José Almeida Mascarenhas

Graduada em Licenciatura Plena em Pedagogia pela Universidade Estadual do Piauí

Atualmente é Professor da CMEI Ladeira do Uruguai

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3669713700430258>

Email: mazemascarenhas66@gmail.com

Maria Lemos da Costa

Professora Adjunta do Centro de Ciências da Educação do Departamento de Métodos e Técnicas de Ensino da Universidade Federal do Piauí (CCE/DMTE/UFPI)

Doutora em Educação pela Universidade Federal do Piauí – UFPI

Mestre em Educação pela Universidade Federal do Piauí - UFPI

Graduada em Licenciatura Plena em Normal Superior pela UESPI

Graduada em Licenciatura em Pedagogia pela FLATED

Especialista em Psicopedagogia Institucional e Clínica pela FAM

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9549425540527140>

Email: malialc08@yahoo.com.br

Maysa Figueredo Rocha

Graduanda em Pedagogia pela UFPI

Petiana do Programa de Educação Tutorial /PET-Pedagogia-UFPI

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2400798064924522>

Email: maysarocha057@gmail.com

Micaele Silva Nunes

Graduanda do curso de Pedagogia pela UFPI

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1413138022989236>

Email: micaelenunes881@gmail.com

Maria do Socorro Leal Lopes

Professora Associada da Universidade Federal do Piauí.

Efetiva do Curso de Pedagogia do Centro de Ciências da Educação e do Programa de Mestrado Nacional Profissional em Ensino de Física do Centro de Ciências da Natureza

Professora Colaboradora do Mestrado em Saúde e Comunidade do Centro de Ciências da Saúde.

Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

Mestra pela Universidade Federal do Piauí.

Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal do Piauí-UFPI.

Especialista em Planejamento Educacional e também em Supervisão Escolar pela UFPI.

Membro (vice-líder) do Núcleo de Estudo, Pesquisa e Extensão Sobre Formação de Professor e Práticas Educativas - NEFORPE.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/803242399957578>

Email: mslealopes@ufpi.edu.br

Pedro Victor Góis Maciel

Graduando em Pedagogia pela UFPI

Petiano do Programa de Educação Tutorial /PET-Pedagogia-UFPI

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6071493275904393>

Email: macielpedro@ufpi.edu.br

Ronaldo Matos Albano

Doutor em Psicologia Social pela Universidade Federal da Paraíba

Mestre em Educação pela Universidade Federal do Piauí

Graduado em Licenciatura Plena em Psicologia pela Universidade Federal da Paraíba

Graduação em Formação em Psicologia pela Universidade Federal da Paraíba

Professor adjunto da Universidade Federal do Piauí, Campus Ministro Petrônio Portela, no Centro de Educação Aberta e a Distância.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2409498320546901>

Email: ronaldoalbano@ufpi.edu.br

Sammia Thaynnara Santos da Cunha

Graduanda em Pedagogia pela UFPI

Petiana do Programa de Educação Tutorial /PET-Pedagogia-UFPI

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7613728356303602>

Email: sammiacunha@hotmail.com

Sandra Maria de Sousa

Graduanda em Pedagogia pela UFPI

Email: sandrinhams88@gmail.com

Suyanne Cunha Bittencourt

Licenciada em Letras - LIBRAS pela UFPI

Especialista em Gestão, Coordenação e Supervisão Escolar pela Faculdade Cristo Rei

Graduada em Pedagogia pela UFPI

Professora da Secretaria Municipal de Educação e Cultura (SEMEC) - Teresina

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5994288137388733>

Email: suyannebittencourt@gmail.com

Talita de Sousa Rodrigues

Graduanda em Pedagogia da UFPI

Petiana do Programa de Educação Tutorial - PET Pedagogia-UFPI.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0039819844556091>

Email: talitarodrigues.tr@outlook.com

Tâmia Letícia Hashiguchi

Graduanda em Pedagogia pela UFPI

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7293635694142896>

Email: letimi36@gmail.com

Tarciane Maria Moraes de Araújo

Professora da Secretaria Municipal de Educação e Cultura (SEMEC) - Teresina

Email: tarci_moraes@hotmail.com

Wirla Risany Lima Carvalho

Professora Adjunta do Departamento de Métodos e Técnicas de Ensino (DMTE), do Centro de Ciências da Educação (CCE), da Universidade Federal do Piauí (UFPI).

Doutora e Mestre em Educação Brasileira pela Universidade Federal do Ceará (UFC).

Pesquisadora nos grupos de pesquisa FORMAR/UFPI e GPAP/UFC.

Sócia da Associação Francófona de Pesquisa Científica em Educação Seção Brasileira (AFIRSE).

Pedagoga, Psicopedagoga e Bacharel em Ciências Contábeis.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7405631823456608>

Email: profawirlacarvalho@ufpi.edu.br



PET - PEDAGOGIA
ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO

APOIO:



PREXC

FNDE

Fundo Nacional
de Desenvolvimento
da Educação